



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS FLORIANÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Crisiane de Freitas Soares

**Uma análise fonológica para a escrita em *SignWriting* do léxico CASA, através da  
plataforma *SignPuddle*: um estudo de caso**

Florianópolis – SC  
2022

Crisiane de Freitas Soares

**Uma análise fonológica para a escrita em *SignWriting* do léxico CASA, através da  
plataforma *SignPuddle*: um estudo de caso**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação  
em Linguística da Universidade Federal de Santa  
Catarina como requisito para a obtenção do título de  
Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Marianne Rossi Stumpf, Dra.

Florianópolis – SC

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da  
UFSC.

Soares, Crisiane de F

Uma análise fonológica para a escrita em SignWriting do léxico CASA, através da plataforma SignPuddle: um estudo de cas / Crisiane de F Soares ; orientador, Marianne R Stumpf, 2022.

206 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. SignWriting. 3. Escrita da Língua de Sinais. 4. Sign Puddle Online. 5. Fonologia da Língua de Sinais. I. Stumpf, Marianne R. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Crisiane de Freitas Soares

**Uma análise fonológica para a escrita em *SignWriting* do léxico CASA, através da plataforma SignPuddle: um estudo de caso**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado em 08 de agosto de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Carlos Roberto Ludwig, Dr.



PPGL/ Universidade Federal do Tocantins

Prof.<sup>a</sup> Tatiana Bolivar Lebedeff, Dra.



PPGL/ Universidade Federal de Pelotas

Prof.<sup>a</sup> Débora Campos Wanderley, Dra.



DLSB/ Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para a obtenção do título de Mestra em Linguística.



Documento assinado digitalmente

VALTER PEREIRA ROMANO

Data: 19/09/2022 11:58:39-0300

CPF: 351.916.288-10

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Valter Pereira Romano, Dr.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística



Documento assinado digitalmente

Marianne Rossi Stumpf

Data: 16/09/2022 10:35:16-0300

CPF: 629.042.800-49

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof.<sup>a</sup> Marianne Rossi Stumpf, Dra.



Orientadora

Florianópolis, 2022

## **AGRADECIMENTOS:**



Primeiramente, agradeço a Deus por estar sempre ao meu lado me guiando em toda a minha trajetória, tanto acadêmica quanto profissional, fazendo-me acreditar que eu possuo potencial para realizar as atividades que desenvolvo e, principalmente, por me dar forças para levantar nos percalço da vida.

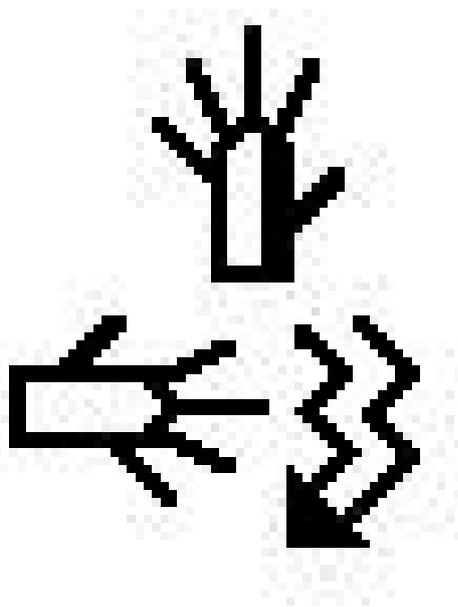
Agradeço principalmente aos meus pais, Inamar e Sérgio, por sempre me instruírem que a educação é a única coisa que ninguém nos retira. Às minhas irmãs Cristiane, Crislaine e Estela por sempre incentivarem e apoiarem minhas decisões, principalmente nos momentos complicados que passei durante meus estudos.

Não poderia deixar de agradecer a sorte de ter encontrado uma pessoa tão especial na minha vida, Vagner Santarem, que está sempre me apoiando, estando ao meu lado, puxando minhas orelhas quando preciso, principalmente quando penso em desistir de tudo por achar que não tenho condições físicas e mentais de seguir minha jornada. Sem teu incentivo, apoio e dedicação não conseguiria estar aqui hoje. Ao grande amor da minha vida, meu filho Davi, que em meio a tantas turbulências no ano de 2020, veio para trazer mais alegrias e me provar que sou mais forte do que imagino.

Não menos importante, agradeço todo o apoio e incentivo recebido das amigas: Nádia Gonçalves, Joseane Viana, Elisabete de Castro, Maíra da Silva e Paula De David, por muitas vezes servirem de ombro amigo em meus momentos de choro, aconselhando-me e me dando alguns empurrões para dar continuidade ao processo acadêmico. À Tatiana Lebedeff pela excelente disciplina de orientação à dissertação, que interpretei, ajudando-me a dar um norte na minha pesquisa e mostrando os caminhos que eu poderia seguir.

E, por fim, a toda equipe acadêmica da UFSC por ter me acolhido de braços abertos durante meus estudos, entendendo que mesmo morando a quase 750km de distância, compreenderam meus esforços e me apoiaram nesta jornada. Muito obrigada, também, aos coordenadores do PPGLin, professores, colegas de turma e, em especial, à minha querida orientadora Marianne Stumpf, por sentar comigo e me mostrar qual caminho seguir nesta vida acadêmica.

A todos que fizeram parte da minha história, meu mais sincero: OBRIGADA!



“A habilidade e o sabor da leitura abrem acesso a tudo o que já foi descoberto pelos outros. Ela é a chave, ou uma das chaves, para os problemas resolvidos. E não só isso. Ela dá tempero e facilidade para conseguir resolver os (ainda) não resolvidos”  
(Abraham Lincoln, 30 de setembro de 1859. Discurso diante da Sociedade Agrícola do Estado de Wisconsin)

## RESUMO

SOARES, Crisiane de F. **Uma análise fonológica para a escrita em *SignWriting* do léxico CASA, através da plataforma *SignPuddle*: um estudo de caso.** 2022. 206 f. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

A presente dissertação tem por objetivo analisar o sinal de CASA em Língua Brasileira de Sinais – Libras registrado no *SignPuddle*. Essa plataforma assemelha-se a um banco de sinais colaborativo, gerando um dicionário e uma enciclopédia que é alimentada por seus usuários, levando a uma reflexão acerca da variação fonológica existente desse sinal. Ela utiliza, como base, um dos parâmetros apresentados por Stokoe, no caso a configuração de mão, do léxico CASA, em *SignWriting*. Sendo assim, a pesquisa define-se como bibliográfica de cunho qualitativa e abordagem descritiva e explicativa, utilizando como recorte temporal os últimos quinze anos para a coleta do material teórico. Com isso, justifico a elaboração desta dissertação por considerar relevante que a língua de sinais apresente uma escrita de forma padronizada para fins de ensino e aprendizagem de sujeitos surdos, bem como para usuários da língua de sinais, pois como destacado nas conclusões, essa padronização é possível devido ao quantitativo de recorrências fazendo uso da mesma configuração de mão (CM). Sendo assim, para a análise, foi realizado um levantamento do sinal CASA na plataforma, chegando a um total de 576 registros, entretanto, para que desse conta dos objetivos propostos pela pesquisa, acabou-se trabalhando com 371 sinais, no qual apresentaram três configurações de

mãos diferentes, sendo que 321 referem-se a CM , 42 a CM  e 8 a CM . Com o quantitativo apresentado, compreende-se que não se tem como desassociar a oralidade da escrita, pois elas co-existem na história por apresentarem cada uma um papel na sociedade. Concluindo, tendo como base os pressupostos de Bardin (1977), as inferências e as interpretações, a propósito dos dados coletados, nos mostra que, de fato, a língua de sinais permite algumas flexibilidades quanto à escrita do sinal de CASA devido ao fato de uma das regras presentes na composição do sinal ser o alofone, em que uma pequena mudança fonológica na Configuração de Dedo, correspondente ao polegar da CM, utilizada para a produção do sinal de CASA, evidencia que não há prejuízo quanto ao seu significado,

podendo ele ser produzido com as três configurações de mão - ,  e .

**Palavras-chave:** *SignWriting*. Fonética e Fonologia da Libras. *SignPuddle*. Oralidade X Escrita.

## ABSTRACT

SOARES, Crisiane de F. **A phonological analysis for writing in *SignWriting* the CASA lexicon, through the *SignPuddle* platform: a case study**. 2022. 206 f. Postgraduate Program in Linguistics, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

This dissertation aims to analyze the CASA sign in Brazilian Sign Language – Libras registered in SignPuddle. This platform resembles a collaborative sign bank, generating a dictionary and an encyclopedia that is fed by its users, leading to a reflection on the existing phonological variation of this sign. It uses, as a basis, one of the parameters presented by Stokoe, in this case the hand configuration, from the CASA lexicon, in SignWriting. Therefore, the research is defined as a qualitative bibliography with a descriptive and explanatory approach, using the last fifteen years as a time frame for the collection of theoretical material. With that, I justify the elaboration of this dissertation for considering relevant that the sign language presents a written form in a standardized way for the purposes of teaching and learning of deaf subjects, as well as for sign language users, because as highlighted in the conclusions, this standardization is possible due to the number of recurrences using the same hand configuration (CM). Therefore, for the analysis, a survey of the CASA signal on the platform was carried out, reaching a total of 576 records, however, in order to account for the objectives proposed by the research, we ended up working with 371 signals, in which they presented three configurations, from different hands, with 321 referring

to CM , 42 to CM  and 8 to CM . With the amount presented, it is understood that there is no way to dissociate orality from writing, as they co-exist in history because each one has a role in society. In conclusion, based on Bardin's (1977) assumptions, the inferences and interpretations, regarding the collected data, show us that, in fact, sign language allows some flexibility regarding the writing of the CASA sign due to the fact that one of the rules present in the composition of the sign is the allophone, in which a small phonological change in the Finger Configuration, corresponding to the thumb of the CM, used for the production of the CASA sign, shows that there is no damage to its meaning, and it can be produced with the three hand configurations - ,  and .

**Keywords:** SignWriting. Phonetics and Phonology of Libras. SignPuddle. Orality vs. Writing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Manual SW.....	34
Ilustração 2 - Corpo do manual .....	35
Ilustração 3 - Valerie Sutton em seu escritório na Califórnia, nos Estados Unidos .....	54
Ilustração 4 - Sistema ilustrativo <i>DanceWriting</i> .....	55
Ilustração 5 - Tela da função: Editor de sinais .....	56
Ilustração 6 - Texto em SW.....	58
Ilustração 7 - Mapa Mundi .....	60
Ilustração 8 - Países que fazem uso do SW.....	60
Ilustração 9 - Fotografias dos pesquisadores americanos e brasileiros de escrita de sinais, por meio do sistema SignWriting .....	61
Ilustração 10 - Alfabeto manual e os numerais visográficos/manuais da Libras .....	62
Ilustração 11 - Parâmetros encontrados na escrita do termo QUANDO em SW .....	64
Ilustração 12 - <i>International Organization for Standardizations</i> - ISO 15924.....	65
Ilustração 13 - Representação gráfica do sinal de CASA em SignWriting.....	66
Ilustração 14 - As 10 categorias encontradas no SignPuddle.....	67
Ilustração 15 - Configurações básicas das mãos .....	68
Ilustração 16 - Variantes encontradas para as configurações básicas de mão, acrescidas a linha dos dedos.....	69
Ilustração 17 - Grupo 1 – Dedo indicador.....	70
Ilustração 18 - Grupo 2 – Dedo indicador e médio.....	70
Ilustração 19 - Grupo 3 – Polegar, Indicador e dedo médio.....	71
Ilustração 20 - Grupo 4 – Quatro dedos.....	72
Ilustração 21- Grupo 5 – Mão plana Mão espalmada: mão aberta, cinco dedos estendidos ou apenas com a junta média dobrada/ A Mão em ângulo cinco dedos flexionados estendidos/ A Mão-C Cinco dedos flexionados ou curvados nas três articulações.....	73
Ilustração 22 - Grupo 6 - Dedo mínimo .....	74
Ilustração 23 - Grupo 7 – Dedo anelar.....	75
Ilustração 24 - Grupo 8 – Dedo médio.....	76
Ilustração 25 - Grupo 9 – Polegar e Indicador se tocam outros dedos para cima/ Polegar e Indicador afastados outros dedos para baixo.....	77
Ilustração 26 - Grupo 10 – Polegar.....	78
Ilustração 27 - Perspectiva Expressiva e plano de sinalização.....	80

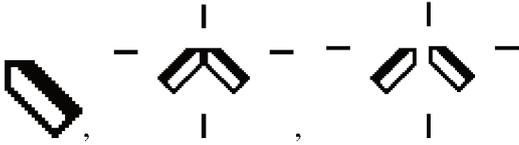
Ilustração 28 - Sinal de CERTO em Libras.....	81
Ilustração 29 - Símbolos que representam a mão sem diferenciação entre direita e esquerda.	81
Ilustração 30 - Posição da palma da mão das configurações básicas .....	82
Ilustração 31 - Posição da palma da mão das configurações variantes.....	82
Ilustração 32 - Sinal de FILA .....	83
Ilustração 33 - Sequencialidade das LO e a simultaneidade nas LS.....	89
Ilustração 34 - Articulador configuração de mão baseado em Hulst e Kooij, no prelo .....	94
Ilustração 35 - Seleção de dedos das CM.....	94
Ilustração 36 - Sinal de CASA em SW .....	95
Ilustração 37 - Quadro de CM .....	96
Ilustração 38 - Sinal de Farmácia em LS .....	97
Ilustração 39 - Sinal de Trabalhar.....	98
Ilustração 40 - Sinal de Cuidar .....	98
Ilustração 41 - Sinal produzido com uma ou duas mãos, sem alteração de significado .....	99
Ilustração 42 - Sinal produzido com uma ou duas mãos, com alteração de significado.....	99
Ilustração 43 - Alofone na LS .....	102
Ilustração 44 - Pares mínimos na LS – diferença quanto ao M.....	103
Ilustração 45 - Pares mínimos na LS – diferença quanto ao M.....	104
Ilustração 46 - Pares mínimos na LS – diferença quanto a L.....	105
Ilustração 47 - As cinco áreas principais de articulação dos sinais de Battison.....	107
Ilustração 48 - Sinal de CASA em LS .....	108
Ilustração 49 - Sinal da cor AZUL em ASL.....	110
Ilustração 50 - Sinal de Pente e Pentear.....	112
Ilustração 51 - Sinal de bravo .....	114
Ilustração 52 - Dicionário e Enciclopédia .....	120
Ilustração 53 - Registro da <i>DanceWriting</i> .....	124
Ilustração 54 - Pesquisa no <i>Mozilla Firefox</i> .....	127
Ilustração 55 - Site <i>SignBank.org</i> .....	127
Ilustração 56 - Entradas de acesso à plataforma.....	129
Ilustração 57 - Entrada ou Registro na plataforma .....	130
Ilustração 58 - Senha e <i>Login</i> .....	130
Ilustração 59 - Acesso à plataforma.....	131
Ilustração 60 - Três categorias para a realização da pesquisa .....	133
Ilustração 61 - Primeira categoria – PESQUISA POR PALAVRAS .....	134

Ilustração 62 - Resultado da busca .....	134
Ilustração 63 - Variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa .....	135
Ilustração 64 - Segunda categoria – PESQUISA POR SINAIS .....	136
Ilustração 65 - Resultado da busca de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa.....	136
Ilustração 66 - Terceira categoria – PESQUISA POR SÍMBOLOS SEM POLEGAR.....	137
Ilustração 67 - Resultado da busca por símbolos SEM POLEGAR de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa .....	137
Ilustração 68 - Terceira categoria – PESQUISA POR SÍMBOLOS COM POLEGAR.....	139
Ilustração 69 - Resultado da busca por símbolos SEM POLEGAR de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa .....	139
Ilustração 70 - Parâmetros empregados no sinal de CASA em SW .....	184
Ilustração 71 – Quarta categoria – SÍMBOLOS DE FREQUÊNCIA .....	189

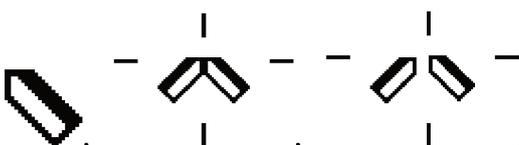
## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Comparativo entre escrita e vídeo .....	52
Quadro 2 - Regiões da Locação.....	109
Quadro 3 - Categorias do movimento .....	111
Quadro 4 - Categorias das expressões não manuais .....	113
Quadro 5 - Materiais do site da CAPES.....	117
Quadro 6 - Materiais do site da SciElo .....	118
Quadro 7 - Materiais do site da BDTD .....	118
Quadro 8 - Busca por palavras: casa – sem expressão.....	140
Quadro 9 - Busca por palavras: casa – sem expressão e 1 mão .....	142
Quadro 10 - Busca por palavras: casa – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA .....	143
Quadro 11 - Busca por palavras: Casa – sem expressão .....	143
Quadro 12 - Busca por palavras: Casa – sem expressão e 1 mão.....	144
Quadro 13 - Busca por palavras: CASA – sem expressão .....	145
Quadro 14 - Busca por palavras: CASA – sem expressão e 1 mão.....	145
Quadro 15 - Busca por palavras: CASA – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA.....	146
Quadro 16 - Busca por palavras: casa – com expressão .....	146
Quadro 17 - Busca por palavras: Casa – com expressão .....	148
Quadro 18 - Busca por palavras: CASA – com expressão.....	148
Quadro 19 - Busca por sinal: casa – sem expressão .....	148
Quadro 20 - Busca por sinal: casa – sem expressão e 1 mão .....	149
Quadro 21 - Busca por sinal: casa – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA.....	150
Quadro 22 - Busca por sinal: Casa – sem expressão .....	150
Quadro 23 - Busca por sinal: Casa – sem expressão e 1 mão .....	151
Quadro 24 - Busca por sinal: CASA – sem expressão.....	151
Quadro 25 - Busca por sinal: CASA – sem expressão e 1 mão .....	151
Quadro 26 - Busca por sinal: CASA – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA .....	152
Quadro 27 - Busca por sinal: casa – com expressão .....	152
Quadro 28 - Busca por sinal: Casa – com expressão .....	153

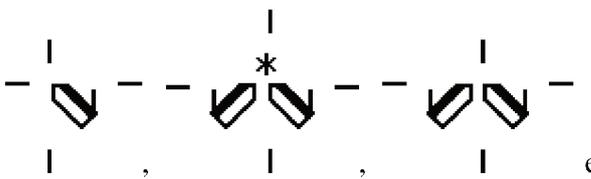
Quadro 29 - Busca por símbolos sem polegar:

	
	
e	(sem expressão).....
	153

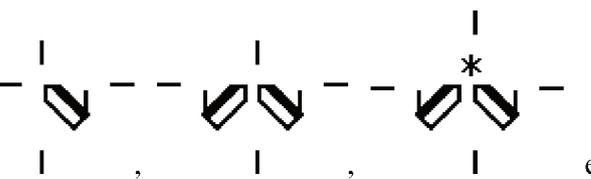
Quadro 30 - Busca por símbolos sem polegar:

	
	
e	(com expressão).....
	154

Quadro 31 - Busca por símbolo com polegar:

	
	(sem expressão).....
	155

Quadro 32 - Busca por símbolo com polegar:

	
	(com expressão).....
	155

Quadro 33 - Busca por palavras: casa – sem expressão..... 156

Quadro 34 - Busca por palavras: casa – com expressão ..... 156

Quadro 35 - Busca por palavras: Casa – sem expressão ..... 157

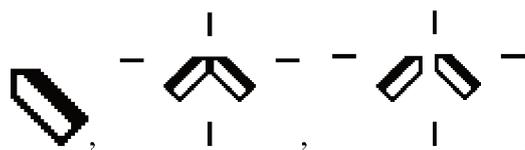
Quadro 36 - Busca por palavras: Casa – com expressão ..... 157

Quadro 37 - Busca por sinais: casa – sem expressão..... 158

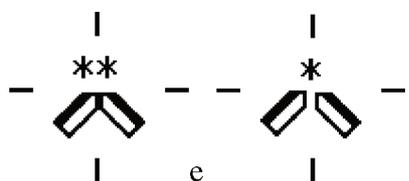
Quadro 38 - Busca por sinais: casa – com expressão ..... 158

Quadro 39 - Busca por sinais: Casa – sem expressão ..... 159

Quadro 40 - Busca por sinais: Casa – com expressão ..... 159

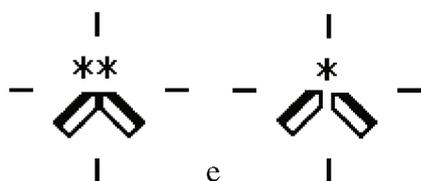


Quadro 41 - Busca por símbolos sem polegar:



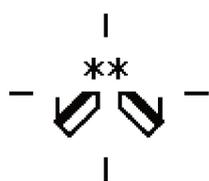
(sem expressão)..... 160

Quadro 42 - Busca por símbolos sem polegar:



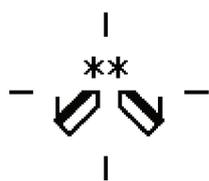
(com expressão) ..... 160

Quadro 43 - Busca por símbolo com polegar:



(sem expressão) ..... 161

Quadro 44 - Busca por símbolo com polegar:



(com expressão)..... 161

Quadro 45 - Dicionário ..... 162

Quadro 46 - Enciclopédia..... 162

Quadro 47 - *Corpus* de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA sem polegar..... 167

Quadro 48 - *Corpus* de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA com uma mão, sem polegar ..... 170

Quadro 49 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa e CASA uso da datilologia, sem polegar .....	170
Quadro 50 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria COM EXPRESSÃO – casa e Casa, sem polegar .....	171
Quadro 51 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA, com polegar.....	173
Quadro 52 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA com uma mão e com polegar .....	176
Quadro 53 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa e CASA uso da datilologia e com polegar .....	176
Quadro 54 - <i>Corpus</i> de sinais da categoria COM EXPRESSÃO – casa e Casa com polegar	177

## LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 - O + CM .....	106
Organograma 2 - Grupo do Dicionário .....	132
Organograma 3 - Grupo da Enciclopédia.....	132
Organograma 4 - Desenvolvimento de uma análise .....	165
Organograma 5 - Fase da PRÉ-ANÁLISE.....	166
Organograma 6 - Fase da EXPLORAÇÃO DO MATERIAL .....	166
Organograma 7 - Fase do TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES	179

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>UFSC</b>	Universidade Federal de Santa Catarina
<b>PPGLin</b>	Programa de Pós-Graduação em Linguística
<b>SW</b>	<i>SignWriting</i>
<b>Libras</b>	Língua Brasileira de Sinais
<b>ULBRA</b>	Universidade Luterana do Brasil
<b>CMP</b>	Colégio Municipal Pelotense
<b>LS</b>	Língua de Sinais
<b>TILS</b>	Tradutor e Intérprete de Libras
<b>CODA</b>	<i>Children of Deaf Adults</i>
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>ASP</b>	Associação dos Surdos de Pelotas
<b>UCPel</b>	Universidade Católica de Pelotas
<b>SMED</b>	Secretaria Municipal de Educação e Desporto
<b>UNIOSTE</b>	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
<b>ASL</b>	<i>American Sign Language</i>
<b>LP</b>	Língua Portuguesa
<b>CM</b>	Configuração de Mão
<b>ELS</b>	Escrita da Língua de Sinais
<b>A/D/T/L</b>	Artigos/ Dissertações/ Teses/ Livros
<b>ISWA</b>	<i>International SignWriting Alphabet</i>
<b>DAC</b>	<i>Deaf Action Commitee</i>
<b>USA</b>	Estados Unidos da América
<b>RS</b>	Rio Grande do Sul
<b>M</b>	Movimento
<b>L/PA</b>	Locação/Ponto de Articulação
<b>O</b>	Orientação da Palma da Mão
<b>ENM</b>	Expressões Não Manuais
<b>ISO</b>	<i>International Organization for Standardizations</i>
<b>CAPES</b>	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
<b>BDTD</b>	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
<b>SciElo</b>	<i>Eletronic Library Online</i>
<b>PUC/RS</b>	Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul
<b>LO</b>	Línguas Orais
<b>CD</b>	Configuração de Dedos
<b>INES</b>	Instituto Nacional de Educação de Surdos
<b>ELiS</b>	Escrita de Língua de Sinais
<b>SEL</b>	Sistema de Escrita da Libras
<b>VisoGrafia</b>	Escrita Visogramada das Línguas de Sinais
<b>L1</b>	Primeira língua
<b>L2</b>	Segunda língua
<b>LGP</b>	Língua Gestual Portuguesa
<b>SC</b>	Santa Catarina
<b>SP</b>	São Paulo
<b>RJ</b>	Rio de Janeiro
<b>UFSB</b>	Universidade Federal do Sul da Bahia
<b>GELIS</b>	Grupo de Estudos em Língua de Sinais Brasileira

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Dicionário – busca pelas Palavras CASA, Casa e casa.....	180
Gráfico 2 - Dicionário – busca pelo Sinal de CASA, Casa e casa.....	180
Gráfico 3 - Dicionário – busca pelos Símbolos de configuração de mão com e sem polegar	181
Gráfico 4 - Enciclopédia – busca pelas Palavras CASA, Casa e casa .....	182
Gráfico 5 - Enciclopédia – busca pelo Sinal de CASA, Casa e casa.....	182
Gráfico 6 - Enciclopédia – busca pelos Símbolos de configuração de mão com e sem polegar .....	182

## LISTA DE SINAIS EM SIGNWRITING DOS AUTORES UTILIZADOS

Adam Frost



Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira



Alan David Sousa Silva



Andre Nogueira Xavier



Antônio Carlos da Rocha Costa



Claudio Alves Benassi



Daniela Gomes Gumiero



Daniele Miki Fujikawa Bózoli



Débora Campos Wanderley



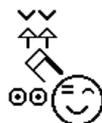
Edivaldo da Silva Costa



Fernando César Capovilla



Fernando Henrique Fogaça Carneiro



Genivaldo Oliveira Santos Filho



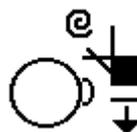
Janine Soares de Oliveira



Joseane Maciel Viana



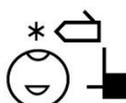
Karime Chaibue



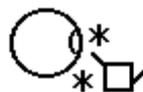
Karin Strobel



Leoni Ramos Souza. Nascimento



Lodenir Becker Karnopp



Lucinda Ferreira Brito



Madson Barreto



Márcia de Borba Campos



Marcos Luchi



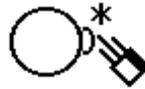
Mariângela Estelita de Barros



Marianne Rossi Stumpf



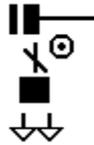
Maitê Maus da Silva



Messias Ramos Costa



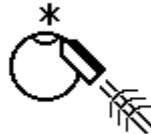
Raquel Barreto



Rita de Cácia Santos Souza



Robert E. Johnson



Rodrigo Custódio da Silva



Roger Prestes



Ronice Müller de Quadros



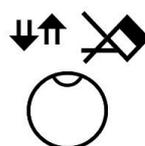
Rozilda Ramos dos Santos Oliveira



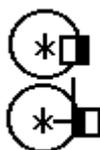
Rubens Ramos de Almeida



Rundesth Saboia Nobre



Scott K. Liddell



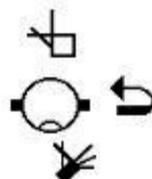
Stephen Slevinski



Tarcísio de Arantes Leite



Thiago Cardoso Aguiar



Valerie Sutton



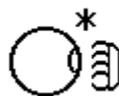
Valéria Simplício da Silva



Vitória Tassara Costa Silva



Walkiria Duarte Raphael

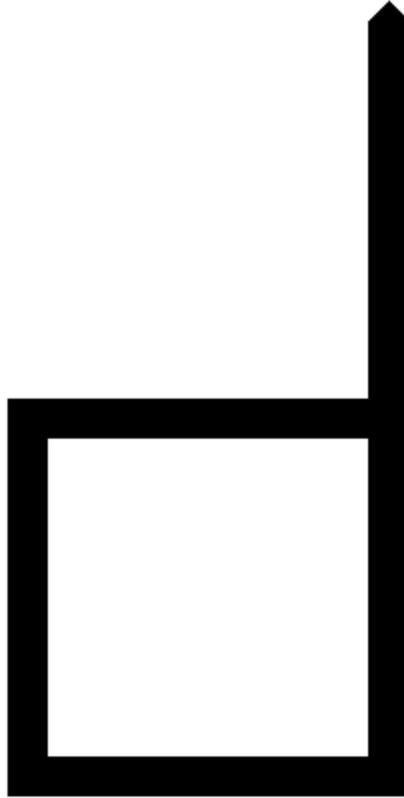


William C. Stokoe Jr.



## SUMÁRIO

<b>1 VAMOS CONVERSAR .....</b>	<b>25</b>
1 1 SENTE-SE, APERTE O CINTO, PORQUE NOSSA VIAGEM SÓ ESTÁ COMEÇANDO .....	26
1 2 VOCÊ SABE QUEM EU SOU? ENTÃO VENHA CONHECER A  .....	31
1 3 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI? .....	38
<b>2 PUXE UM BANCO, PEGUE UMAS PIPOCAS PORQUE A PROSA SERÁ LONGA</b>	<b>41</b>
2 1 ORALIDADE x ESCRITA .....	44
2 2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE <i>SIGNWRITING</i> .....	54
2 3 SÍMBOLOS DE CM .....	65
2 4 FONOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS .....	85
2 4 1 Configurações de mão – CM .....	94
2 4 2 Sinais com duas mãos .....	97
2 4 3 Orientação – O .....	105
2 4 4 Locação – L .....	107
2 4 5 Movimento – M .....	109
2 4 6 Expressões não manuais – ENM .....	112
<b>3 QUAL CAMINHO A SER PERCORRIDO? .....</b>	<b>116</b>
3 1 PROBLEMA DE PESQUISA .....	122
3 2 OBJETIVOS .....	122
3 2 1 Objetivo geral .....	122
3 2 2 Objetivo específico .....	122
3 3 SIGNPUDDLE .....	123
3 4 COLETA DE DADOS .....	132
3 4 1 Apresentação do sinal de casa no mapeamento – tabela .....	140
3 4 2 Reflexões sobre a análise dos dados .....	164
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>186</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>193</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>199</b>



**1 VAMOS CONVERSAR**



## 1.1 SENTE-SE, APERTE O CINTO, PORQUE NOSSA VIAGEM SÓ ESTÁ COMEÇANDO

Para falar sobre a Escrita de Sinais no país, precisamos contextualizar historicamente o processo evolutivo dessa escrita, até compreendermos a forma de registro que ocorre hoje, por usuários da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Sendo assim, essa forma de registro só foi possível graças à professora coreógrafa estadunidense chamada Valerie Sutton; cujo sinal

identificador em *American Sign Language* – ASL é  -, sendo o objetivo efetuar o registro dos movimentos da dança, entretanto, sua técnica foi tão bem vista que acabou chamando atenção de pesquisadores da Língua de Sinais Dinamarquesa, que começaram a realizar adaptações desse sistema de dança ao sistema de escrita SignWriting– SW.

Essa trajetória foi iniciada em 1972, por Sutton -  -, e serviu de ponto de partida para os estudos realizados nos dias atuais. Mesmo já havendo, aproximadamente, cinquenta anos de pesquisas voltadas para essa área, apenas em 1996 que os estudiosos brasileiros tiveram-se a estudar essa escrita aplicada a Libras, através do Dr. Antônio Carlos da Rocha

Costa, cujo sinal identificador em Língua Brasileira de Sinais – Libras:  -; da Dra. Márcia

de Borba Campos; cujo sinal identificador em Libras é:  -, da PUC/RS e da Dra.

Marianne Rossi Stumpf; cujo sinal identificador em Libras é:  -; surda, que, na época era graduanda do curso de Tecnologia de Informática pela Universidade Luterana do Brasil –

ULBRA e pesquisadora do projeto dos Drs. Costa -  - e Campos -  -, que deram início, primeiramente, ao alfabeto manual e aos numerais visográficos/manuais da Libras.

Vale destacar que as questões voltadas para o sistema de Escrita de Sinais – SignWriting - SW – são complexas, ainda mais no seu uso, uma vez que os sujeitos surdos brasileiros começaram a ter contato com essa escrita a partir de 1997, com o ensino do SW em duas escolas do estado do Rio Grande do Sul – a Escola Especial ULBRA Concórdia, localizada na cidade de Porto Alegre, e a Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental

Hellen Keller, situada no município de Caxias do Sul – na Educação Básica de ensino, com alunos do sexto e sétimo anos.

A pesquisadora Stumpf -  - (2005), além de trabalhar com esses alunos, acabou testando o uso do SW em crianças francesas e brasileiras com o intuito de analisar como ocorria o aprendizado desse sistema de escrita. Um fator relevante foi levantado pela pesquisadora: é viável a aquisição, visto que ela apresenta uma escrita visivelmente fonética em seu registro, pois as unidades mínimas que a compõe, tais como: Configuração de Mão – CM, Movimento – M, Locação/Ponto de Articulação – L/PA, Orientação da Palma da Mão – O e as Expressões Não Manuais – ENM – são de fácil percepção no ato da leitura, por usuários/aprendizes dessa escrita, tornando-se uma excelente ferramenta para a educação e servindo de apoio no aprendizado da língua oral, na sua modalidade escrita (AGUIAR; cujo

sinal identificador em Libras é:  -; CHAIBUE; cujo sinal identificador em Libras é:

 -, (2015).

Seguindo essa linha temporal, outro trabalho que merece destaque neste processo é o de Barreto; cujo sinal identificador em Libras é:  -; e Barreto; cujo sinal identificador em

Libras é:  - (2015), na obra “**Escrita de Sinais sem mistérios**”. Nela, os autores fazem um levantamento de todo o processo histórico da Escrita da Língua de Sinais – ELS –, conhecida como SignWriting: sua grafia, seus elementos fonéticos e fonológicos, e como ela acabou sendo estudada e disseminada no país.

Corroborando com a pesquisa, Nobre; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2011), destaca que para a composição de um sinal é necessário a utilização de elementos fonológicos da língua de sinais, tais como: CM, M, L/PA, O e ENM, assim como o sistema alfabético das línguas orais representam os fonemas<sup>1</sup> através dos signos<sup>2</sup> linguísticos. Em SW é possível representar esses elementos fonológicos conhecidos como parâmetros, através do

<sup>1</sup> Para Quadros; sinal identificador em Libras é:  - e Karnopp; sinal identificador em Libras é:  (2004, p. 18), fonemas são unidades fônicas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra.

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, SIGNOS são ligações associativas entre o significado e o significante. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/signo/>. Acessado em: 27 de setembro de 2022.

uso de símbolos não alfabéticos próprios aplicados a qualquer LS, pois ele foi pensado para expressar os mais variados aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais.

Para poder analisar esse processo fonológico na Escrita da Língua de Sinais, foi necessário adentrar aos estudos das tecnologias voltadas para o SW, e uma delas é conhecida como SignPuddle. Essa tecnologia é encontrada gratuitamente nas plataformas digitais que visam auxiliar o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos surdos, no que tange a ELS<sup>3</sup>, pois veio ao encontro das necessidades linguísticas desses sujeitos, auxiliando na comunicação por meio da escrita textual em línguas de sinais, através do SW, contribuindo, também para/com a educação de surdos.

Segundo Bózoli; cujo sinal identificador em Libras é:  -; e Stumpf:  - (2018, p. 294) “o SignPuddle é um dos softwares específicos para o sistema SignWriting, desenvolvido pelo designer de *softwares*, Stephen Slevinski; cujo sinal identificador em ASL é:  -; e concebido a partir de 2004”. Desde então, a plataforma vem sendo aprimorada a cada ano que passa. Atualmente, somente a plataforma gratuita e online do SignPuddle é utilizada, proporcionando a criação de dicionários bilíngues, composição de sinais, envio de e-mail em SW, edição de textos, pesquisas de sinais através da língua oral do país em questão, via LS escrita e, até mesmo, por grafemas.

Com isso, esta pesquisa tem por objetivo analisar o sinal de CASA, que foi registrado tanto no dicionário, quanto na enciclopédia brasileira, nesta plataforma online, levando a uma reflexão acerca da variação fonológica existente desse sinal, utilizando como base um dos parâmetros apresentados por Stokoe; cujo sinal identificador em ASL é:  -; que, no caso, é a Configuração de Mão do léxico CASA, em SignWriting.

Para que isso ocorra, foi utilizado um arcabouço teórico voltado para os parâmetros fonológicos da língua de sinais, assim como uma análise dos sinais encontrados na plataforma, correlacionando-os com a oralidade e a escrita, a fim de tentar perceber se há ou não influência da fala dos sujeitos surdos na escrita em SignWriting. Nesse contexto, entende-se fala como meio de comunicação não-verbal, ou seja, utiliza-se a língua visual-espacial.

Com isso, justifico a elaboração desta dissertação por considerar relevante que a língua de sinais apresente uma escrita de forma padronizada para fins de ensino e

<sup>3</sup> Atualmente, existem 4 sistemas de Escrita da Língua de Sinais – a SEL, a Visografia, a ELiS e a SignWriting, que serão detalhadas no subtítulo 2.1 – página 49. Entretanto, para fins de esclarecimento, esta pesquisa tem como foco principal a Escrita da Língua de Sinais – SignWriting.

aprendizagem de sujeitos surdos e usuários dela. Assim como nas línguas orais, nesse caso, a língua portuguesa, em que o registro é realizado através da escrita e propicia a interação entre seus pares, a língua de sinais possui status linguísticos que a legitima para tal encaminhamento, inclusive para fins de registros das expressões dos sujeitos surdos, em sua primeira língua – L1<sup>4</sup>.

Com relação à estrutura desta dissertação, ela está distribuída em quatro capítulos, incluindo essa introdução, que os aproxima da pesquisa proposta. Neste primeiro capítulo, intitulado como: “Vamos conversar um pouco?”, está dividido em três subtítulos. O primeiro contém esta pequena introdução do que será abordado no decorrer do trabalho proposto; no segundo um resumo da minha trajetória acadêmica e profissional, propiciando um contato maior entre leitor e escritora; e no terceiro momento contextualizo o leitor apresentando o porquê resolvi seguir este caminho para a elaboração da minha dissertação, bem como o que me motivou a realizar esta pesquisa.

No segundo capítulo, intitulado: “Puxe um banco, pegue umas pipocas porque a prosa será longa...”, está dividido em quatro subtítulos. O primeiro está relacionado à oralidade e à escrita, partindo das concepções sobre a oralidade para, então, focá-la em um paralelo com a escrita, associando os valores sociais da fala e da escrita ao letramento. O segundo está relacionado à revisão literária sobre o SignWriting, como mencionado no início deste capítulo. Essa revisão faz-se necessária para compreendermos a evolução desta escrita até os dias atuais.

Já, o terceiro subtítulo está relacionado diretamente com o item gramatical fonológico das línguas de sinais, sendo composto por cinco parâmetros: os fonemas configuração de mão, movimento, ponto de articulação ou locação, orientação da palma da mão e as expressões não manuais. Nesse caso, como o foco está no fonema configuração de mão, serão abordadas as categorias possíveis de serem encontradas na plataforma SignPuddle para a realização e compreensão do sinal de CASA. E o quarto e último estão relacionados à fonologia da língua de sinais, abordando cada um dos parâmetros propostos para análise fonológica de uma língua visual-espacial.

---

<sup>4</sup> Segundo Viana; cujo sinal identificador em Libras é:  (2016, p 16) o termo L1 leva “em consideração o ambiente linguístico em que a LIBRAS foi escolhida como primeira língua, principal meio de comunicação do indivíduo. Ou seja, não necessariamente ela ocupa o espaço de língua materna, aquela que faria menção aos primeiros contatos linguísticos da criança, com sua mãe ou qualquer outro adulto”.

No terceiro capítulo, que foi intitulado: “Qual o caminho a ser percorrido?”, apresento o levantamento teórico, ou seja, a “Revisão Teórica”, a partir dos principais sites acadêmicos, com os trabalhos relacionados ao meu assunto de pesquisa. Dando início a esse processo, comecei a pesquisa nos principais portais: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD – e na biblioteca virtual *Scientific Eletronic Library Online* – SciELO – verificando, assim, a existência de pesquisas que se relacionassem ao que eu estava propondo pesquisar, em um período de quinze anos atrás. Por se tratar de um tema recente, o meu recorte temporal necessitou ser esse a fim de contemplar um maior número de materiais necessários para a realização da pesquisa.

Logo após, o capítulo divide-se em quatro subtítulos e suas subdivisões. No primeiro subtítulo, ressalto o problema de pesquisa proposto, tendo como problemática “Alíngua oral possui diferença entre a oralidade e a escrita do sujeito ouvinte, é possível perceber o mesmo nas línguas de sinais? O que leva um sujeito surdo a registrar de diferentes formas um mesmo termo? Será que esse registro ocorre conforme a sua sinalização? Ou seja, conforme ele fala, ele também escreve?” E, tendo como referência à problemática exposta, descrevo no segundo subtítulo as subdivisões intituladas: objetivos gerais e específicos, que contemplam a referida pesquisa.

O terceiro subtítulo está relacionado à plataforma *SignPuddle Online*. Como já mencionado, a pesquisa dividiu-se em dois momentos: o primeiro realizando uma busca através dos portais da CAPES, da SciELO e da BDTD, como aporte teórico que ajudaram a compor a pesquisa e, em segundo momento, o acesso e a análise da plataforma online SignPuddle, que vem atender as necessidades de escrita desses sujeitos, através do SignWriting.

No quarto subtítulo, a coleta de dados subdivide-se em: apresentação do sinal de CASA, mapeamento e reflexões sobre a análise dos dados dos materiais coletados, na plataforma SignPuddle Online, tentando utilizar procedimentos sistemáticos a fim de expor o conhecimento científico – teórico e prático – abarcado neste estudo. Para isso, utilizou-se desse passo a passo para a realização da pesquisa, apresentando o mapeamento do sinal de CASA na plataforma.

Por fim, no quarto capítulo, apresento as Considerações Finais em que trago reflexões a serem investigadas a partir dos materiais lidos e coletados para fins de análise dos dados, tentando contemplar os objetivos e o problema de pesquisa, que foram propostos nesse estudo. Encerro essa dissertação com o referencial teórico utilizado.

## 1 2 VOCÊ SABE QUEM EU SOU? ENTÃO VENHA CONHECER A ...

Ao iniciar esta seção, peço licença ao leitor para fazer uso da primeira pessoa do singular, pois, neste momento, falarei um pouco da minha trajetória acadêmica e profissional para, assim, justificar as escolhas que me levaram a propor esta Dissertação, no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

Chamo-me Crisiane de Freitas Soares, meu sinal identificador em Libras é:  <sup>5</sup>. Sou natural de Pelotas, Rio Grande do Sul. Meu primeiro contato com a Libras foi no ano de 2002 ao ingressar no curso normal (antigo magistério), no Colégio Municipal Pelotense – CMP –; uma das escolas públicas de Pelotas e a maior Escola Municipal da América Latina, onde tive a presença de três colegas surdas em sala de aula. O fato da comunicação entre elas acontecer através das mãos, chamou-me muito atenção, lavando-me a querer aprender a Língua de Sinais – LS. Comecei a interagir com a Tradutora e Intérprete de Libras – TILS –

Maitê Maus da Silva<sup>6</sup>; cujo sinal identificador em Libras é:  - que, na época, acompanhava a minha turma, como profissional. Que, cada vez mais, eu ia me inserindo nesse meio, aprendendo sobre a LS, sobre a Cultura Surda, mas me questionava o que seria,

exatamente, essa cultura. Segundo Strobel; cujo sinal identificador em Libras é:  (2018, p. 29):

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.

Quanto mais eu aprendia sobre esses sujeitos, seu modo de interagir, de perceber as coisas ao seu redor, mais eu me fascinava e me interessava em querer fazer parte deste mundo. Com isso, comecei a aprender Libras. Participava de todos os eventos relacionados à

<sup>5</sup>Esta escrita foi feita em SignWriting – SW – e está disponível na plataforma SignPuddle em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/searchword.php?ui=1&sgn=46&sid=19273,19278,32992&sTrm=Crisiane&type=any&sTxt=&sSrc=&>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

<sup>6</sup> Maitê Maus da Silva -  é CODA - *Children of Deaf Adults*- e TILS da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Comunidade Surda e fui aprendendo a me comunicar. Claro, com muita ajuda e paciência das colegas surdas e da TILS. E foi exatamente nesse momento, aos quinze anos de idade, que descobri a minha vocação profissional: queria ser uma TILS, igual à Maitê – . Brinco com ela que estou, hoje, nesta vida de “mexer as mãozinhas” e a culpa é toda dela!

Brincadeiras à parte comecei a me dedicar à LS, procurei um curso de Libras, não necessitei fazer o nível básico, pois já tinha um contato diário com as meninas, passando, assim, para o curso intermediário. Esse nível, na verdade, serviu-me como um curso avançado, pois aprendi muito mais questões voltadas à tradução e à interpretação do que vocabulário. Comecei a frequentar a Comunidade Surda local, a Associação dos Surdos de Pelotas – ASP – e recebi meu sinal identificador em Libras do professor Roger Prestes, cujo

sinal identificador em Libras é: .

O tempo foi passando, as aprendizagens foram aumentando e já me atrevia a interpretar em alguns momentos que se faziam necessários em sala de aula, pois o profissional TILS do município de Pelotas era contratado apenas para o período letivo. Com o início do ano escolar, faziam-se necessárias novas contratações, o que por muitas vezes atrasava o ingresso dos profissionais e mesmo sendo aluna do curso, acabava por assumir esse papel de profissional, apesar de ainda não possuir formação.

Conseqüentemente, essas atuações só reforçaram ainda mais o meu querer em seguir na carreira. No ano de 2007 fui incentivada a fazer o curso de Capacitação em Tradução e Interpretação de Libras pela Universidade Católica de Pelotas – UCPel. Esse curso foi criado em parceria entre o Município e a Universidade para atender uma necessidade local, visto que a mão de obra desses profissionais estava escassa e fazia-se necessária a formação de mais turmas que dessem conta das demandas. Eu, na época, ainda era aluna do CMP, pois, apesar de ter me formado em setembro de 2006, no curso normal, acabei ingressando na Educação Infantil no mesmo ano, mantendo vínculo com a prefeitura.

A prefeitura, a fim de atrair mais pessoas que quisessem se qualificar como TILS, pagava cinquenta por cento da mensalidade para as pessoas que possuíssem vínculo com o órgão público em questão, ofertando, assim, quatorze vagas no curso. Neste momento percebi uma oportunidade de poder me qualificar na área e fui tentar a bolsa. Como o critério para ganhar a bolsa era apenas possuir o vínculo, fui até a Secretaria Municipal de Educação e Desporto – SMED – para tentar uma vaga. Dei o meu nome como aluna e fiz minha inscrição pelo município. Mas, para o recebimento da bolsa seria necessário passar primeiramente pela

banca de seleção do curso e só após a aprovação nossos nomes seriam encaminhados à SMED e, assim, seria efetuado o pagamento mensal da metade da bolsa.

No dia e horário marcado fui fazer a prova. A avaliação era composta por três etapas: a de conversação com um sujeito surdo, a de interpretação inversa<sup>7</sup> e a interpretação direta<sup>8</sup>. Confesso que não foi fácil, mas, mesmo assim, fui “na cara e na coragem”. Uma semana após, recebi a notícia de que havia sido aprovada e que meu nome estava na lista da SMED para receber cinquenta por cento de desconto na mensalidade. Mas para a minha surpresa, a quantidade de pessoas que havia passado era inferior a quantidade de vagas que eles ofertaram, então, eu e mais seis pessoas acabamos recebendo o curso totalmente gratuito.

O curso teve início em março de 2007 e se estendeu por aproximadamente oito meses com carga horária total de trezentos e sessenta horas. Para a minha felicidade, antes mesmo de concluí-lo, eu já havia sido contratada pela prefeitura da cidade para começar a trabalhar como TILS no CMP. Imaginem a emoção que eu estava, mas, ao mesmo tempo, nervosa por começar a atuar em contextos tão complexos como o ensino. No ano seguinte, houve o primeiro processo seletivo para o ingresso no Curso de Bacharelado em Letras – Libras, oferecido na modalidade de ensino a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina<sup>9</sup> - UFSC. Vale destacar que dois anos antes, em 2006 foi ofertada apenas a habilitação para Licenciados em Letras – Libras, e, em 2008, o curso foi ofertado novamente.

A prova foi realizada no polo escolhido para cursar o Bacharelado, no meu caso, optei pelo polo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – por ser o mais perto da minha cidade e os demais quatorze polos ficavam em outros estados. O processo seletivo foi todo em Libras: tanto questões, quanto alternativas, o que me assustou muito, pois naquele momento percebi que a Libras apresentava muita variação linguística, o que dificultava ainda mais a compreensão da sinalização. Entretanto, para a minha surpresa, recebo uma ligação de uma das TILS, com quem trabalhava, informando-me que havia passado no processo seletivo e que iria cursar o tão sonhado Curso para Formação de Tradutores e Intérpretes de Libras, no segundo semestre de 2008.

---

<sup>7</sup> Interpretação Inversa: interpretação da língua oral (L1) para a de sinais (L2) (RODRIGUES, 2018, p. 120 *apud* SILVA; cujo sinal identificador em Libras é: , 2021, p.18).

<sup>8</sup> Interpretação Direta: interpretação da língua de sinais (L2) para a língua oral (L1) (RODRIGUES, 2018, p. 120 *apud* SILVA - , 2021, p.18).

<sup>9</sup> Informações no link: <https://noticias.ufsc.br/2008/04/ufsc-lanca-vestibular-de-libras/>. Acessado em 03 de maio de 2021.

As aulas começaram, e com elas as mais diversas disciplinas e desafios, pois as aulas inicialmente seriam quinzenais, aos fins de semana, e, posteriormente, passariam a mensais, necessitando o deslocamento, uma vez ao mês, até o polo para ter aula no sábado e no domingo, das 8h às 18h. Confesso que foi muito desafiador, pois nesse mesmo tempo eu trabalhava sessenta horas semanais, em três lugares diferentes: pela manhã em uma escola municipal na cidade de Turuçu, cidade vizinha de Pelotas; à tarde como vendedora de uma agente autorizada da NET – TV por assinatura – e à noite em uma escola da rede municipal de Pelotas, na zona rural. O ano de 2008 foi muito desgastante, mas não poderia abrir mão dessa escolha.

Mas, enfim, todo esforço valeu a pena, pois foi entre o segundo e terceiro semestre da faculdade, que tive contato pela primeira vez com o SignWriting<sup>10</sup> - SW, cursando a disciplina de Escrita de Sinais I, II e III. A partir de então, meus estudos e pesquisas voltaram-se para essa nova possibilidade de atuação, não apenas para a interpretação direta e inversa, mas também para o SW, pois comecei a praticá-lo nas disciplinas que traduzia, anotando os sinais combinados em aula ou, até mesmo, de termos que desconhecia, pois a memória, infelizmente, não gravava todos os sinais aprendidos. Claro, no início eram registros precários, sem muitos detalhes, pois estava em processo de aprendizagem, inclusive acabei criando um mini manual com os elementos principais da escrita para poder manuseá-lo com mais facilidade, pois o manual completo possuía mais de duzentas páginas.

A seguir, então, as ilustrações do manual criado por mim:

### Ilustração 1 - Manual SW



Fonte: Pesquisadora – , 2009.

<sup>10</sup> No capítulo 2.2 explicarei sobre o que se trata este termo: o SignWriting.

## Ilustração 2 - Corpo do manual



Fonte: Pesquisadora - , 2009.

Com esse material conseguia me deter aos detalhes, quando necessário, pois se tornou fácil o carregamento e o manuseio durante as aulas, auxiliando, assim, no meu processo de aprendizagem e escrita. Meu interesse pelo SW não parou por aí, além de utilizá-lo para fins profissionais, comecei a buscar formação nessa área e em 2017 realizei uma reciclagem em Porto Alegre, onde foi ofertado um Curso de Escrita de Sinais – elementos introdutórios de quarenta e cinco horas, com o professor Doutorando Carneiro<sup>11</sup>, cujo sinal

identificador em Libras é , pela UFRGS. Já em julho de 2018 tive o grande privilégio de poder participar de um curso de extensão universitária sobre o Sistema de Escrita *SignWriting*, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – de sessenta horas, com o professor Adam Frost, cujo sinal identificador em *American Sign Language* – ASL – é

  -. Frost é professor surdo norte-americano, nascido em 1982, em uma família de surdos, em Utah e cresceu ao norte de Los Angeles, Califórnia. Além disso, é membro da equipe de

Valerie Sutton -   - e atua no ensino do sistema *SignWriting*.

Adam Frost é professor de Língua de Sinais Americana (ASL) em várias universidades e faculdades na região de San Diego, incluindo a San Diego State University (SDSU), a University of California San Diego (UCSD) e a Mesa Community College. Ele recebeu seu diploma de mestre da Gallaudet University em Linguística e seu diploma de bacharel pela California State University Northridge (CSUN) em Estudos de Surdos com foco na Literatura da ASL. Ele ensina todos os níveis de ASL, bem como Linguística de ASL. Adam participou do conselho da elaboração da carta de San Diego da American Sign Language Teachers Association

<sup>11</sup> Currículo Lattes do prof<sup>o</sup> Doutorando Fernando Henrique Fogaça Carneiro -  - da UFRGS: <http://lattes.cnpq.br/4803852399087097>.

(SD-ASLTA) para ajudar a construir uma comunidade de apoio para professores da ASL em San Diego, bem como aumentar a conscientização sobre os padrões e expectativas para professores da ASL nas escolas, contratando e empregando-os. Adam também está muito envolvido no uso de um formulário escrito para ASL e atualmente está trabalhando na construção de uma Wikipedia inteiramente escrita em ASL usando um sistema chamado SignWriting.<sup>12</sup>

O curso foi muito enriquecedor, apesar de algumas coisas já ter estudado e por possuir certo domínio sobre a escrita. Mas, foi através dele que tive o contato pela primeira vez com a plataforma online do sistema de escrita em LS chamado SignPuddle<sup>13</sup>, pois, até então, eu tinha o conhecimento apenas do *software SW-EDIT*<sup>14</sup>, desenvolvido por Rafael

Piccin Torchelsen e Antônio Carlos da Rocha Costa -  -, na UCPel. Nessa nova plataforma era possível encontrar variações nas configurações de mão – CM – para a escrita dos sinais, além de possuir muito mais recursos de edição que o *software SW-EDIT* não possuía.

O contato com o SignPuddle possibilitou-me efetuar registros de léxico dentro de um dicionário brasileiro de acesso livre. Para fazer uso dele, o usuário necessita criar uma conta e logar-se a fim de salvar os sinais ali produzidos. Mas, esse dicionário também permite ter acesso a termos registrados por outros usuários, facilitando, assim, a busca por palavras, sentenças e até por textos produzidos na plataforma.

Bom, apesar de este capítulo ter se tornado um pouco longo, ele se fez necessário para poder contextualizar o leitor da trajetória percorrida por mim, até ingressar no Programa de Pós-Graduação em Linguística, onde sou mestrande e orientanda da professora Marianne

Rossi Stumpf -  -, no ano de 2019/1. Inicialmente, meu projeto de pesquisa baseava-se no estudo das variações linguísticas encontradas no sistema SignPuddle, mas, após alguns encontros com a orientadora, percebemos que seria impossível realizar esta pesquisa, pois a

<sup>12</sup> Minha tradução de: *Adam Frost is an American Sign Language (ASL) professor at several universities and colleges in the San Diego area including, San Diego State University (SDSU), University of California San Diego (UCSD), and Mesa Community College. He received his masters degree from Gallaudet University in Linguistics and his Bachelors degree from California State University Northridge (CSUN) in Deaf Studies with a focus on ASL Literature. He teaches all levels of ASL as well as Linguistics of ASL.*

*Adam has served on the board of the San Diego charter of the American Sign Language Teachers Association (SD-ASLTA) to help build a community of support for ASL teachers in the San Diego area as well as raising awareness of standards and expectations for ASL teachers in school hiring and employing them. Adam is also greatly involved in using a written form for ASL and currently working on building a Wikipedia entirely written in ASL using a system called SignWriting.* - Informações disponíveis em: <https://education.sdsu.edu/directory/dle/adam-frost>. Acessado em 05 de abril de 2021.

<sup>13</sup> No capítulo 3, subtítulo 3.3 tratará sobre essa plataforma.

<sup>14</sup> Para mais informações sobre o *software*, link: <https://escritadesinais.com/2010/09/06/sw-edit-editor-de-textos-para-linguas-de-sinais/>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

plataforma não me permite detectar essas variações, por não estarem registrados por categorias e regiões, tornando-se inviável, pelo menos neste momento. Porém, há uma necessidade de uma readequação da plataforma, criando uma subcategorização regional para o registro dos sinais, o que sairia da “nossa alçada”.

Após muitas conversas, percebemos que poderíamos trabalhar, então, com as CM, que são um dos parâmetros fonológicos da Libras encontrados no registro do sinal de CASA, na plataforma SignPuddle. Além disso, utilizo como arcabouço teórico referente à oralidade x escrita os autores: Havelock (1995), Soares (1995 e 2002), Tfouni (1995), Kleiman (1998), Silva (2000), Galvão; Batista (2006), Marcuschi; Dionísio (2007), Silva *et al.* (2018), entre outros, pois tendo como base que a Língua Oral possui diferenças entre a oralidade e a escrita do sujeito ouvinte, é possível perceber o mesmo nas Línguas de Sinais? O que leva um sujeito surdo a registrar de diferentes formas um mesmo termo? Será que esse registro ocorre conforme a sua sinalização ou de acordo com o contexto de fala? Ou seja, conforme ele fala, ele também escreve? Tendo como base esses questionamentos é que os mesmos são apresentados como problema de pesquisa.

Em virtude dos anseios apresentados, a justificativa que me impulsiona a essa investigação é de que a Libras é uma língua visual-espacial, ou seja, faz uso de um canal visual como forma de recepção da informação e utiliza o espaço como forma de produção da informação, em que sua comunicação se dá através de movimentos gestuais, expressões faciais e corporais, e principalmente, do movimento das mãos a fim de transmitir uma mensagem. Além disso, ela é considerada uma língua natural pela “espontaneidade da interação entre pessoas e porque, devido a sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrentes da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (FERREIRA - BRITO; cujo sinal identificador em Libras é  -; *et al.*, 1998).

Já a Língua Portuguesa – LP, em contraposição a Libras, possui uma modalidade oral-auditiva, a qual utiliza sons articulados que são percebidos pela audição, como canal de comunicação e representado através dos grafemas. Quando a colocamos em relação a Libras, percebemos tamanha complexidade existente nesse ato. Isso me trouxe diversas indagações, principalmente no âmbito do léxico, quanto à estrutura gramatical que ali se estabelece e, em especial, na composição fonológica dos sinais. Essas percepções são visíveis em particular nos registros realizados em SignWriting da Libras, que diferentemente da LP, já existe uma convenção para a sua escrita. Na Libras ainda não temos uma única convenção, possibilitando

o registro do léxico, conforme seu usuário. Faz-se necessário destacar no que tange os parâmetros fonológicos da língua, que podem ser percebidos através da ampla forma de escrita.

Para conseguir dar conta disso, a opção metodológica inicial de coleta dos dados deu-se através da escolha de um léxico que apresentasse mais recorrência de registro, dentro do sistema SignPuddle. Com essa pesquisa, cheguei ao número de 62 registros realizados na enciclopédia e 514 registrados no dicionário deste sistema do léxico CASA. Além dessa categorização, foi realizada uma subcategorização de pesquisa: BUSCA POR SÍMBOLO, BUSCA POR PALAVRA e BUSCA POR SINAL, o que me fez chegar a um total de 576 registros de um único termo, dentro do sistema.

Com base nesse levantamento, o meu objetivo geral tornou-se o seguinte: “compreender as diferentes possibilidades de variação fonológica, no que se refere ao fonema configuração de mão, no registro do léxico CASA em SignWriting, encontrados na plataforma SignPuddle”. Em consonância a este objetivo, os objetivos específicos são: a) comparar as diversas formas de registros possíveis do termo CASA, que foram encontrados no sistema SignPuddle; b) analisar, através do parâmetro fonológico Configuração de Mão – CM –, as variações existentes no registro desse léxico e a quantidade de ocorrências que apareceram; c) selecionar as diversas possibilidades de busca do sinal CASA, no sistema, e d) refletir sobre a influência da sinalização na escrita do termo CASA, visando uma possibilidade de registro padrão futuro do léxico selecionado.

Vamos embarcar nesta jornada? Espero que você goste!

### 1.3 COMO CHEGUEI ATÉ AQUI?

Para o usuário da ELS, em SignWriting, é complexa a maneira com que se relaciona com a língua em questão – a Libras na modalidade escrita – e a forma como ela “passa” de uma modalidade para a outra: vídeos e/ou textos, visto que essas são modalidades diferentes. Por já atuar na área de interpretação da Libras, busquei no ensino superior formação adequada para o desenvolvimento da minha profissão. No curso de Letras/Libras Bacharelado, aprofundei-me nos estudos da Libras e a cada novo período letivo, novas descobertas.

Ao ingressar no curso de Letras/Libras, no segundo semestre de 2008, deparei-me com muitas disciplinas que serviram de base para a minha construção como TILS, tais como: Estudos da Tradução, Estudos Linguísticos, Língua Brasileira de Sinais, Escrita de Sinais, entre outras. Porém, essa última, chamou-me muito a atenção, pois, até então, era-me

desconhecido que a língua de sinais possuía alguma forma de registro, deixando-a de ser ágrafa<sup>15</sup>. A partir desse momento, meu interesse pela ELS em SignWriting foi crescendo, pois via nesta escrita uma nova forma de poder REGISTRAR uma língua visual-espacial.

A Libras é considerada uma língua natural pela “espontaneidade da interação entre pessoas e porque, devido a sua estrutura, permite a expressão de qualquer conceito e de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano”

(FERREIRA - BRITO -  - *et al.*, 1998). Com isso, por ela ser uma língua visual-espacial, permite a expressão de sua comunicação através de movimentos gestuais, expressões faciais e corporais e do movimento das mãos, viabilizando a transmissão da mensagem desejada.

Já a Língua Portuguesa – LP, em contraposição a Libras, possui uma modalidade oral-auditiva, que se utiliza de sons articulados, percebidos pela audição como canal de comunicação e representado através dos grafemas<sup>16</sup>. Quando a colocamos em relação a Libras, é possível perceber tamanha complexidade existente nesse ato. Isso trouxe-me diversas indagações, principalmente no âmbito do léxico, quanto à estrutura gramatical que ali se estabelece, em especial na composição fonológica dos sinais.

Essas percepções são visíveis, em particular, nos registros realizados em SignWriting da Libras, que, diferentemente da LP, já existe uma convenção para a sua escrita. Na Libras ainda não temos uma única convenção, possibilitando o registro do léxico<sup>17</sup>, conforme seu usuário preferir. Ainda mais no que tange aos parâmetros fonológicos da língua, que podem ser percebidos através da ampla forma de escrita.

Essas indagações também são colocadas em cheque, quando tratamos de realizar o registro da ELS, em SW, através de um *software* de escrita, que possibilita o registro desses sinais nas mais variadas formas possíveis. Uma das possibilidades existentes para o registro da ELS em SignWriting, hoje, é o *software* SignPuddle, desenvolvido e criado por Stephen

Slevinski -  -, no ano de 2007, e vem sendo aprimorado a cada ano que passa para um melhor aproveitamento. Esse *software* é disponibilizado através de uma plataforma *on-line* e

<sup>15</sup>Que não tem uma forma escrita; sem registro escrito: cultura ágrafa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/agrafo-2/>. Acesso em: 03 de maio de 2021.

<sup>16</sup>Entende-se grafema como a menor unidade gráfica que faz parte de um sistema de escrita: uma letra é um grafema; um sinal gráfico é um grafema. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/grafema/>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

<sup>17</sup>O léxico é a reunião dos vocábulos de uma língua; vocabulário; conjunto de itens lexicais de uma língua. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lexico/>. Acesso em: 04 de junho de 2022.

gratuita, ou pela aquisição do próprio *software*, que é comercializado via redes sociais, mostrando grande poder de comunicação e tornando-se objetos de estudo de suma importância para o desenvolvimento da língua em si.

Para tanto, minha pesquisa torna-se relevante para o âmbito da linguística em função dos poucos estudos relacionados aos parâmetros fonológicos voltados à escrita da Língua de Sinais, principalmente no que tange ao SignWriting. Existem autores como Ferreira-Brito -

 - (1995), Capovilla; cujo sinal identificador em Libras é:  - e Rafael; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2002), Quadros; cujo sinal identificador em Libras é: 

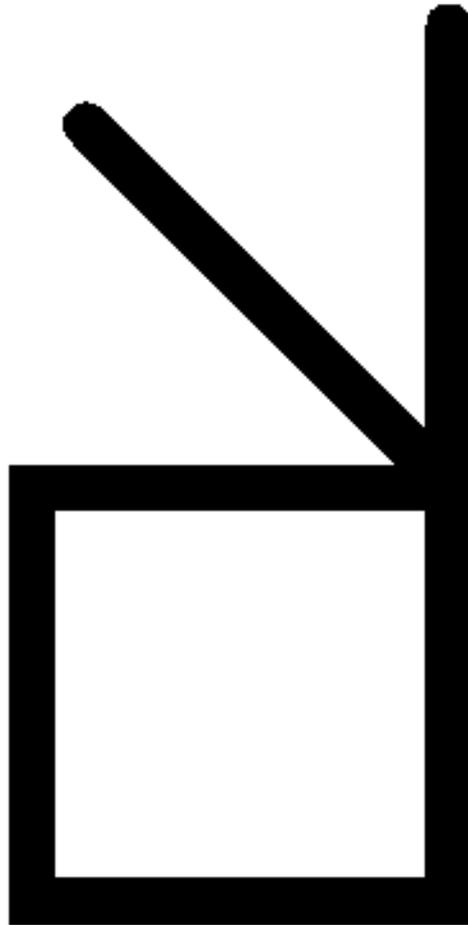
- e Karnopp; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2004), Frost -  - e Sutton - 

- (2013), Iatskiu (2014), Quadros -  - (2019), Fernandes (2020), entre outros, que vem abordando estes temas. No decorrer das discussões serão demonstradas as várias formas registradas do léxico CASA<sup>18</sup>, que foram encontradas nesta plataforma *on-line*, em que os grafemas são representações diretas dos fonemas utilizados e produzidos em língua de sinais. Isso é possível ser percebido no momento da construção do sinal, com os elementos gramaticais que o compõem e que necessitam serem selecionados de forma precisa para estruturar a ELS.

Portanto, um arcabouço teórico importante para embasar esta pesquisa está relacionado à oralidade x escrita, os quais são importantes objetos de análise por apresentarem diferentes pontos de vista, embora um complemento o outro. Através da conceituação destes termos é analisado o papel que cada um possui tanto na LO, quanto na LS, traçando um paralelo entre essas línguas de forma a demonstrar como elas são influenciadas e constituídas por esses conceitos.

Sendo assim, este projeto está relacionado diretamente com minha prática profissional como Tradutora e Intérprete de Libras – TILS e Bacharela do Curso de Letras/Libras, na modalidade à distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC –, concluído no ano de 2012, justificando-o pela importância de aprofundar os estudos sobre os elementos gramaticais da LS, principalmente no que se refere à CM, que é um dos parâmetros fonológicos da Língua de Sinais, possibilitando um aprofundamento teórico-linguístico-funcional da língua e do SW à Comunidade Surda em geral.

<sup>18</sup>Foi escolhido o léxico CASA por apresentar maior quantidade de registro no *software* SignPuddle para análise de dados.



**2 PUXE UM BANCO, PEGUE UMAS PIPOCAS PORQUE A PROSA SERÁ LONGA**



A escrita está entre as maiores invenções da história humana, talvez a maior, pois ela tornou a história possível. (ROBINSON, 1995)

Tendo como pressupostos que a interação entre o homem e o seu meio acontece através de produtos culturais humanos como, por exemplo, os instrumentos e a língua, o sujeito passa a ser uma criação social, graças à sociedade que o fez. Sendo assim, a língua possui um papel central na construção desses sujeitos e de suas relações sociais.

A partir desse entendimento, os surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais – Libras – relacionam-se socialmente através do uso dessa língua. Esta realidade ganhou maior atenção a partir de mobilizações dos Movimentos Surdos, os quais conquistaram a publicação da Lei nº 10.436/2002, em que a Libras, e outros recursos de expressão a ela associados, reconheceu-a como meio legal de comunicação e expressão.

Esse reconhecimento deu-se ao fato das pesquisas voltadas à língua de sinais, por volta de 1980 - 1990, estarem intrinsecamente ligadas ao contexto sócio histórico do andamento das investigações sobre a Libras, sobre as políticas voltadas à Educação de Surdos e os seus movimentos sociais, culturais e linguísticos, apresentando, assim, um processo evolutivo nas discussões direcionadas a essa língua. Contudo, vale ressaltar, que os estudos voltados as Língua de Sinais deram início na década de 60 com o linguista Dr. William C.

Stokoe Junior -  - que se deteve a pesquisar a *American Sign Language* – ASL –, na Universidade de Gallaudet, instituição em que trabalhava.

Desde, então, os estudos linguísticos voltados à Língua de Sinais vêm crescendo significativamente graças às pesquisas dos autores Ferreira-Brito -  - (1995), Quadros -

 - (2004), Quadros -  - e Karnopp -  - (2014), Stumpf -  - (2009), entre outros, que voltaram suas atenções à sua estrutura, à composição gramatical, aos estudos semânticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e, mais recentemente, às possibilidades de registro dessa língua.

Vindo ao encontro desses estudos, minha proposta está ligada diretamente ao desenvolvimento que a Libras vem tendo, principalmente, no que tange à sua escrita, adentrando ao campo linguístico da língua. Para isso, alguns temas deverão ser profundamente estudados, como, por exemplo: processo de composição dos sinais e a relevância linguística que eles apresentam; a oralidade e a escrita e como se dá esse registro na língua e na fonologia da Língua de Sinais. Nesse viés, os autores que me subsidiaram nos

estudos foram, por exemplo, Stumpf -  - (2009), Barreto -  -; Barreto -  - (2015), Filho; cujo sinal identificador em Libras é:  -; Oliveira; cujo sinal identificador em Libras é:  -; Souza; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2018), Quadros -  - (2004) e Quadros -  - e Karnopp -  - (2004), entre outros. Conforme Stumpf -  - (2009, p. 08):

As línguas são representações simbólicas, quer seja uma língua oral ou uma língua de sinais, assim como suas escritas. Elas se constituem historicamente ao longo da evolução dos povos como construções coletivas que resultam em sistemas de representação.

Com base na afirmação de Stumpf -  -, podemos compreender que tanto a língua oral quanto a Língua de Sinais possuem formas de registros, sendo essa última, através de um sistema gráfico, denominado SignWriting. Contudo, essa não é a única proposta de sistema de escrita existente, pois há outras três (Sel, ELiS e a Visografia), entretanto, o SignWriting é o mais difundido até então. Esse sistema apresenta a escrita própria da língua visual-espacial (FILHO -  -; OLIVEIRA -  -; SOUZA -  -, 2018, p. 13). Para fundamentar minhas hipóteses de utilização da ELS como forma de uso e estudo, uma revisão acerca da Escrita de Sinais e da Língua de Sinais, propriamente dita, faz-se necessária.

Neste contexto de pesquisa, Leite; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2009, p. 54), em seu *Caderno de Leitura e Produção de Texto*, elaborado para o curso de Licenciatura em Letras/Libras, na modalidade à distância, diz:

A humanidade descobriu uma forma de fazer o registro da língua, isto é, de tornar a língua permanente. As marcas que hoje aparecem no computador e no papel, e que antigamente apareciam no papiro, no barro, nas pedras, fazem com que as palavras da língua não deixem de existir tão logo sejam enunciadas. A língua é capaz de durar, na escrita, infinitamente mais do que na fala.

Com isso, o autor corrobora dizendo que o registro de uma língua é imprescindível para a permanência e a existência da mesma: seja ela uma língua oral ou uma Língua de Sinais, pois, dessa forma, consegue mantê-la viva dentro daquela comunidade que faz uso, não deixando de extingui-la. No caso da Língua de Sinais, a ELS também é uma forma de se conseguir recorrer a língua por meio de um acervo disponibilizado através do *software* SignPuddle, na sua forma escrita, auxiliando no estudo da língua, na organização neural do pensamento, e nas anotações e sinalizações diárias.

## 2 1 ORALIDADE x ESCRITA

Para dar início a discussão proposta neste subtítulo, é de extrema importância compreender que “toda a atividade discursiva e todas as práticas linguísticas se dão em textos orais ou escritos com a presença de semiologias<sup>19</sup> de outras áreas, como a gestualidade e o olhar, na fala, ou elementos pictóricos e gráficos, na escrita” (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007, p. 13). Isso nos leva a reflexão de que a língua é um dos bens mais valiosos para os homens, indiferente da época, povo e/ou cultura. Dito isso, não é possível desassociar a oralidade e a escrita, pois elas co-existem na história por apresentarem cada uma um papel na sociedade.

Neste sentido, podemos perceber que a língua é uma prática social que produz e organiza as formas de vida, ações e conhecimentos. Segundo os autores Marcuschi e Dionísio (2007), a língua nos torna únicos perante os seres vivos, pois nos permite cooperar de forma intencional, não apenas por instinto. Ela, ainda, é atividade e trabalho em conjunto, contribuindo para a construção de identidades sociais e individuais. E, mesmo vivendo em uma sociedade em que a escrita se faz presente de forma bastante estudada, ainda sim, no dia-a-dia, falamos mais do que escrevemos, pois seu domínio e conhecimento são primeiro, de natureza oral.

A língua ainda se compõe de um sistema de convenções que devem ser obedecidas. Do contrário, as pessoas não se entenderiam, pois imagina cada sujeito poder fazer o que quisesse com a língua e construísse textos a seu livre arbítrio. Com certeza, isso seria muito prejudicial à interação de seus usuários, pois a comunicação não fluiria. Existem, portanto,

---

<sup>19</sup> Ciência que se dedica ao estudo dos signos, dos modos que representam algo diferente de si mesmo, e de qualquer sistema de comunicação presentes em uma sociedade. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/semiologia/>. Acessado em: 29 junho 2022.

convenções a serem analisadas, tanto na fala, quanto na escrita. Entretanto, essas convenções são flexíveis, não impedindo uma comunicação criativa e libertadora na sua prática.

Os autores Marcuschi e Dionísio (2007) ainda enfatizam que a variação linguística é normal, natural e comum às línguas. Contudo, a quantidade de variação presente na oralidade não é a mesma percebida na escrita, pois essa última possui normas e padrões orientados pelas instituições, dispondo de regras ortográficas rígidas e princípios de textualização que diferem na relação com a fala.

Outra questão que requer atenção, no que se refere à oralidade e à escrita na língua portuguesa, é que a primeira apresenta marcadores bem salientes, tais como: “bom”; “como?”; “né?”; “bom... então”, repetições, enunciados com início, mas que não são concluídos; pausas breves; vícios de linguagem; inclusive, os marcadores “bom”, “como” e “então” são utilizados, dependendo do contexto de fala dos sujeitos; entre outros. Já a escrita, ela não apresenta esses marcadores, podendo ser percebidos no momento que se passa um texto falado à escrita, quando essas marcas são apagadas, dando lugar a uma escrita mais formal (MARCUSCHI; DIONÍSIO, 2007). Sendo assim, a fala não pode ser normatizada pelas regras presentes na escrita.

Dando seguimento a discussão, faz-se necessária a conceitualização do termo oralidade para melhor compreensão do que vem sendo tratado até então. Para isso, recorri à autora Silva (2000, p. 23), que em seus estudos chega à seguinte conclusão sobre o que é a oralidade:

A oralidade é, em princípio, um processo natural de comunicação lingüística que antecede ao processo de educação formal direcionado à lectoescritura<sup>20</sup> ou ao letramento. Por um lado, a oralidade pode ser caracterizada como origem e berço da cultura popular que, por sua vez, tem sustento, conservação e retorno basicamente na comunicação oral. Por outro, o termo 'oralidade' tem sido utilizado para distinguir sociedades essencialmente orais ou, ainda, para caracterizar as formas de falar que se encontram tanto em culturas que desconhecem como nas que fazem uso da escrita.

Indo ao encontro da autora, Havelock (1995, *apud* SILVA, 2000, p. 23) salienta que o uso dos termos oralidade e oralismo<sup>21</sup> também fazem menção a sociedades inteiras, que fazem uso da comunicação oral, dispensando, assim, a escrita. Desta forma, faz-se necessário voltar aos momentos históricos e aos aspectos antropológicos da emergente e crescente

<sup>20</sup> A lectoescritura envolve as práticas sociais de uso da linguagem, não somente a leitura e a escrita. Silva (2000, p. 24).

<sup>21</sup> Segundo Silva, para o autor Havelock os termos oralismo e oralidade são trabalhados como sinônimos, possuindo, assim, o mesmo sentido.

socialização da língua escrita em sociedade, analisando, assim, as seguintes características: a) da oralidade anterior à escrita; b) os processos de transição envolvidos da oralidade à escrita; c) os processos de mudanças sociais, cognitivas e comunicativas resultantes da inserção da língua escrita em sociedades; d) as práticas de leitura e escrita em diferentes épocas e grupos sociais; e) os processos históricos de acumulação, disseminação e distribuição de materiais escritos; f) o surgimento da imprensa e seus efeitos, entre outros, que serviram para o avanço da escrita até os dias atuais (SOARES, 1995).

Segundo Sousa (2010, p. 39), a “oralidade é uma aquisição com suporte biológico, prerrogativa do homem quando mergulhado numa comunidade de falantes”, ou seja, a partir do momento que ele é exposto a uma determinada língua, ele começa a adquirir habilidades para a fala, sendo ela inata ao seu ser. Segundo Sousa (2010, p. 41), a evolução da língua ao nível da oralidade é, sobretudo, fonética e orientada, na opinião de Figueiredo e Ferreira (1965, *apud* SOUSA, 2010, p.41), pelos seguintes princípios:

- **Lenta evolução:** as transformações operam lentamente;
- **Não-consciência da evolução:** os falantes não têm consciência das transformações que vão realizando;
- **Rege-se pelo princípio de menor esforço:** tendência para reduzir ao mínimo o esforço necessário para a pronúncia de certos fonemas.

Para os autores, essa evolução aconteceu através das adaptações que os indivíduos faziam com relação aos diferentes falares de uma determinada comunidade de falantes, no qual se distinguiam pela sua fala e o desvio dela de uma norma ideal. Essa adaptação ocorria de forma inconsciente, sem que fosse percebida na fala dos sujeitos. Entretanto, essas adequações à oralidade representam uma mudança histórica nas práticas sociais, pois conforme destaca Charnley & Jones (1979, p. 8 *apud* SOARES, 1995), surge o conceito de alfabetismo<sup>22</sup>, no final do século XIX. Apesar desse termo, na época, apresentar certa estranheza, ele designa o estado ou a condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever.

Nesse contexto, o alfabetismo, de acordo com o entendimento dos autores acima, refere-se não a um comportamento único, mas a um conjunto de comportamentos que se

<sup>22</sup> Estado ou condição das pessoas que foram alfabetizadas, que receberam instrução formal ou sabem ler e escrever; sistema de escrita que se baseia no alfabeto, opondo-se aos que são ideográficos. Esse significado pode ser encontrado no Dicionário *On-line* de Português, disponível em: <https://www.dicio.com.br/alfabetismo/>. Acessado em 10 junho 2021.

constituem por sua multiplicidade e complexidade. Ao analisar esse comportamento, percebe-se a distinção de duas grandes dimensões: a primeira, individual, sendo vista como características pessoais, no que tange ao desfrute exclusivo das habilidades de leitura e de escrita; e a segunda, social, percebida como um fenômeno cultural, apresentando um conjunto de atividades sociais que envolvem a língua escrita e as demandas sociais de uso dessa língua escrita. Por isso, o termo supracitado é um conceito complexo, que envolve uma variedade de conhecimentos, habilidades, técnicas, valores, usos sociais, funções e variações histórico-espacialmente.

Nesse processo, a autora Sousa (2010, p. 42) ressalta que o sistema alfabético foi inventado no Médio-Oriente e levado pelos mercadores fenícios para a Grécia e desta para Roma. Era como um sistema espalhado pela Europa e hoje adaptado por muitas outras línguas (GELB, 1952, *apud* SOUZA, 2010, p.42). Nesse sistema, a escrita pretende traduzir os sons mínimos da fala, os fonemas, em sinais gráficos correspondentes, os grafemas.

Entretanto, com o passar dos tempos, fez-se necessária a mudança do termo alfabetismo, devido às novas realidades que se estabeleciam, surgindo, assim, o termo letramento. Em direção a essa discussão, Kleiman (1998, p.181) refere-se ao letramento “como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita”. Corroborando com essa discussão, a autora Tfouni (1995) salienta que enquanto a alfabetização está preocupada com a aprendizagem da escrita por parte do indivíduo, ou grupos de indivíduos, o letramento está preocupado com os aspectos sócio-históricos do alcance de um sistema escrito por uma sociedade. Sendo assim, o letramento são as consequências sociais e históricas da inserção da escrita em uma sociedade que expõe mudanças sociais e discursivas, apresentando à escrita como um impacto social decorrente de uma sociedade letrada.

Os autores Cook-Gumperz e Gumperz (1981, *apud* GALVÃO; BATISTA, 2006, p. 407 – 409) identificaram três grandes momentos na história humana, quando se enfoca a relação entre oralidade e escrita, sendo: o primeiro caracteriza-se por uma grande distância entre oralidade e escrita, já que somente um pequeno grupo de pessoas, nessa fase, tinha acesso à alfabetização; o segundo, a escrita passa a ser vista, prevalecentemente, como um registro da oralidade, em que as narrativas orais passam a ser divulgadas maciçamente pela escrita; e em terceiro teria havido um novo afastamento entre oralidade e escrita, na medida em que essa última passa a assumir outro aspecto, tornando-se burocratizada e, nessa fase, a escola desempenha um papel fundamental.

A escrita, por sua vez, na concepção individual, é um conjunto de habilidades e de conhecimentos linguísticos e psicológicos. Não se trata somente de conhecimento quantitativo e variado, mas vê desde habilidade de transcrever sons até a capacidade de comunicar-se adequadamente, sendo parte integrante da interação entre os sujeitos. Assim sendo, parte do processo de interpretação que ocorre no momento da interação.

Para Soares (1995, p. 9), a escrita é como “um processo de relacionamento entre unidades sonoras e símbolos escritos, e *é também* um processo de expressão de idéias e de organização do pensamento sob forma escrita”. Já Sousa (2010, p. 39) caracteriza a escrita “como uma construção cultural que pretende ultrapassar os limites do tempo e do espaço, características associadas à oralidade, e adicionar às mesmas dimensões de elaboração e rigor, que exige ensino”.

A escrita é uma espécie de representação abstrata e não fonética e nem fonêmica da fala. Ela não consegue reproduzir uma série de propriedades da fala, tais como o sotaque, o tom da voz, as entoações, a velocidade, as pausas, etc. Isso tudo é suprido na escrita por um sistema de pontuação convencionado para operar, representando aquela função da fala. Mas, a consequência mais importante dessa diferença é a que diz respeito à grafia dos sons, que, na fase inicial da alfabetização, oferece muitos problemas, pois símbolos diversos representam o mesmo som.

Com isso, o alfabeto não é fonético e nem pode ser confundido com a organização fonológica de uma língua, pois em geral o número de fonemas de uma língua é superior ao de letras. É por isso que não se deve confundir ortografia com fonologia da língua, pois a fala em LO é medida pelo som e na LS é visual, através da sinalização, pois tem presença momentânea. Na medida em que são grafias, tem presença duradoura, pois assim como a LO possui uma escrita, a LS também possui, ainda que não consolidada, mas já é possível representá-la de forma gráfica, através do sistema de escrita em SignWriting.

Desta maneira, o processo de escrever engloba: a) habilidades de traduzir fonemas em grafemas; b) habilidades cognitivas e metacognitivas; c) habilidades motoras; d) ortografia; e) uso adequado da pontuação; f) selecionar informações relevantes sobre o tema do texto e de identificar os leitores pretendidos; g) habilidade de fixar os objetivos do texto e de decidir como desenvolvê-lo; h) organizar as ideias no texto, estabelecendo relações entre elas e expressá-las adequadamente.

Já a escrita do ponto de vista social refere-se ao alfabetismo não como, especialmente, um estado ou condição individual, mas, sim, essencialmente uma prática social. Ele é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita

em determinada situação, estabelecendo relações entre suas habilidades e conhecimentos, suas necessidades, seus valores e suas práticas sociais. O alfabetismo acaba sendo um conjunto de práticas sociais associadas à leitura e à escrita, através do uso em contextos sociais específicos.

Do mesmo modo que podemos empregar o termo letramento para as comunidades ouvintes, também podemos nos referir às comunidades surdas no que tange ao significado deste termo. Podemos dizer que a comunidade surda faz uso desse letramento visual em língua escrita para esses sujeitos, pois existem vários tipos de letramentos possíveis, no qual abarca o digital, o tecnológico, o visual, entre outros. Isso só foi possível devido às mudanças sociais que a comunidade vem apresentando, mesmo que de forma incipiente, pois o processo de escrita ainda não está consolidado entre os usuários da Libras. Isso se dá ao fato de haverem pesquisas recentes que destacam quatro possibilidades de escrita, sendo elas: a ELiS, a SEL, a VisoGrafia e o SignWriting.

Segundo Silva; cujo sinal identificador em Libras é:  - (et al. 2018), o sistema de Escrita de Língua de Sinais – ELiS – foi criado pela Dra. Mariângela Estelita de Barros;

cujo sinal identificador em Libras é:  -, em 1997, e possui como base o sistema alfabético, linearidade na escrita e organização a partir dos parâmetros dos sinais propostos por Stokoe, em 1960. O Sistema de Escrita da Libras – SEL, criado pela Dra. Adriana Stella

Cardoso Lessa de Oliveira; cujo sinal identificador em Libras é:  -, em 2009, também apresenta como base o sistema alfabético mais econômico e eficiente que os sistemas logográficos – ou ideográficos –, entretanto, acabou por se transformar em um sistema de escrita de natureza táctica, apresentando traços fonológicos distintivos, participantes da articulação do sinal e não fonemas.

Os mesmos autores ainda mencionam o sistema de Escrita Visogramada das Línguas de Sinais – VisoGrafia –, criado pelo Dr. Claudio Alves Benassi; cujo sinal identificador em

Libras é:  -, em 2016. Esse foi idealizado e composto a partir da união de elementos simples e visuais do SW e da ELiS, tendo como objetivo a oferta de um sistema viável tanto para a leitura, quanto para a escrita e, também, de fácil aprendizagem. O sistema é composto por visografemas – letras – e diacríticos – símbolos gráficos, que podem complementar o registro de uma determinada informação – e que são usados para grafar as Línguas de Sinais.

E, por último, o Sistema SignWriting – SW – que foi criado em 1974 pela coreógrafa Valerie Sutton - , trazido e adaptado nos pares linguísticos: Inglês-ASL/Português-Libras para o Brasil, em 1996, pela Dra. Marianne Rossi Stumpf - . Esse apresenta características gráficas e esquemáticas analógicas, que o configuram como um sistema transparente e de rápida aprendizagem e manipulação.

Como pode ser percebido, existem quatro possibilidades de escrita da Língua de Sinais, entretanto, para a realização desta dissertação foi abordado o sistema de escrita SignWriting – SW – tendo como base as minhas experiências como usuária desse sistema de escrita, pois, no meu trabalho diário, faço uso da SW para registrar sinais novos e sinais combinados com alunos surdos, facilitando a memorização e a produção desses.

Somado a isso, também foi levado em conta nesta escolha o fato de que essa escrita é fascinante pelos seguintes motivos: o SW possibilita ao sujeito, mesmo que não tenha conhecimento dessa escrita, a compreensão dela através do reconhecimento dos elementos que a compõe, pois a torna visual; e diferente das outras três, o sujeito mesmo não sabendo reconhecer o termo empregado por ela, consegue detectar elementos de suma importância para a produção do sinal, pois ela é uma escrita visualmente fonética, em que é possível a percepção das unidades mínimas que a compõe.

Além disso, segundo Stumpf -  - (2005), o uso e a disseminação do SW ajudariam muito no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos surdos, pois além de poderem pensar na sua L1, poderiam escrever nela, também, auxiliando e facilitando suas expressões e pensamentos através da escrita. Refletindo sobre, trago o seguinte exemplo: um sujeito brasileiro, quando quer expressar uma idéia, ele reflete primeiro em LP e depois registra esse pensamento na sua língua de forma escrita. Já o sujeito surdo, ele expressa-se, reflete e vêem Língua de Sinais para só depois registrar o seu pensamento em outra língua, no caso, a LP, na modalidade escrita, apresentando estrutura gramatical totalmente diferente da sua L1.

Corroborando com a reflexão a cima, Capovilla -  - *et al.* (2000), salienta que se espera muito mais da criança surda neste processo, pois ela deverá fazer uso das palavras da LO, sendo ela de modalidade oral-ativa, enquanto que a sua LS é de modalidade visoespacial, o que não a permite fazer de forma intuitiva o uso das características fonológicas

naturais a leitura e a escrita. Diferentemente da criança ouvinte. Os autores ainda destacam que “como a operação de sistemas de representação externa (escrita) é sempre feita a partir do sistema de processamento interno, é natural à criança surda fazer uso de sua sinalização interna em auxílio à leitura e escrita, recorrendo às propriedades formais (visuais) de sua sinalização interna” (CAPOVILLA -  - *et al.*, 2000, p. 33). Apesar de ter ciência de que a Libras não pode substituir a Língua Portuguesa na modalidade escrita; conforme consta na Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, a escrita em SW dá mais liberdade de expressão a esses sujeitos surdos, propiciando uma alfabetização, primeiramente em sua língua, para, após, adquirir sua L2.

Considerando as explicações supracitadas, faz-se necessária a reflexão do termo alfabetismo, levando em consideração a Língua de Sinais, pois, assim como nas línguas orais, as características levantadas condizem, também, com o processo de escrita nessa língua, que apesar de não ter uma única forma de escrita, tende mais para o sistema de escrita SignWriting por apresentar mais relação da sua produção com a sua escrita, tornando-a mais visual que os demais sistemas. Isso se dá devido à utilização de elementos gramaticais mais parecidos com a sinalização do sujeito e, por mais que o leitor não conheça todos os elementos necessários para lê-lo, ele, mesmo assim, de forma intuitiva, reconhece elementos fonéticos-fonológicos de fácil compreensão.

Segundo Soares (2002, p. 146), as práticas de leitura e escrita abordadas até aqui:

[...] hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a *web*), a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o *estado ou condição* que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas<sup>23</sup>, o letramento na cultura do papel.

Para Soares (2002), as tecnologias contribuem para com a leitura e a escrita, principalmente para a comunidade surda, visto que propiciaram o registro da Língua de Sinais em várias modalidades, dentre elas, os vídeos, que servem de interação com outros usuários

---

<sup>23</sup> O adjetivo *tipográfico*, neste texto, usado para qualificar leitura, escrita ou letramento, não se refere apenas, restritamente, aos textos impressos com tipos, mas a textos impressos de modo geral, seja qual for o processo de composição – não só tipográfico –, mas, também, por fotocomposição, por editoração eletrônica etc. Atualmente, é com esse sentido amplo que esse adjetivo tem sido usado por Soares (2002, p. 157).

da mesma língua, não deixando de ser um registro escrito<sup>24</sup>, ou, até mesmo, através de anotações em SW, realizado na plataforma SignPuddle Online.

Ratificando o exposto a cima, Silva; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2019), em sua tese enfatiza que o uso e o registro da LS ocorrem de duas formas principais, sendo elas: sinalizada e registrada através de vídeos e/ou através da escrita, podendo ser em SW. Digo podendo, pois ainda existem mais três possibilidades de registro escrito em LS. O autor ainda utiliza um quadro comparativo entre escrita e vídeo em LS, que elucida essa comparação:

**Quadro 1 - Comparativo entre escrita e vídeo**

	<b>Escrita</b>	<b>Vídeo</b>
<b>Tipo de registro</b>	Suporte físico e/ou digital	Suporte físico e/ou digital
	Mesma materialidade linguística <sup>25</sup>	
<b>Duração de conservação</b>	Determinado ou indeterminado	Determinado ou indeterminado
	Mesmo tempo de existência	
<b>Local de acesso e acervo</b>	Pode ser lida em qualquer lugar desde que disponibilizada ao público. Pode ser lida em documento físico ou digital (livro; arquivo digital) em acervo público ou particular.	Pode ser assistido em qualquer lugar desde que disponibilizado ao público. Pode ser assistido em documento físico o digital (DVD; arquivo em MP4) em acervo público ou particular.
	Mesma possibilidade de local e acervo.	
<b>Interlocutor</b>	Leitor	Leitor/espectador
	A leitura (no sentido tradicional – ler um texto escrito) e a leitura (no sentido amplo – ler/assistir qualquer tipo da materialidade linguística).	

Fonte: Silva -  - (2019, p. 64)

<sup>24</sup> Entende-se, aqui, a escrita como uma forma de registro permanente, podendo ser através de vídeos sinalizados ou através do uso do sistema de escrita SignWriting.

<sup>25</sup> Segundo Silva -  - (2019, p. 64 *apud* Bezerra, 2017, p. 37) “é conveniente ressaltar que os termos ‘material’, ‘materialidade’ e ‘materializar’ são empregados aqui sem nenhuma conotação filosófica especial, mas apenas no sentido de que o texto, ao contrário do gênero, tem sempre um componente material, visível na escrita e audível na fala [bem como “visível no vídeo” - adendo do autor], ao ser atualizado a partir de recursos disponíveis no sistema linguístico e noutros sistemas semióticos”.

Neste ponto, cabe salientar que a Libras, tanto em seu uso quanto em seu registro escrito, está presente em várias produções: tais como literárias, e/ou acadêmicas, destacando que existe distinção entre o uso da língua, o registro escrito e o registro em vídeo, sendo esse último, denominado vídeossinalizada pelo autor (Silva -  -, 2019).

Já o autor Ong (1986 *apud* SOARES, 2002) enfatiza que os sujeitos letrados possuem dificuldades de entender a oralidade primária<sup>26</sup>, pois a tecnologia da escrita está tão enraizada nas pessoas, que as tornam incapazes de se separarem dela, não conseguindo perceber sua presença e influência. O indivíduo não possui consciência sobre o que abrange o letramento, apresentando dificuldades em captar elementos do estado, ou condições de ser letrado por viverem imerso nele. Para superar essa dificuldade, Ong (1986 *apud* SOARES, 2002, p. 147) “procura compreender o letramento na cultura do papel pela identificação das diferenças entre sociedades ágrafas e sociedades letradas, confrontando o mundo da oralidade primária com o mundo letrado”.

Segundo Havelok (1986 *apud* SOARES, 2002), os estudos relacionados à introdução da escrita na civilização grega destacam-se por apresentarem o texto escrito como referência, pois as características de memorização dos textos orais eram determinadas pela preservação da memória de quem os contava a quem os ouvia. Com isso, com a introdução e a prática da escrita foi possível perceber mudanças significativas na forma de recepção, de gêneros e funções dos textos, principalmente no que cerne aos processos cognitivos e discursivos, ou seja, no estado ou nas condições dos destinatários dos textos.

Segundo Bolter (1991, *apud* SOARES, 2002, p. 149), o espaço de escrita é definido como “o campo físico e visual definido por uma determinada tecnologia de escrita”. Ou seja, todas as formas utilizadas para o uso da escrita são consideradas espaciais, pois se faz necessário um lugar em que a escrita se inscreva/escreva, em que cada tecnologia se refere a um espaço de escrita diferente e diversificado (SOARES, 2002). O mesmo ocorre com o sistema de escrita em SW, em que o campo de escrita ocorre na plataforma SignPuddle online, podendo ser usada como busca de sinais e, até mesmo, compô-los.

---

<sup>26</sup> Para Ong (1982, *apud* SOARES, 2002, p. 157), oralidade primária é “*the orality of cultures untouched by literacy*”; para Lévy (1993, p. 77): A oralidade *primária* remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita, a oralidade *secundária* está relacionada a um estatuto da palavra que é complementar ao da escrita, tal como o conhecemos hoje. Na oralidade primária, a palavra tem como função básica a gestão da memória social, e não apenas a livre expressão das pessoas ou a comunicação prática cotidiana. Hoje em dia, a palavra viva, as palavras que ‘se perdem no vento’, destaca-se sobre o fundo de um imenso corpus de textos: ‘os escritos que permanecem’. O mundo da oralidade primária, por outro lado, situa-se antes de qualquer distinção escrito/falado.

No que cerne a origem da escrita, a mesma começou através da superfície de uma tábua de argila, madeira ou até mesmo a superfície de uma pedra polida, vindo mais tarde a fazer uso da superfície do rolo de papiro ou pergaminho, que era dividido em colunas por quem os escrevia. Posteriormente, começou-se a utilizar as cascas das árvores dobradas e costuradas ao longo de uma aresta, dando o formato de um livro. Este procedimento chamava-se de códice. Com a evolução dessas superfícies utilizadas para a escrita, chegaram-se ao que é utilizado nos dias atuais: a página em branco e, mais recentemente, a tela de um computador, no qual só foi possível graças ao surgimento da escrita digital, um novo espaço de uso.

Com isso, fechamos este assunto destacando que o espaço da escrita está relacionado, também, com o sistema de escrita. Temos como exemplo, a escrita em argila úmida, a pedra como superfície a ser escavada, que eram utilizadas para os registros de hieroglíficas, passando por uma evolução até o uso do papiro e tornando-se mais cursiva. O espaço da escrita relaciona-se com os gêneros e o uso dela, mantendo as práticas de leitura e de escrita. Os dois primeiros sistemas não permitiam a escrita de textos longos ou, até mesmo, as narrativas, pois era inviável o transporte, permitindo, assim, apenas escritas públicas em determinados monumentos. Já o códice, propiciando a página, possibilitou o registro escrito de variados gêneros, e longos textos.

## 2.2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE *SIGNWRITING*

Tudo começou em 1972, com a professora e coreógrafa estadunidense Valerie Sutton

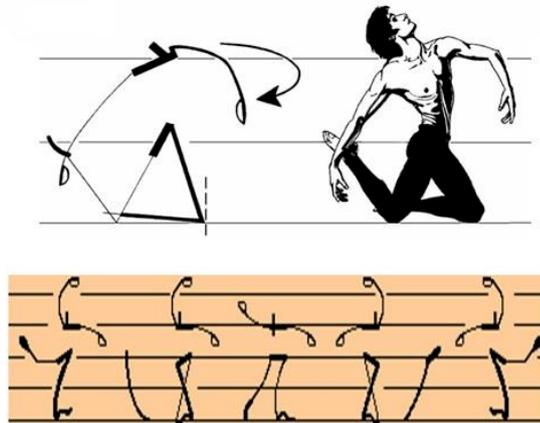
 - , autora do sistema de notação dos movimentos da dança chamado *DanceWriting*. A criação desse sistema de notação possibilitou sua ida, tempos depois, à Dinamarca para ensinar o *DanceWriting*, em uma escola de balé.

### **Ilustração 3 - Valerie Sutton em seu escritório na Califórnia, nos Estados Unidos**



Fonte: Imagem retirada de <https://www.libras.com.br/valerie-sutton>.

#### Ilustração 4 - Sistema ilustrativo *DanceWriting*



Fonte: Imagem retirada de <https://escritadesinais.wordpress.com/page/2>.

A sua chegada ao país acabou por chamar a atenção de alguns pesquisadores que focavam seus estudos na Língua de Sinais Dinamarquesa, na Universidade de Copenhague. Esses pesquisadores tiveram ciência dessa forma de registro, que foi criada por Sutton e solicitaram que utilizasse esse mesmo sistema de notação para escrever os sinais produzidos

em alguns vídeos que estavam nessa Língua de Sinais. (BARRETO -  -; BARRETO -  -, 2015).

Um fator relevante neste processo de registro dos vídeos em Língua de Sinais, que foi realizado por Sutton -  -, é que ela não tinha conhecimento da Língua de Sinais Dinamarquesa, no entanto, seu objetivo era tentar registrar o maior número de detalhes da execução daquela sinalização. Durante esse processo, ela percebeu que “ao aplicar esse sistema de notação à Língua de Sinais, ou seja, registrar o movimento desta língua, também é

registrar uma língua” (BARRETO -  -; BARRETO -  -, 2015). Foi então que, neste

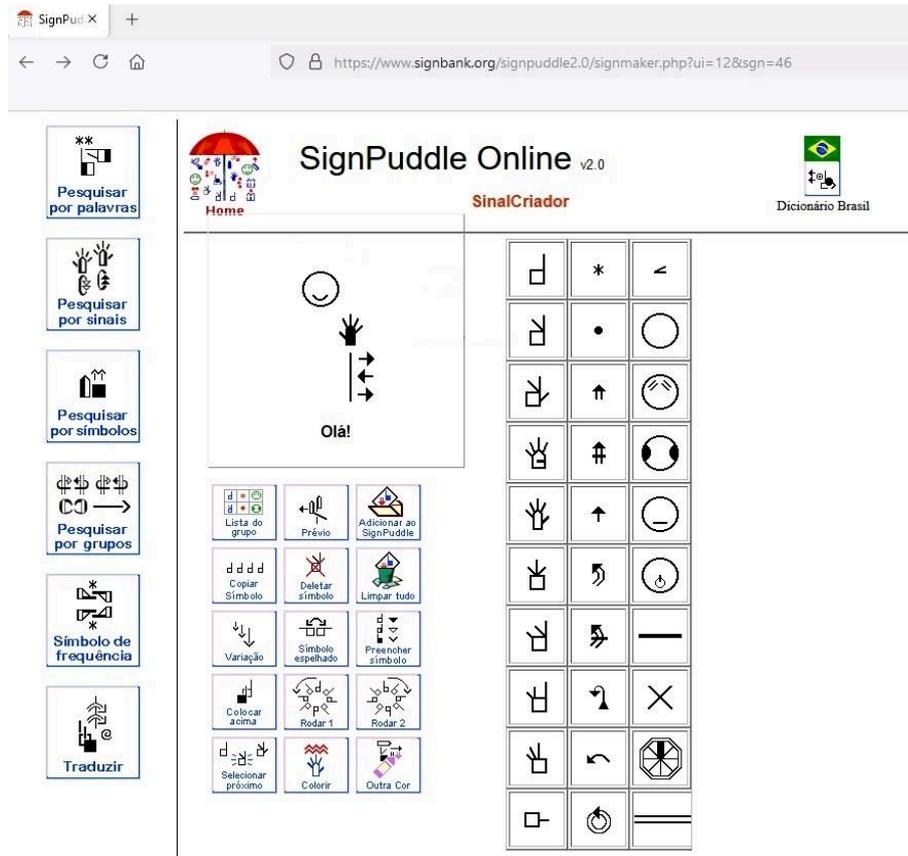
momento, utilizando a adaptação do registro do movimento da dança para a LS, originou-se o SignWriting, em 1974.

Inicialmente esse sistema de registro havia sido criado para anotações dos movimentos da dança e que com a viagem à Dinamarca fez com que, ao retornar aos Estados

Unidos, Sutton -  - entrasse em contato com os professores, pesquisadores e usuários da *American Sign Language* – ASL – para que juntos pudessem tornar mais adequado o sistema às LS, visto que esses sujeitos já vinham fazendo parte do processo de criação do *DanceWriting* e juntos aperfeiçoariam o SignWriting.

Segundo Aguiar -  -; Chaibue -  - (2015, p. 17) “Sutton -  - dirige o *Deaf Action Committee* – DAC –, uma organização sediada em La Jolla, Califórnia, Estados Unidos da América – USA – sem fins lucrativos”. A equipe do DAC publicou dois sistemas computacionais para a difusão e o desenvolvimento da Escrita da Língua de Sinais em SW, entretanto apenas o SignPuddle, publicado em 2004, é, de fato, utilizado para a ELS, pois ele possui uma plataforma online que permite a edição de dicionários bilíngues, busca por sinais, composição de sinais, edição de textos, assim como o envio de e-mail em diferentes línguas de sinais.

### **Ilustração 5 - Tela da função: Editor de sinais**



Fonte: Imagem retirada de <https://www.signpuddle.org>.

Segundo Stumpf -  - (2016, p. 84), o “SW é um sistema gráfico e esquemático da ELS, que com um mínimo de convenções gráficas, permite o registro de sinais com bastante naturalidade”. Além disso, esse sistema não pertence a nenhuma Língua de Sinais específica, sendo capaz de ler e escrever qualquer LS, por possuir mais de 1900 símbolos. Sem contar que, sua escrita é produzida em colunas na vertical, no sentido de cima para baixo e da esquerda para a direita, como mostra a Ilustração 6, abaixo. Com isso, faz-se necessário, então, um editor de texto específico, como mostra a Ilustração 5, acima, para após ser passado para o editor de texto padrão dos computadores/notebook.

Além disso, algumas alterações foram necessárias para uma melhor adequação do registro escrito. Uma delas é que a escrita deixa de ser, na perspectiva Receptiva<sup>27</sup> e passa a

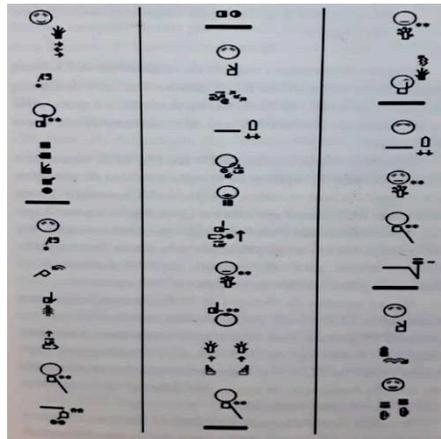
<sup>27</sup>Perspectiva Receptiva: refere-se a como você vê outra pessoa sinalizado (BARRETO -  -; BARRETO -  -, 2015).

ser na perspectiva Expressiva<sup>28</sup>. Essa mudança foi de grande valia para os usuários da ELS,

pois segundo Stumpf -  - (2005, p. 53): “para eles o papel de uma ELS é o de anotar aquilo que o escritor produz na sinalização, como ele vê, e não como uma notação de ponto de vista receptivo que inverte a perspectiva, como um espelho”. Veja a ilustração abaixo para compreender a sua forma de registro.

**Ilustração 6 - Texto em SW**

“Olá, eu sou o Sávio. Eu vim aqui, mas, não tem apoio para idosos com idade de 80 anos. Há 2 anos, a mãe comprou um cachorro pastor alemão e entregou para o idoso. O cachorro é esperto<sup>29</sup>. No passado, o idoso caminhou com o cachorro. Duas crianças andavam felizes de bicicleta...”



Fonte: Benassi – seu sinal identificador em Libras é:  (2017, p. 31)<sup>30</sup>.

<sup>28</sup>Perspectiva Expressiva: refere-se ao ponto de vista do sinalizador, ou seja, lê e escreve os sinais como se você

mesmo estivesse sinalizando (BARRETO -  -; BARRETO -  -, 2015).

<sup>29</sup> O termo ESPERTO, utilizado neste contexto, refere-se a uma metáfora em Libras para o seguinte sinal:

 -, que significa OLHO CARO, muito utilizado pela comunidade surda.

<sup>30</sup> Retirei esse trecho do material de BENASSI -  -, entretanto, sua primeira publicação encontra-se em

Barreto -  - & Barreto -  -, 2015, p.159.

Para os autores Luchi; cujo sinal identificador em Libras é:  -, Stumpf -  -

e Wanderley; cujo sinal identificador em Libras é:  - (2018, p. 128):

O sistema criado por Sutton é composto por doze categorias de glifos<sup>31</sup>; é um elemento da escrita e é referido para o registro na escrita do sinal; que não aparecem necessariamente todos juntos na escrita de um sinal:

- Orientação e posições da mão;
- Tipos de contato;
- Configurações de mãos;
- Movimentos dos dedos;
- Movimentos de braços e apontação;
- Expressões faciais;
- Localização de glifos de cabeça;
- Movimentos da cabeça;
- Orientações do olhar;
- Movimentos do corpo;
- Glifos de pontuações;
- Dinâmicas de movimentos.

Todos esses glifos são de extrema importância para a composição do sinal em SW, em que o sujeito surdo consegue se expressar em sua própria língua, através do registro da sua sinalização. Sem contar que, “o bilingüismo é mais pleno quando permite ao surdo aprender a ler e escrever nas duas línguas: a Libras; por meio de sistemas visuais diretos como SignWriting, e o Português, por meio da escrita alfabética tradicional” (CAPOVILLA; cujo

sinal identificador em Libras é:  - ; RAPHAEL; cujo sinal identificador em Libras é:

 - (2001, p. 33, *apud* STUMPF -  - , 2016, p. 84), como é o caso das línguas utilizadas no Brasil: o Português na modalidade oral-auditiva<sup>32</sup> e a Libras na modalidade visual-espacial<sup>33</sup>.

Seguindo essa linha de raciocínio, Stumpf -  - (2008, p. 30) ressalta que:

Conforme as publicações do DAC o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético,

<sup>31</sup> O novo termo foi usado por muitos pesquisadores de *SignWriting*, como Biachini e Borgia (2012), Stumpf -



- e Wanderley -



- (2016), assim como a escrita logográfica, denominada por escrita chinesa, no sentido da tipografia, após o uso de palavra “símbolo”, que foi deixada para trás.

<sup>32</sup> Oral-auditiva por ser produzida pelo canal fonador e percebida pelo canal auditivo das pessoas ouvintes.

<sup>33</sup> Visual-espacial por ser percebida pelo canal visual e produzida no espaço neutro de sinalização, ou seja, em frente ao sinalizante, podendo apresentar sinais ancorados, ou não, ao corpo das pessoas surdas.

em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O SignWriting pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais.

Desta forma, o SW, hoje, é o sistema de Escrita da Língua de Sinais mais utilizado mundialmente, contando com quarenta países que fazem uso do SW para grafar sua Língua de Sinais, pois apresenta um conjunto de elementos interligados e necessários para tal fim. Dentre esses países, encontramos o Brasil, como usuário desse sistema de escrita, como mostra o mapa abaixo.

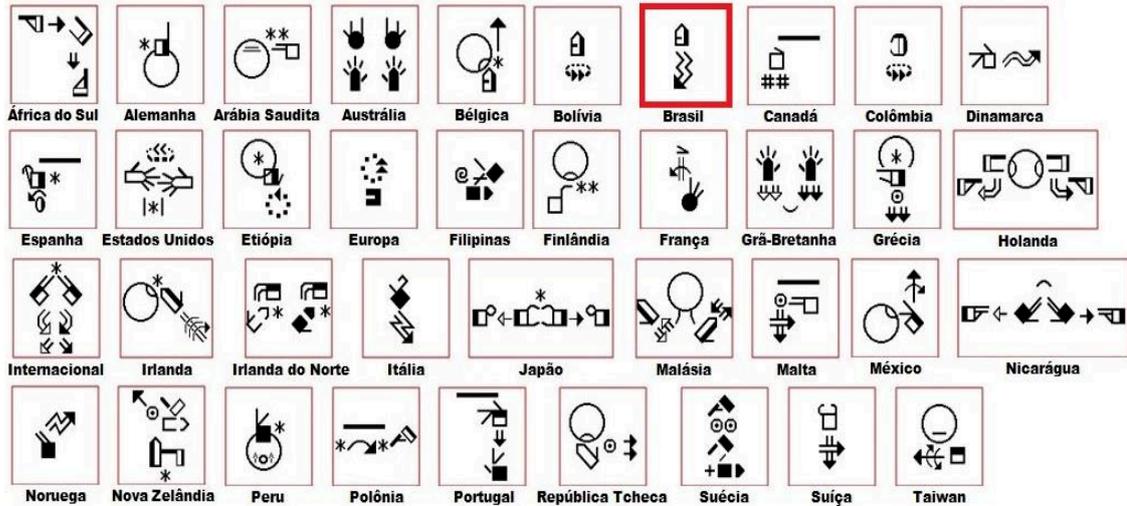
### Ilustração 7 - Mapa Mundi



Fonte: Imagem retirada de <https://escritadesinais.com/page/3/>.

O sinal correspondente aos países abaixo escritos em SW são sinais utilizados em seus respectivos países e línguas. Por exemplo, o sinal do Brasil em Libras é -  -, o sinal dos USA em ASL é -  -, o de Portugal em Língua Gestual Portuguesa – LGP é -  -, e assim, sucessivamente.

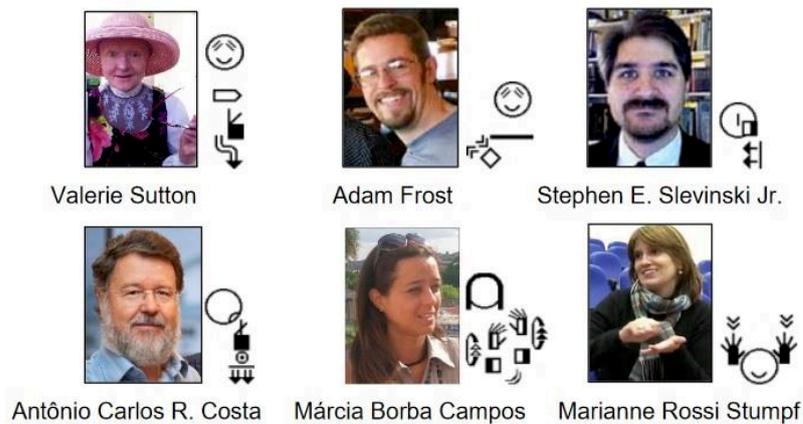
### Ilustração 8 - Países que fazem uso do SW



Fonte: Imagem retirada de <https://escritadesinais.com/page/3/>.

Assim como toda língua, o sistema de escrita sofreu alterações com o passar dos tempos, até mesmo para adequar-se às novas necessidades que surgiram. Com isso, mais pesquisadores se juntaram a esse processo, inclusive pesquisadores brasileiros que, segundo Silva -  - *et al.*, (2018, p. 04) são “pessoas surdas falantes nativas de língua de sinais e membros de sua comunidade, a partir de percepções, estudos e utilização, sugerem importantes mudanças”. Segue abaixo a ilustração dos autores que fizeram parte do processo de construção da pesquisa voltado à ELS em SW.

**Ilustração 9 - Fotografias dos pesquisadores americanos e brasileiros de escrita de sinais, por meio do sistema SignWriting**

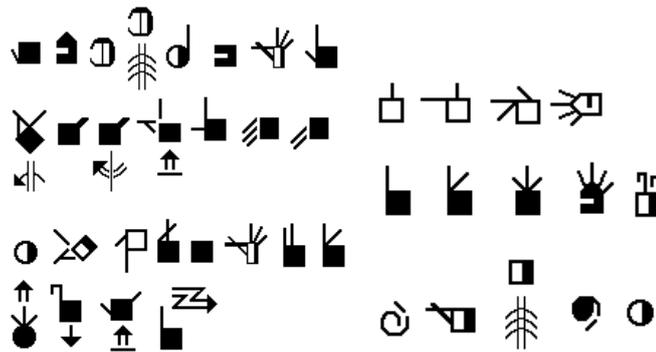


Fonte: Imagens retiradas de: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%202023%20de%20SOU SA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>.

No Brasil, apenas em 1996 que tiveram início às pesquisas sobre o SignWriting, voltadas à Língua Brasileira de Sinais, com o seguinte grupo de professores pesquisadores:

Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa -  - e Dra. Márcia de Borba Campos -  -, da Pontifícia Universidade Católica no Rio Grande do Sul – PUC/RS juntamente com a pesquisadora surda Marianne Rossi Stumpf -  - da área da computação da Escola Especial Concórdia, Porto Alegre - RS. Assim, as pesquisas voltadas ao SW deram início primeiramente com o alfabeto manual e os numerais visográficos/manuais da Libras, como mostra a ilustração abaixo.

**Ilustração 10 - Alfabeto manual e os numerais visográficos/manuais da Libras**



Fonte: Pesquisadora<sup>34</sup> -  -, 2022.



Fonte: Nascimento: cujo sinal identificador em Libras é:  -; Costa: cujo sinal identificador em Libras é:

 -, (2018, p. 8)

<sup>34</sup> A escrita do alfabeto manual e dos números em SW está registrada na perspectiva de produção da autora, ou seja, da forma que ela enxerga no momento sua da sinalização.

Já em 1997, a Dra. Marianne Stumpf -  - passou a ensinar a ESL em duas escolas para surdos, no Estado do Rio Grande do Sul – RS, na Educação Básica do Ensino Fundamental para as turmas de sexto e sétimo anos do respectivo ano. Desde então, não cessou com suas pesquisas voltadas para o SW e divulgou a nível nacional e internacional (AGUIAR -  -; CHAIBUE -  -, 2015).

Além disso, ao realizar sua pesquisa de doutorado, Stumpf -  - (2005) acabou testando o uso do SW com crianças francesas e brasileiras, com o intuito de analisar como acontecia o aprendizado desse sistema de escrita. Um fator relevante foi levantado pela pesquisadora: de que é viável a aquisição dessa escrita, haja vista que ela apresenta uma escrita visivelmente fonética, tornando-se uma excelente ferramenta para a educação e servindo de apoio no aprendizado da língua oral, na sua modalidade escrita (AGUIAR -  -; CHAIBUE -  -, 2015). Graças à disseminação de suas pesquisas sobre SW e a escrita desse sistema, que profissionais surdos começaram a se interessar pela escrita, pois essa acaba por possibilitar a expressão dos recursos gramaticais da Libras, bem como suas modulações visuais-espaciais, presentes na sinalização dos discursos desses sujeitos.

Vindo ao encontro das propostas utilizadas para a ELS, os autores Capovilla -  - e Raphael -  -, 2002, p. 55, salientam que o SignWriting é:

Um sistema de escrita visual direta de sinais. Ele é capaz de descrever as propriedades sublexicais das línguas de sinais (i.e., os quiremas ou configurações de mão, sua orientação e movimento no espaço e as expressões faciais associadas), do mesmo modo como o Alfabeto Numérico Internacional é capaz de transcrever as propriedades sublexicais das línguas faladas (i.e., os fonemas).

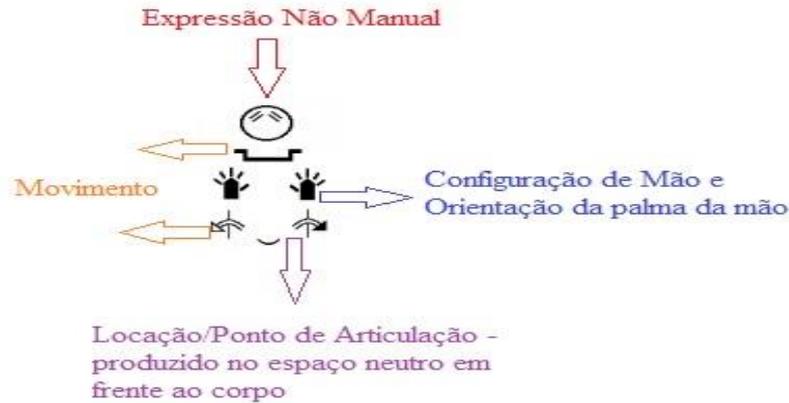
Corroborando com a fala dos autores acima, Nobre -  - (2011) destaca que, para a composição de um sinal, é necessário a utilização de elementos fonológicos<sup>35</sup> da LS, tais como: CM, os M, a L/PA, O e as ENM. Somado a isso, o sistema alfabético das línguas orais representam os fonemas através dos signos, em SW, e é possível representar esses elementos

<sup>35</sup> Cada um dos elementos fonológicos será abordado com mais detalhamento no subtítulo 2.4: FONOLOGIA DA LS.

fonológicos, que são conhecidos como parâmetros, através do uso de símbolos não alfabéticos, próprios e aplicados a qualquer LS, pois foram pensados para expressar os mais variados aspectos fonético-fonológicos das Línguas de Sinais.

A seguir, a ilustração para melhor compreender o que está sendo dito.

**Ilustração 11 - Parâmetros encontrados na escrita do termo QUANDO em SW**



Fonte: Sinal de QUANDO, pesquisadora - , 2022.

Na imagem acima podemos perceber a utilização dos cinco parâmetros fonológicos

citados por Nobre -  - (2011), através da escrita em SignWriting. Segundo Costa; cujo

sinal identificador em Libras é:  - (2012, p. 31 *apud* FERNANDES, 2020, p. 287), diz que “um dos traços que torna a linguagem [humana] única é que os símbolos que compõem a língua podem ser divididos em partes menores. A fonologia é o estudo das menores unidades contrastivas da língua,” e pode ser percebida tanto na escrita da Língua Portuguesa, quanto na ELS, através do SignWriting, evidenciando o status de língua.

Segundo Barretos - \* -; Barretos -  - (2015), no ano de 2006, o sistema de escrita SignWriting foi aprovado como escrita das línguas de sinais pelo comitê *International Organization for Standardizations*<sup>36</sup> e foi incluído no Registro das Escritas do Mundo (ISO 15924<sup>37</sup>), conforme ilustração abaixo.

<sup>36</sup> *International Organization for Standardizations* – Organização Internacional para a Padronização, mais conhecido como ISO

<sup>37</sup> ISO 15924 *Registry of World Scrippts*. Disponível em: <http://www.unicode.org/iso15924/iso15924-codes.html>. Acessado em 29 maio 2021.

## Ilustração 12 - International Organization for Standardizations - ISO 15924

**Codes for the representation of names of scripts**  
**Codes pour la représentation des noms d'écritures**

**Table 1**  
**Alphabetical list of four-letter script codes**  
**Liste alphabétique des codets d'écriture à quatre lettres**

Code	N°	English Name	Nom français	Alias	Age	Date
Adlm	166	Adlam	adlam	Adlam	9.0	2016-12-05
Afak	439	Afaka	afaka			2010-12-21
Aghb	239	Caucasian Albanian	aghbanien	Caucasian_Albanian	7.0	2014-11-15
Ahom	338	Ahom, Tai Ahom	ahom	Ahom	8.0	2015-07-07
Arab	160	Arabic	arabe	Arabic	1.1	2004-05-01
Aran	161	Arabic (Nastaliq variant)	arabe (variante nastaliq)		1.1	2014-11-15
Samr	123	Samaritan	samaritain	Samaritan	5.2	2009-06-01
Sara	292	Sarati	sarati			2004-05-29
Sarb	105	Old South Arabian	sud-arabique, himyarite	Old_South_Arabian	5.2	2009-06-01
Saur	344	Saurashtra	saurashtra	Saurashtra	5.1	2007-07-02
Sgnw	095	SignWriting	SignÉcriture, SignWriting	SignWriting	8.0	2015-07-07
Shaw	281	Shavian (Shaw)	shavien (Shaw)	Shavian	4.0	2004-05-01
Shrd	319	Sharada, Śarada	charada, shard	Sharada	6.1	2012-02-06
Shui	530	Shuishu	shuishu			2017-07-28

Fonte: <http://www.unicode.org/iso15924/iso15924-codes.html>.

Essa classificação na Organização Internacional para Padronização - ISO 15924 contribuiu bastante para o reconhecimento de um registro escrito das línguas de sinais, apesar de ainda não se ter definido uma única forma de representatividade escrita dessas línguas. Entretanto, as pesquisas acadêmicas vêm demonstrando certa tendência na utilização do SW como forma de escrita das LS, inclusive da Libras.

### 2.3 SÍMBOLOS DE CM

Dando seguimento aos estudos fonológicos da Libras, neste subtítulo será dado ênfase aos grupos de configurações de mãos, que servirão de base para a análise dos dados desta pesquisa.

Como mencionado no subtítulo anterior, a Libras é composta por cinco parâmetros fonológicos, dentre eles os fonemas: configuração de mão, movimento, ponto de articulação ou locação, orientação da palma da mão e as expressões não manuais. Neste contexto, entende-se fonema como sendo um fragmento utilizado para diferenciar palavras e/ou sinais quanto ao seu significado, assim como são concepções mentais abstratas que se concretizam através dos sons e/ou sinalizações, utilizando como base as regras fonológicas produzidas simultaneamente. Para elucidar esta explicação, temos como exemplo na LO as palavras caça [ˈkasa] e casa [kaza] que se diferenciam pelo uso da fricativa alveolar surda [s] e de uma

fricativa alveolar sonora [z] (QUADROS - , KARNOPP - , 2004). Já no caso das LS, temos os sinais de esquecer -  - e pessoa -  - que se opõe apenas quanto ao fonema configuração de mão, mantendo o mesmo movimento e a mesma locação, como pode ser percebido na escrita em SW.

Sendo assim, na junção de dois ou mais fonemas temos a constituição de um sinal passível de ser lido e compreendido em SignWriting, pois possui relação direta com a realização da LS. Porém, por ser uma escrita de Traços Não Arbitrários, ou seja, que não existe um único acordo social que vá direcionar para uma ou outra forma de escrita, existem muitos símbolos usados para registro e quem o escreve é que decide qual ou quais símbolos utilizará para a representação gráfica desejada. Isso só é possível, visto que o sistema apresenta certa flexibilidade na sua escrita. Veja o exemplo abaixo:

### Ilustração 13 - Representação gráfica do sinal de CASA em SignWriting



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Com base na representação acima, podemos perceber a existência de três elementos manuais para a realização do sinal: a configuração de mão, a orientação da palma da mão e o movimento, possibilitando a distinção dos tipos de contato realizado entre uma ou as duas

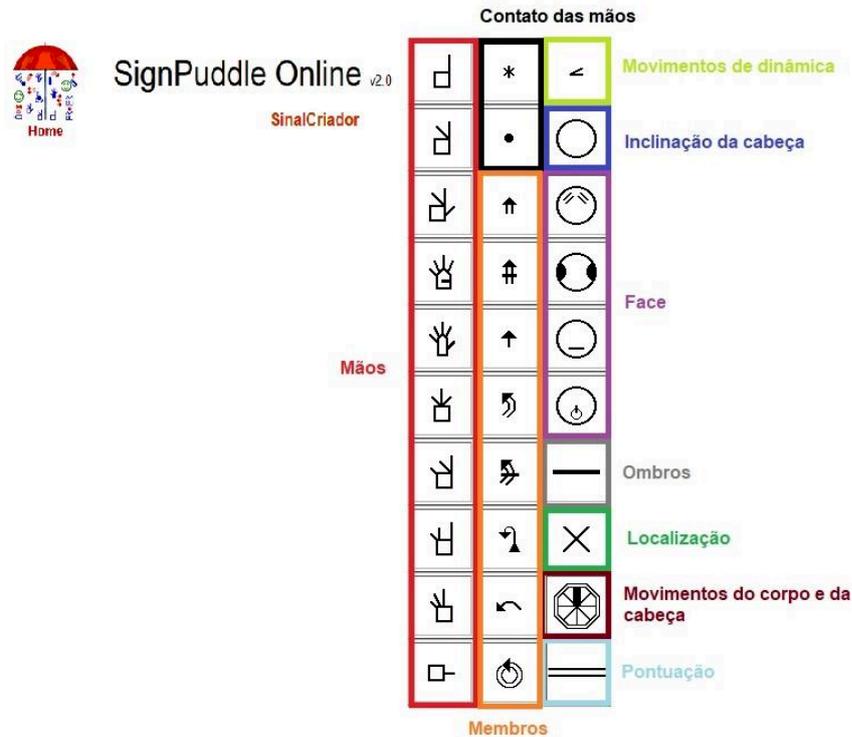
mãos e o resto do corpo. De acordo com Stumpf -  - (2005, p. 57):

Existem dez grupos de símbolos para as mãos. As mãos são agrupadas de acordo com quais dedos são usados. Esses dez grupos são o começo da “Sequência-de-Símbolos-SignWriting”, que é a ordem dos símbolos usada para procurar sinais em dicionários escritos em SignWriting.

O SignPuddle apresenta uma divisão de dez categorias, sendo elas: 1) mãos, 2) o contato das mãos, 3) a face, 4) os membros, 5) os movimentos do corpo e da cabeça, 6) os ombros, 7) a inclinação da cabeça, 8) a localização, 9) os movimento de dinâmica e 10)

pontuação, ou seja, cada categoria representa um grupo (STUMPF - , 2005). Veja a ilustração a seguir.

**Ilustração 14 - As 10 categorias encontradas no SignPuddle**



Fonte: Pesquisadora - , 2021

No grupo composto pelas mãos podemos encontrar todas as configurações de mãos existentes nas Línguas de Sinais, visto que o sistema é uma plataforma que necessita de aprimoramento, com o passar dos anos. Hoje, a versão 3.0 encontra-se em desenvolvimento. Após análise realizada por dois editores existentes para a Língua de Sinais, a autora Stumpf -  - (2005, p 57) “propõe a estrutura descrita abaixo para representar os sinais. Esta estrutura é formada por aspectos que consideramos relevantes para categorizar os sinais”.

Essa estrutura proposta pela autora é composta por elementos que dizem respeito às mãos, aos movimentos e as expressões não manuais. Esse último é de extrema importância para a Língua de Sinais e que, segundo os parâmetros propostos por Stokoe, não está incluso,

entretanto, o sistema SW contempla esse elemento. Stumpf -  - (2005) ainda salienta que podemos encontrar as seguintes informações correspondentes às mãos:

- A utilização da mão tanto para quem é destro ou canhoto, assim como os dedos e os braços;
- No que se refere à mão:
  - Encontramos às CM subdividida em:
    - Grupos;
    - Sentidos;
    - Palma;
    - Posição;
    - Configuração dos dedos;
    - Local.
- Configuração dos braços
  - Plano do antebraço;
  - Ângulo do antebraço;
  - Plano do braço;
  - Ângulo do antebraço

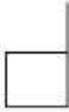
Além destas informações destacadas pela autora, no momento da execução da Escrita em Língua de Sinais, deve-se levar em conta a existência de três CM básicas para a sua produção: a MÃO CIRCULAR, a MÃO ABERTA e a MÃO FECHADA, como mostram a ilustração abaixo:

**Ilustração 15 - Configurações básicas das mãos**

		<b>Punho Fechado</b>
		<b>Punho Aberto</b>
		<b>Mão Plana</b>

A partir dessas três configurações de mãos básicas, há outras três variantes delas, que é acrescida a linha dos dedos, como vemos na ilustração a seguir.

**Ilustração 16 - Variantes encontradas para as configurações básicas de mão, acrescidas a linha dos dedos**

		<b>Mão Indicadora</b>
		<b>Mão - D</b>
		<b>Mão Aberta</b>

Fonte: Stumpf -  (2005, p. 61).

Sendo assim, com base na gênese das CM, encontramos no SignPuddle o grupo intitulado Configurações de Mãos que se subdivide em dez subgrupos distintos e que fazem parte da composição referente à posição que os dedos tomam no momento da sua realização. Além disso, as CM a seguir apresentam seis perspectivas de visão para melhor compreensão de sua escrita, sendo elas:

- 1 Visão frontal da palma da mão  – Plano da parede paralelo;
- 2 Visão frontal do lado da mão  – Plano da parede paralelo;
- 3 Visão frontal do dorso da mão  – Plano da parede paralelo;
- 4 Visão superior da palma da mão  – Plano de piso paralelo;
- 5 Visão superior do lado da mão  – Plano de piso paralelo;
- 6 Visão superior do dorso da mão  – Plano de piso paralelo.

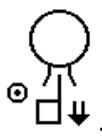
Vejamos agora cada grupo e seus respectivos componentes.

### Ilustração 17 - Grupo 1 – Dedo indicador



Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM o qual faz uso do dedo indicador como principal CD

na produção do sinal, como é o caso do sinal **gostar**: .

### Ilustração 18 - Grupo 2 – Dedo indicador e médio

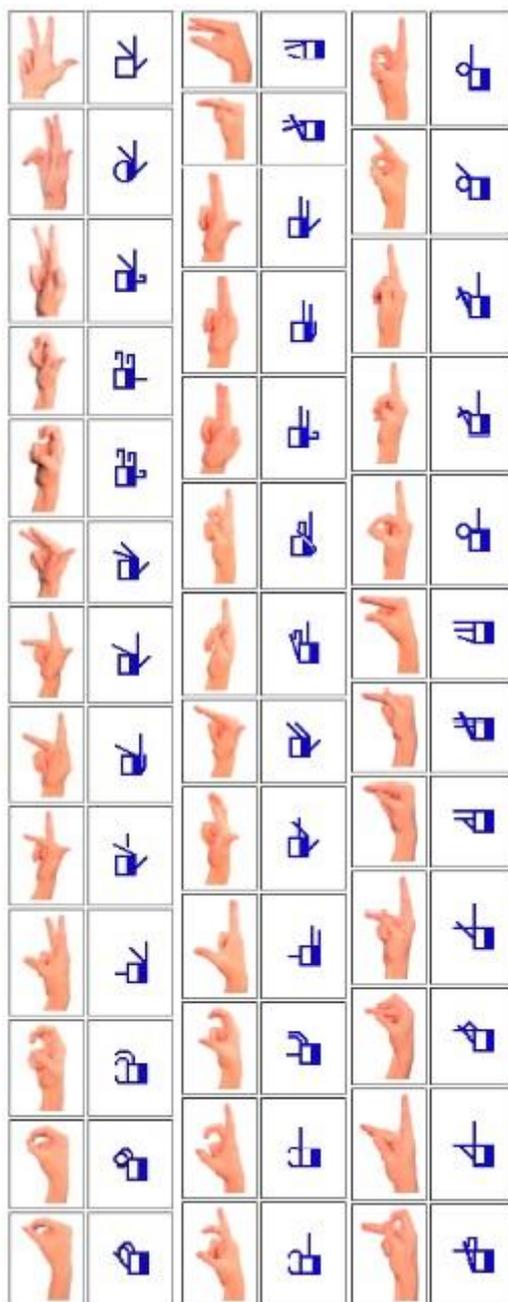


Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM em que faz uso do dedo indicador e médio como principal CD na produção do sinal, como é o caso do sinal de **nado sincronizado**:



**Ilustração 19 - Grupo 3 – Polegar, Indicador e dedo médio**



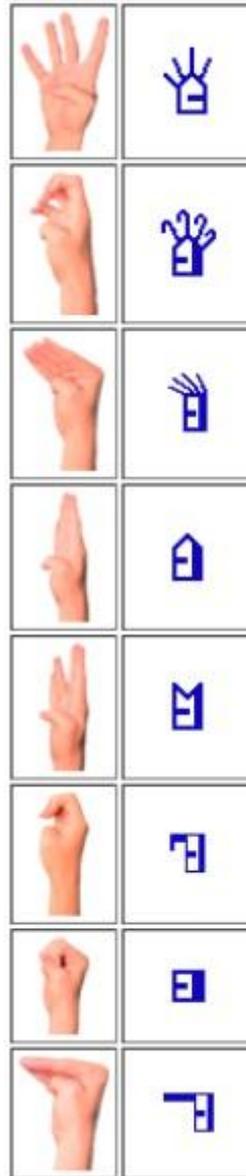
Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM o qual faz uso do dedo polegar, indicador e médio

como principal CD na produção do sinal, como é o caso do sinal de **Dinamarca**:



**Ilustração 20 - Grupo 4 – Quatro dedos**

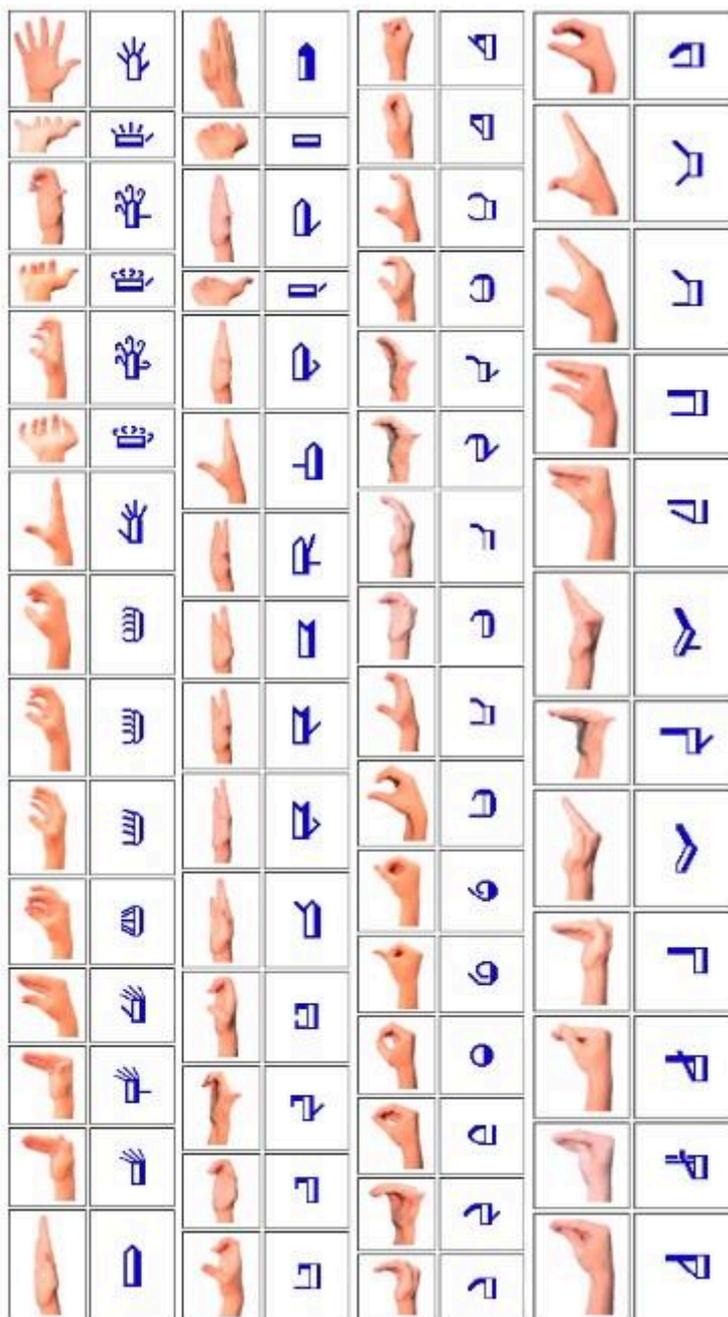


Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM o qual faz uso de quatro dedos, sendo eles o indicador, o dedo médio, o anelar e o minguinho como principal CD na produção do sinal, como é o

caso do sinal de **Brasil**: .

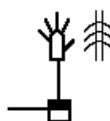
**Ilustração 21- Grupo 5 – Mão plana Mão espalmada: mão aberta, cinco dedos estendidos ou apenas com a junta média dobrada/ A Mão em ângulo cinco dedos flexionados estendidos/ A Mão-C Cinco dedos flexionados ou curvados nas três articulações**



Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso de todos os dedos como principal CD na

produção do sinal, como é o caso do sinal de **árvore**:



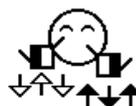
**Ilustração 22 - Grupo 6 - Dedo mínimo**



Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso do dedo mínimo como principal CD na

produção do sinal, como é o caso do sinal de **informação**:



**Ilustração 23 - Grupo 7 – Dedo anelar**

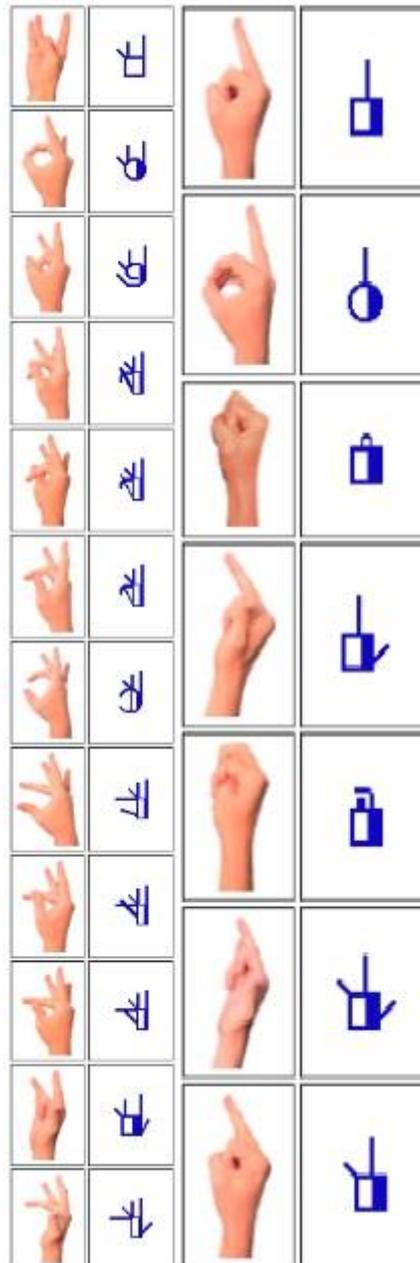


Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso do dedo anelar como principal CD na

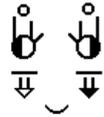
produção do sinal, como é o caso do sinal de **drogas**: .

**Ilustração 24 - Grupo 8 – Dedo médio**

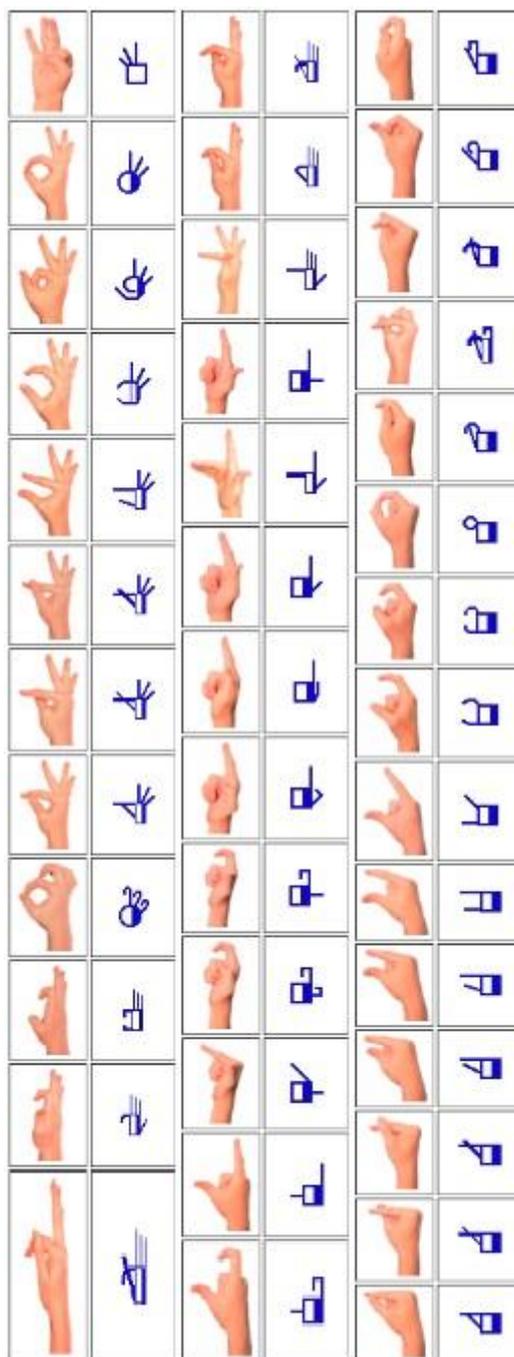


Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso do dedo médio como principal CD na

produção do sinal, como é o caso do sinal de **abandonar**: .

**Ilustração 25 - Grupo 9 – Polegar e Indicador se tocam outros dedos para cima/ Polegar e Indicador afastados outros dedos para baixo**



Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso do dedo anelar como principal CD na

produção do sinal, como é o caso do sinal de **unir**:



**Ilustração 26 - Grupo 10 – Polegar**



Fonte: Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook)

Esse grupo corresponde a CM que faz uso do polegar como principal CD na

produção do sinal, como é o caso do sinal de **junto**:  .

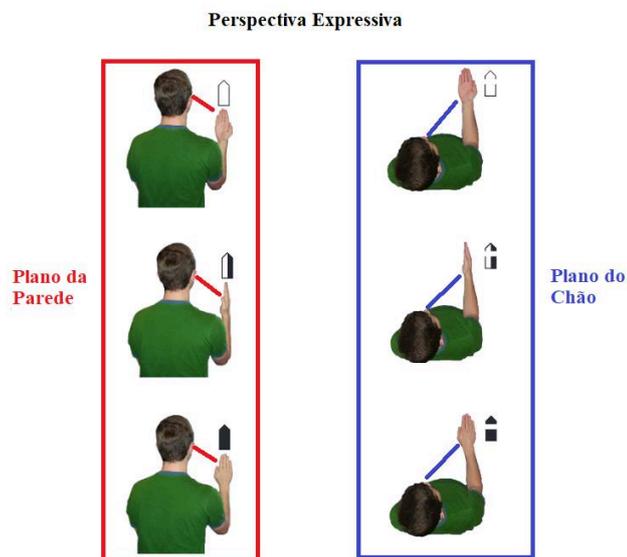
A partir dessas configurações de mãos é possível produzir sinais utilizando dois ou mais fonemas que compõe a fonologia da Língua de Sinais, compreendendo, assim, uma gama de léxicos desejados nesta língua, já que ela representa quase que a totalidade das CM possíveis de existirem em uma língua. Claro, lembrando que a LS é uma língua viva e é provável que através de novos estudos lingüísticos seja possível que surjam mais CM, com o passar dos tempos.

Vale ressaltar que os elementos fonológicos que compunham a LS são um conjunto de um ou mais fonemas caracterizados como um fragmento utilizado para diferenciar os sinais/palavras quanto ao seu significado. Além disso, os fonemas também são percepções mentais abstratas que se efetivam através da sinalização/sons, tendo como base as regras fonológicas produzidas simultaneamente.

Essas regras são compostas pelos parâmetros: CM, M, PA/L, O e ENM e que na combinação de um ou mais parâmetro formam unidades maiores, tais como os sinais produzidos em Libras. O mesmo ocorre com os sons da LO, que na combinação de um ou mais fonemas dão origem a produção de um som completo.

No entanto, para que seja possível registrar essas CM ou, até mesmo, os sinais em SW, necessita-se seguir certos critérios de composição. Vejamos a ilustração abaixo em que será demonstrada a perspectiva expressiva, ou seja, a sinalização a partir do ponto de vista do sinalizante e o plano em que será executado o sinal. Esse plano refere-se à posição que a mão assume perante sinalização, podendo ele ser no sentido da parede ou no sentido do chão. Vejamos:

### Ilustração 27 - Perspectiva Expressiva e plano de sinalização



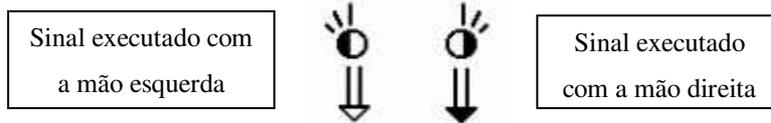
Fonte: Disponível em:

[https://www.academia.edu/39941992/SignWriting\\_Hand\\_Symbols\\_in\\_the\\_International\\_SignWriting\\_Alphabet\\_2010](https://www.academia.edu/39941992/SignWriting_Hand_Symbols_in_the_International_SignWriting_Alphabet_2010).

É importante destacar que, embora na perspectiva fonológica seja possível executar os sinais com ambas as mãos; tanto direita quanto esquerda; no que tange ao registro em SW existirá diferença na representação escrita. Isso ocorre devido à posição em que os dedos

assumem em ambas as mãos. Segundo bem ilustra Stumpf -  - (2005, p. 62), “o sinal de CERTO pode ser executado com a mão direita ou com a esquerda, mas mostrará os dedos posicionados conforme a mão que foi usada no enunciado”. Vejamos o exemplo.

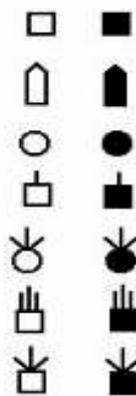
**Ilustração 28 - Sinal de CERTO em Libras**



Fonte: Stumpf -  (2005, p. 62).

Além disso, o sistema SignWriting possui sete símbolos que representam a mão, sem a especificação de direita ou esquerda. Isso ocorre, pois, a palma da mão é um indicativo da posição que ela está assumindo como, por exemplo: se a palma da mão estiver virada para cima, ela é ilustrada com a parte branca, mas se estiver voltada para baixo será ilustrada com o dorso da mão em preto, conforme ilustração abaixo.

**Ilustração 29 - Símbolos que representam a mão sem diferenciação entre direita e esquerda**



Fonte: Stumpf -  (2005, p. 62).

A seguir será ilustrado como se apresenta a escrita das três configurações de mãos básicas existentes e seus respectivos planos, parede e chão.

**Ilustração 30 - Posição da palma da mão das configurações básicas**

**Plano de Parede**

Palma da mão voltada para cima	 	 	 
Palma da mão voltada para o lado	 	 	 
Palma da mão voltada para baixo	 	 	 

**Plano de Chão**

Palma da mão voltada para cima	 	 	 
Palma da mão voltada para o lado	 	 	 
Palma da mão voltada para baixo	 	 	 

Fonte: Pesquisadora -  , 2021 – Disponível em: <https://docero.com.br/doc/vns88v>.

Já, nas ilustrações abaixo, serão apresentas as escritas das três configurações de mãos variantes das básicas e seus respectivos planos, parede e chão.

**Ilustração 31 - Posição da palma da mão das configurações variantes**

**Plano de Parede**

Palma da mão voltada para cima	 	 	 
Palma da mão voltada para o lado	 	 	 
Palma da mão voltada para baixo	 	 	 

**Plano de Chão**

Palma da mão voltada para			
Palma da mão voltada para o			
Palma da mão voltada para			

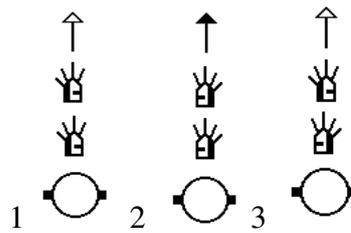
Fonte: Pesquisadora - , 2021 – Disponível em: <https://docero.com.br/doc/vns88v>.

Vejam que as CM não podem ser registradas de qualquer forma, haja vista que elas exigem um registro equivalente ao que está produzindo. Isso pode ser percebido pela posição que a configuração de mão assume na sinalização e a utilização da mão dominante, que é usada pelo sinalizante. Com isso, há diferenciação na escrita, como pode ser percebido no

seguinte exemplo: esta CM -  - encontra-se com a palma da mão voltada para cima, podendo ela ser utilizada tanto para representar a mão direita quanto a esquerda. O mesmo ocorre com esta CM -  - em que a palma da mão está voltada para baixo, não apresentando distinção entre direita e esquerda.

Entretanto, o mesmo não ocorre com as seguintes CM: -  - e -  -, pois a primeira indica a utilização da mão direita, pois a palma da mão, parte branca, está voltada para o lado esquerdo, e a segunda indicando que a mão utilizada é a esquerda, pois a palma da mão, parte branca, está voltada para o lado direito. Esses detalhes são imprescindíveis no momento do registro em SW, podendo modificar totalmente a produção da escrita desses sinais. Vejamos exemplos.

**Ilustração 32 - Sinal de FILA**



Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Na imagem acima podemos perceber a escrita do sinal FILA de três formas distintas, entretanto, as duas primeiras estão agramaticais e a terceira está escrita de forma correta. Com base nas explicações dadas nesse subtítulo, a respeito da posição que a mão ocupa na escrita, podemos perceber que a escrita 1 está sendo representada por duas CM -  -, onde produzidas com a palma da mão voltada para a direita, indicando que estão sendo utilizadas duas mãos esquerdas. O mesmo ocorre com a escrita 2, em que as CM -  - estão sendo produzidas com a palma da mão voltada para a esquerda, indicando que estão sendo usadas duas mãos direitas. Dessa forma, a leitura do sinal torna-se inviável ao leitor que irá reproduzi-lo.

Porém, no caso da escrita 3, podemos perceber a utilização correta das CM, pois uma está voltada para a direita e a outra para a esquerda, indicando o uso das duas mãos. Um detalhe interessante a ser ressaltado nessa última escrita é que quem a escreveu utiliza a mão esquerda como dominante nesse sinal. Esse detalhe é perceptível por causa da seta utilizada -  -, com a ponta branca, para representar o movimento que a mão esquerda faz para frente.

Se o sinal fosse escrito com a seta assim: -  -, com a ponta preta, estaria indicando que o movimento a ser realizado seria pela mão direita dominante. São detalhes como esses que fazem diferença no momento da leitura do sinal.

Outra forma possível de identificação do uso das CM demarcadas com a mão direita e esquerda são as configurações que apresentam a marcação dos dedos com a palma da mão

virada para baixo, como é o caso desta: -  - em que a posição do polegar, como

destacado, indicará a mão que está em uso: nesse caso a direita. Neste outro caso: -  -, à

esquerda. O mesmo ocorre quando a palma da mão está voltada para cima, em que a posição do polegar, quando se utiliza a mão direita, é: -  -, e quando é a mão esquerda: -  -.

Com isso, podemos dizer que o sistema de escrita de sinais, o SW, apresenta atributos de um sistema de escrita fonético para as LS, que são competentes a dar conta das características fonológicas da língua. Apesar, é claro, de existirem mais elementos que compõem os parâmetros fonológicos da escrita da Língua de Sinais, mas nesta pesquisa a proposta é aprofundar o estudo apenas no parâmetro: Configuração de Mão, possibilitando, assim, a realização da análise dos dados coletados, como consta no subtítulo 3.4 e suas subdivisões 3.4.1 e 3.4.2 desta dissertação.

## 2.4 FONOLOGIA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dando seguimento à pesquisa, neste capítulo serão abordadas as características fonológicas da língua de sinais.

Segundo as autoras Quadros -  -; Karnopp -  - (2004), a Língua Brasileira de Sinais – Libras – é a língua utilizada pela Comunidade Surda brasileira. Essa língua possui níveis linguísticos em diferentes graus e uma gramática própria, assim como as demais línguas. No que tange aos níveis linguísticos, Quadros -  - e Karnopp -  - (2004) e Quadros -  - (2019) subdivide-os em seis grandes áreas: a fonética e a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a semântica e a pragmática. Vejamos o que cada uma dessas áreas abarca na sua construção:

- **Fonética:** tem por objetivo estudar como os sinais/palavras são produzidos e percebidos pelo corpo humano através dos articuladores manuais e não manuais, assim como suas restrições;
- **Fonologia:** tem por objetivo determinar quais são as unidades mínimas que compõe um sinal/palavra e estabelece padrões prováveis de combinações dessas unidades, assim como suas possíveis variações;

- **Morfologia:** tem por objetivo estudar a estrutura interna dos sinais/palavras tais como: as regras que validam a composição dos sinais/palavras, os sinais/palavras e a categoria/classe gramatical que esses sinais/palavras pertencem: substantivos, verbos, advérbios, etc.;
- **Semântica:** tem por objetivo o estudo do significado individual do sinal/palavra e o seu agrupamento na sentença;
- **Sintaxe:** tem por objetivo estudar a estrutura da frase, as regras e a organização espacial, assim como os estabelecimentos nominais e pronominais que são essenciais na relação sintática;
- **Pragmática:** tem por objetivo estudar a linguagem em seu uso, sua relação com o contexto e dos princípios de comunicação.

Apesar de esses elementos linguísticos serem de extrema valia para os estudos da Língua de Sinais, esta pesquisa tratará dos aspectos fonológicos da língua, analisando as configurações de mãos utilizadas na grafia do sinal de CASA, em SignWriting, bem como as respectivas escolhas fonológicas. Indo ao encontro desta proposta, as autoras ainda argumentam que:

A Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e explanatórios. A primeira tarefa da fonologia para línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as

variações possíveis no ambiente fonológico. Quadros -  -; Karnopp -  - (2004, p. 47).

Como mencionado no subtítulo anterior, às Línguas de Sinais são de modalidade visual-espacial por serem percebidas pelo canal visual e produzidas pelas mãos, no espaço neutro de sinalização, ou seja, a frente do sinalizante. Elas podem apresentar sinais ancorados, ou não, ao corpo, influenciando, assim, na estrutura fonética e fonológica da língua, pois ela é baseada na articulação dos sinais e faz uso dos braços, das mãos, dos dedos, do tronco e da face.

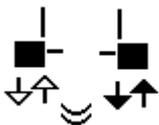
Com relação à fonética da Língua de Sinais, ela se detém ao “estudo das unidades de produção e percepção dos articuladores manuais e não-manuais, e são usadas de forma gradativa na sua expressão física” (QUADROS -  -, 2019, p. 41). Nesse caso, a diferença

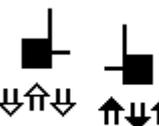
na modalidade das línguas em questão – Língua de Sinais e Línguas Orais – acarreta formas completamente distintas das formas acústicas percebidas nas L-ínguas Orais, por apresentarem características fonéticas visual-manuais.

Cabe salientar neste momento que, apesar da fonética estar relacionada à fonologia, elas apresentam diferença na sua função, pois a primeira se preocupa em como o corpo humano produz um sinal/palavra e como recebe os *inputs* linguísticos. No caso da LO, o *input* ocorre através do canal auditivo e o *output* através do canal visual. Nas LS, o *input* acontece através do canal visual e *output* através da sinalização. Importante destacar que no caso de pessoas surdocegas, o *input* e o *output* ocorrem pelo canal tátil, por meio das mãos e do toque na pele. Com isso, a fonética trabalha com três formas de *input* - auditivo, visual e tátil, e duas de *output* - oral e sinalizada.

Corroborando com o exposto, Crasborn (2012) enfatiza que para os estudos voltados à fonética das LS é preciso diferenciar as modalidades existentes entre as LO e as LS, buscando detalhar o delineamento fonético dos sinais através de categorias abstratas, que são marcadas pela compreensão do movimento do corpo e das articulações dos dedos, mãos e braços a fim de analisar todas as combinações fonéticas possíveis para compor um fonema. O autor ainda enfatiza que existe um detalhamento mais aprofundado na fonética que acaba por se diferenciar da fonologia em LS, pois ela acontece no âmbito da percepção e do desempenho humano.

Já a segunda, a fonologia, detem-se aos estudos das mudanças que ocorrem nas unidades mínimas de um sinal/palavra, o fonema, que acaba por influenciar no seu significado, chamado de pares mínimos. Temos como exemplo em LO a palavra F-A-C-A, que ao substituir o fone F por V passa a compor uma nova palavra, no caso V-A-C-A. O mesmo

pode ser percebido em LS com os sinais de trabalhar -  -, que ao ser substituído o plano chão da L da produção do sinal para o plano parede, o significado também

acaba sendo mudado, passando a compor o sinal de televisão -  -.

Somado a isso, Quadros -  - (2019), Stokoe<sup>38</sup> -  - (1960) também propuseram uma mudança terminológica no que tange à fonética e à fonologia das LS. Essa proposta só foi possível porque perceberam que para adequar a essa modalidade de língua seria necessária uma adaptação nos termos que contemplassem a produção e a percepção da sinalização feita em LS. Sendo assim, em sua perspectiva, a fonética passou a ser nomeada como QUEREMA e a fonologia como QUEROLOGIA.

Seguindo essa linha de raciocínio, apesar dos termos fonética e fonologia não parecem condizer com uma língua visual-espacial, como é o caso das LS, tanto a autora quanto muitos outros autores continuam a fazer uso dessas nomenclaturas por entenderem que estão referindo-se, neste caso, à área de estudo da Linguística, em que a fonética e a fonologia têm por objetivo identificar e descrever as unidades e os traços mínimos de uma língua que não apresentam um significado autônomo. Sendo assim, continuarei a utilizar tal nomenclatura, conforme sugestão de Quadros -  - (2019).

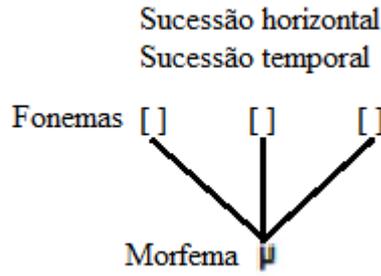
Segundo Quadros -  - (2019), os estudos voltados à fonologia das Línguas de Sinais começaram em 1960, com Stokoe -  -, que propôs uma análise dos estudos das Configurações de Mãos - CM -. Ou seja, investigou a forma que a mão assume no momento da produção do sinal, da Locação - L -, espaço onde os sinais são realizados e, também, do Movimento - M -, que é a atividade empregada na composição da mão, em determinada locação, como fonemas utilizados para compor os sinais em LS.

Entretanto, ao analisar as CM, o M e a L como fonemas que fazem parte de um morfema nas LS, da mesma forma que fazem parte das línguas orais - LO, percebeu-se que existia certa diferença na sequência horizontal, no tempo e na ordem linear entre os fonemas das LO e a sua inexistência nos fonemas das LS, pois, nesse segundo, os fonemas são produzidos simultaneamente. De acordo com Hulst (1993, p. 210 *apud* QUADROS -  -; KARNOPP -  -, 2004, p. 49) a imagem abaixo mostra a diferença na sequencialidade das LO e a simultaneidade das LS:

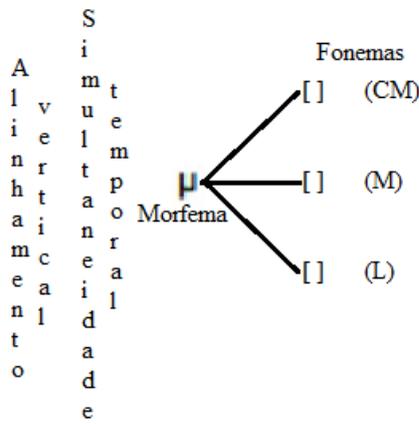
---

<sup>38</sup>Stokoe -  - foi o primeiro linguista americano a propor um modelo fonológico de análise das LS, a partir das Línguas de Sinais Americana - ASL (QUADROS -  -, 2019, p.42).

**Ilustração 33 - Sequencialidade das LO e a simultaneidade nas LS**



**Línguas orais.**



**Línguas de Sinais**

Fonte: Quadros - ; Karnopp - (2004, p.49).

Como visto acima, a sequencialidade apresentada na LO é identificada de forma horizontal, na ordem alfabética, designando pelos colchetes – [ ] – os fonemas que apontam o tempo separado como ordem, composto por uma palavra e/ou morfema, fazendo-se representado pelo prefixo μ. Já a simultaneidade na LS também é exposta pelo mesmo prefixo da sequencialidade, μ, mas de forma vertical, sem apresentar ordem temporal. Entretanto, esse morfema é o sinal propriamente dito, ou seja, os colchetes – [ ] – apresentados já incorporam

os três parâmetros sugeridos por Stokoe - -: CM, M e L. (WANDERLEY - - (2017).

Os pesquisadores Liddell; cujo sinal identificador em ASL é: - - (1984;

LIDDELL - - e JOHNSON; cujo sinal identificador em ASL é: - -, 1989;

HULST, 1993, *apud* Wanderley -  -, 2017) deram início às discussões sobre a simultaneidade e a sequencialidade, no ano de 1980, a partir da percepção desses autores no que se refere às descrições de sinais em ASL. Liddell -  - (1984) salienta que as pesquisas realizadas por Stokoe -  - (1960), em ALS, destacam mais simultaneidade na organização e na produção dos sinais, encontrando poucos exemplos de sinais com sequencialidade no movimento. Um exemplo que pode ser destacado é a utilização da sequencialidade na produção do sinal, como é o caso de **REGRA**: -  -, em que para ser produzido é necessário utilizar as duas CM: -  - e -  -. Porém, apenas uma apresenta o movimento de toque na palma da mão da outra, no caso a CM em: -  -, que é produzido de cima para baixo -  -, inviabilizando o processo inverso – de baixo para cima: -  -, da direita para a esquerda: -  - e da esquerda para a direita: -  -, o que evidencia a existência da sequencialidade na produção desse sinal em Libras.

Para Stokoe -  - (1960), a utilização da CM, da L e do M ocorre ao mesmo tempo, no momento da produção do sinal. Liddell -  - (1984) vai ao encontro da proposta de Stokoe -  -, pois percebe que o M, na produção de um sinal, ocorre concomitante a outro parâmetro, levando a seguinte reflexão:

Observe que não faz sentido perguntar se o movimento precede a configuração de mão, ou se a locação precede o movimento: claramente todos estão presentes a qualquer momento. Esse tipo de observação levou Stokoe (e outros depois dele) a considerar a estrutura subjacente de um sinal em ASL como um único feixe

simultâneo de configurações de mão e de movimentos (LIDDELL -  -, 1984, p. 373 *apud* WANDERLEY -  -, 2017, p. 128).

Para Liddell -  - e Johnson -  - (1989) as línguas orais também apresentam as características de seqüencialidade e simultaneidade no momento da análise da produção dos sons e entonações, como mostra Bernardino; Silva; Passos (s.d., p. 6 *apud*

WANDERLEY -  -, 2017, p. 129):

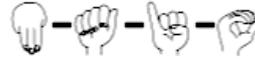
As línguas orais são mais lineares que simultâneas, já que os fonemas são produzidos numa cadeia linear. Porém, se observarmos a entonação que damos às frases, podemos dizer que a produção de sons e a entonação são informações simultâneas que ocorrem nas línguas orais. Sendo assim, a simultaneidade não seria uma característica exclusiva das línguas de sinais.

Podemos perceber na produção dos sons a entonação da fala de um sujeito, a partir da antecipação do seu corpo, pois esse emite sinais, como: respiração, tom da voz e vibração das cordas vocais, que indicam simultaneidade na fala. Entretanto, não podem ser percebidas no formato escrito, pois o mesmo apenas representa a grafia daquelas palavras/letras

utilizadas pela LO. Com isso, Liddell -  - (1984) constata que há a existência, então, da sequencialidade nas LS e simultaneidade nas LO. Outra constatação intrigante de Stokoe -  - (1960) é que o contato apresentado na produção do sinal pertence ao grupo de movimentos por ele descoberto.

A partir dessas constatações dos autores acima, Quadros -  -; Karnopp -  - (2004, p. 49) ressaltam que:

[...] por um lado, a introdução da ordem linear, mostrando a sequencialidade das unidades que constituem os sinais, e, por outro lado, um aperfeiçoamento dos parâmetros e das relações estruturais entre tais unidades (simultaneidade) na descrição fonológica dos sinais.

Ainda sobre a linearidade<sup>39</sup> e a simultaneidade, Ferreira - Brito -  - (1995) complementa dizendo que a diferença existente entre as LO e as LS acontece em ordem sequencial linear da primeira, a simultaneidade dos parâmetros na constituição dos sinais e da formação de sentenças da segunda. Apesar de a LS ocorrer em espaços multidimensionais, ela também faz uso da linearidade temporal, como no caso da datilologia<sup>40</sup>, que serve de empréstimo linguístico da LO para a Língua de Linais, seguindo a estrutura da primeira língua. Ela só deixa de servir como recurso linguístico para a Língua de Sinais a partir do momento que essa soletração passa a incorporar a língua, perdendo sua característica específica, como é o caso do sinal referente ao mês de maio: -  -, em que a sua soletração acabou por incorporar na língua. Já nas LO, esses processos de linearidade e simultaneidade também podem ser encontrados, como é o caso da sequência de palavras que possuem entoação e traços distintivos dos fonemas, apresentando, assim, simultaneidade na língua, também.

Segundo Nobre -  - (2011) no que se refere à Escrita da Língua de Sinais em SignWriting, pode-se dizer que a mesma apresenta características tridimensionais, pois o SW permite realizar o registo dos parâmetros fonológicos – CM, M, L, O e ENM – e o uso do espaço através dos fonemas, demonstrando, assim, essa tridimensionalidade. No entanto, vale ressaltar que existe um padrão na construção do sinal em SW, quando o mesmo não apresenta contato com o corpo, sendo ele: 1) a CM, 2) a O, 3) a L, 4) o M, e 5) as ENM. No entanto, segundo Brentari e Wilbur (2006, *apud* Wanderley -  -, Oliveira; cujo sinal identificador

em Libras é: -  -, 2016, p. 242), caso esse sinal apresente contato ao corpo, essa ordem é alterada, passando para 1) a L, 2) a CM, 3) a O, 4) o M, e 5) as ENM, evidenciando uma escrita sequencial/linear por causa da ordem obtida na composição do sinal.

---

<sup>39</sup> Entende-se linearidade, aqui, tendo o mesmo objetivo de sequencialidade adotado por Liddell -  -

(1984) e Liddel -  - & Johnson -  - (1991).

<sup>40</sup> Entende-se por datilologia a soletração manual da palavra. Exemplo: C-A-S-A em LP e LS  ou  , em SW.

Já no que se refere à leitura, a mesma acontece na sua totalidade, pois seus glifos são registrados de forma vertical e relacionam-se entre si para a sua constituição. Segundo as autoras Wanderley -  - e Oliveira -  - (2016, p. 227) “essa apresentação constitui a ‘pilha<sup>41</sup>’ que apresenta o todo do sinal escrito sem transparecer a ordem do registro”. Sendo assim, a leitura da grande maioria dos sinais ocorrem no âmbito da simultaneidade, pois compreendem que não há como disassociar um fonema do outro. Entretanto, não se pode generalizar, pois existem sinais que apresentam uma leitura sequencial/linear, como é o caso do sinal de regra (exemplificado na página 90), que para efetuar a leitura do mesmo,

necessita-se começar pelo movimento, sendo ele uma unidade primitiva (Liddell -  -, 1984 e Liddell -  - e Jonhson -  -, 1989).

Após os estudos realizados por Stokoe -  -, Battison (1974, 1978) juntamente com outros autores (BATTISON, 1974, 1978; KLIMA e BELLUGI, 1979, *apud* QUADROS -  -; KARNOPP -  -, 2004) sugeriram a incorporação de mais dois parâmetros aos de Stokoe -  -, com base nas unidades formacionais dos sinais: Orientação da Mão – O –, orientação em que a palma da mão é indicada no momento da realização do sinal e as Expressões Não-Manuais – ENM – referem-se às expressões faciais e corporais, compondo o que se conhece, hoje, por cinco parâmetros fonológicos das LS.

Dando continuidade aos estudos fonológicos, Quadros -  - (2019) ressalta que esses autores perceberam que as unidades fonológicas também apresentavam restrições sobre as distribuições dos fonemas no sistema linguístico da LS e que foram identificadas ocorrências de unidades frequentes e denominada como não marcadas:

- Configuração de mão [B] , [S]  e [1] ;
- Locações no espaço neutro e no peito;

<sup>41</sup> Segundo Stumpf (2005), pilha é o sinal escrito completo. Uma maneira econômica de apresentar o sinal, inicialmente motivada pelo grande número de usuários da forma manuscrita, na qual a organização dos elementos gráficos apresenta-se na forma “empilhada”.

- Movimentos para baixo e de contato final – mão tocando em uma locação final.

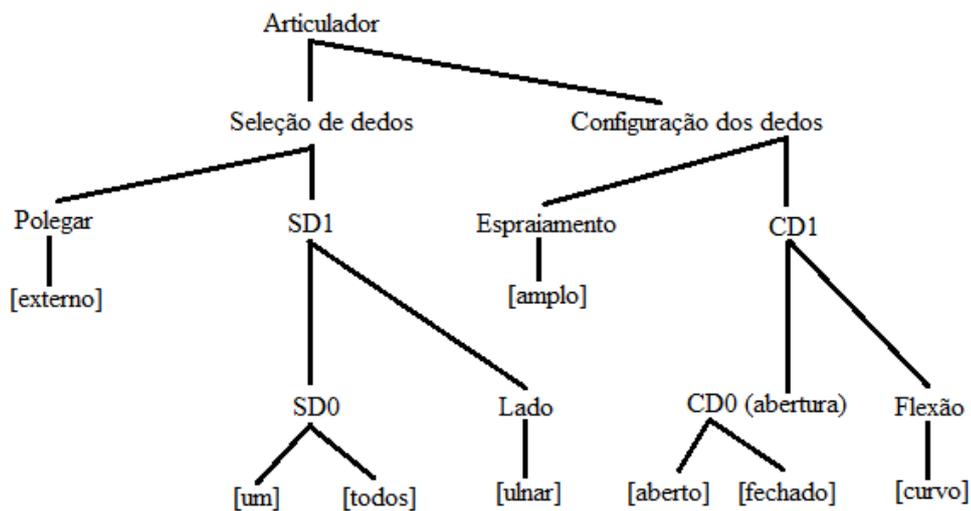
Com base nessas identificações, Quadros -  - (2019, p. 42) utiliza como referências os estudos de Battison (1978), salientando que “os sinais com uma mão têm apenas uma configuração de mão principal, uma locação principal”. E que segundo Sandler (2011) “os sinais apresentam apenas um movimento principal”.

A seguir, serão apresentadas as propriedades de cada parâmetro da LS: as CM, M, L, O e as ENM.

**2 4 1 Configurações de mão – CM**

A autora Quadros -  - (2019), para discutir sobre o assunto, utilizou como referência os autores Hulst e Kooij, no prelo<sup>42</sup>, que fazem menção à CM, com base na seleção de Configuração de Dedos – CD, como mostra a imagem abaixo:

**Ilustração 34 - Articulador configuração de mão baseado em Hulst e Kooij, no prelo**



Fonte: Quadros -  (2019, p.43)

**Ilustração 35 - Seleção de dedos das CM**

Seleção dos	UM	UM	TODOS	TODOS
-------------	----	----	-------	-------

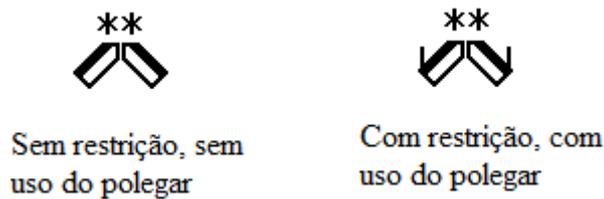
<sup>42</sup> Segundo o Dicionário *On-line* de Português, **no prelo**, diz-se do livro que se acha na tipografia, prestes a ser publicado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/prelo/>. Acessado em 01 junho 2021.

<b>dedos</b>		<b>TODOS</b>	<b>UM</b>	
	Indicador 	Indicador e médio 	Indicador, médio e anelar 	Todos os quatro 
Lado: ulnar	Mínimo 		Médio, anelar e mínimo 	

Fonte: Baseada na tabela (10) de Hulst e Kooij, no prelo, – Quadros -  (2019, p. 43).

Com base apenas nas seleções dos dedos, é possível identificar as CM utilizadas, entretanto, faz-se necessário, juntamente com as CD, as seguintes especificações: ABERTO, FECHADO e/ou CURVO. Como é o caso do exemplo: CASA, em que se seleciona a CD TODOS [+aberto, -curva]. No entanto, se para a realização desse mesmo sinal o polegar for demarcado, deverá ser utilizado o traço EXTERNO, pois o polegar acaba por restringir os demais dedos. Vejamos:

**Ilustração 36 - Sinal de CASA em SW**



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

A hipótese levantada pelos autores, com base nos estudos sobre as CD, é de que podem ser captadas todas as CM de todas as Línguas de Sinais, segundo Quadros -  - (2019). Na ilustração abaixo, encontraremos uma lista de CM que são agrupadas conforme a posição em que as CD vão tendo dentro daquelas configurações a nível fonológico ético. Esse

material foi retirado de um vídeo organizado pela TV INES<sup>43</sup> em uma aula sobre os parâmetros da LS.

### Ilustração 37 - Quadro de CM



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de Libras do INES – Quadros -  (2019, p. 47).

Como mostra a imagem acima, podemos perceber que todas as configurações de mão apresentam uma variação no que diz respeito às configurações de dedos, como no caso das Imagens 1, 2 e 3, em que a matriz – a Imagem 1 – sofre alterações com a mudança de localização do polegar, podendo ele estar fechado, encostando-se ao dedo indicador, ou aberto e/ou fechado, encostando-se na palma da mão.

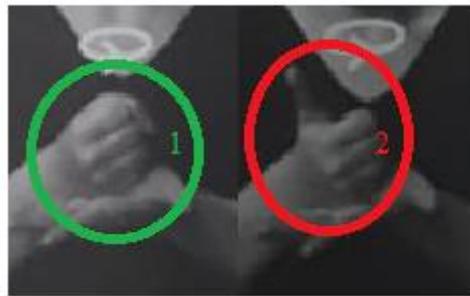
Com isso, os autores Xavier; cujo sinal identificador em Libras é: -  -; Barbosa (2014) investigam a possível variação na realização dos parâmetros em LS, como resultante da pronúncia, considerando dois tipos de variação:

- **Variação livre:** não motivada pela conjuntura em que o sinal é produzido;
- **Variação motivada:** motivada pelo contexto linguístico referente à fonética-fonologia em que o sinal é produzido.

<sup>43</sup> TV INES é um canal do *YouTube* organizado e disponibilizado pelo INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos, localizado no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TVINESoficial>. Acesso em: 01 de Jun. 2021.

Segundo eles, essas variações podem ser identificadas como inter-sujeitos – variação na produção do sinal, entre os sujeitos; e intra-sujeitos – variação na produção de um mesmo sinal e realizada pelo sujeito, resultando, assim, na não alteração de significado. Essas variações podem ser chamadas de pronúncias, apesar de poderem ser produzidas de diferentes formas, permanecendo iguais nos demais parâmetros fonológicos, tornando possível a percepção do léxico, dentro do sentido. Vejamos o exemplo.

### Ilustração 38 - Sinal de Farmácia em LS



Fonte: Quadros -  (2019, p. 55).

Podemos perceber no exemplo acima, que, apesar do sinal FARMÁCIA estar sendo realizado com as configurações de mãos ativas diferentes: 1: -  - e 2: -  -, o seu significado permanece o mesmo, pois a alteração apresentada está em CD: um está esticado e o outro não. Porém, ao analisar os demais parâmetros apresentados, L e M, pode-se perceber que não apresentam diferenças na produção do sinal, sendo eles os mesmos.

#### 2 4 2 Sinais com duas mãos

Segundo estudos de Battison (1978, *apud* Quadros -  -, 2019, p. 45), os sinais podem ser produzidos com uma das mãos ou com as duas. Entretanto, para a produção de sinais com as duas mãos, foram observadas algumas condições para que isso ocorresse:

- **Condição de simetria:** em que ambas as mãos apresentam a mesma configuração de mão e o mesmo movimento, podendo ser espelhado ou alternado. Vejamos o exemplo do vocábulo TRABALHAR.

### Ilustração 39 - Sinal de Trabalhar



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

A imagem acima mostra exatamente a condição de simetria apresentada pelo sinal de TRABALHAR, pois apresenta a mesma CM -  -, o mesmo M -  -: para frente e para trás, alternando apenas o movimento em que uma das mãos vai para frente primeiro e depois a outra, como mostra as setas na imagem.

- **Condição de dominância:** uma das mãos apresenta dominância sobre a outra e as configurações de mão podem apresentar diferenças entre elas. Nessa situação, uma das mãos apresentará dominância sobre a outra, sendo a primeira chamada de ativa<sup>44</sup> e a segunda de passiva<sup>45</sup>. Vejamos o exemplo do vocábulo CUIDAR.

### Ilustração 40 - Sinal de Cuidar



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

<sup>44</sup> Refere-se à ATIVA a mão que apresentará movimentos na produção do sinal;

<sup>45</sup> Refere-se à PASSIVA a mão que não apresentará movimentos na produção do sinal.

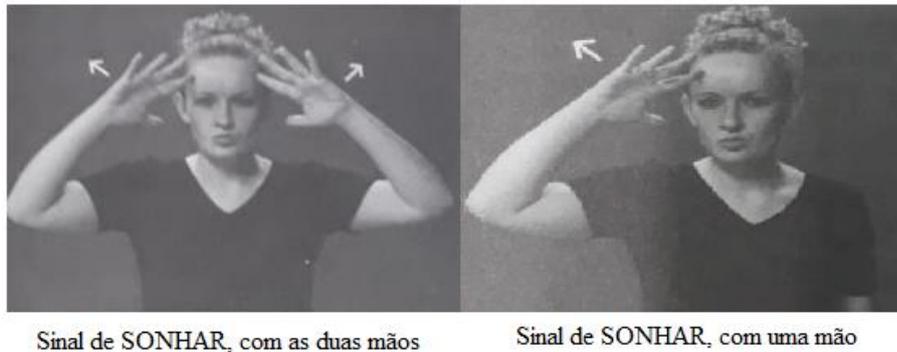
No exemplo acima podemos perceber a condição de dinâmica apresentada no sinal de CUIDAR, pois cada uma das mãos, tanto a ativa quanto a passiva, apresentam uma CM

diferente: -  - e -  -.

Também foi possível constatar que sinais produzidos com as duas mãos, apresentando a mesma CM, podem ser realizados com apenas uma delas, sem alterar o seu significado ou, até mesmo, modificar seu significado. Entretanto, nesse último caso, os sinais

apresentam uma relação semântica entre si (XAVIER -  -; BARBOSA, 2014). Vejamos os exemplos abaixo.

#### Ilustração 41 - Sinal produzido com uma ou duas mãos, sem alteração de significado



Fonte: Quadros -  (2019, p. 57).

No exemplo acima há a realização do sinal SONHAR que pode ser produzido com uma ou com as duas mãos, sem alteração do significado. E, ambas as mãos apresentam a

mesma CM -   -.

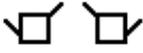
#### Ilustração 42 - Sinal produzido com uma ou duas mãos, com alteração de significado



Sinal de IDADE, com uma  
mão

Sinal de ANIVERSÁRIO, com as  
duas mãos

Fonte: Quadros -  - (2019, p. 57).

Nesse exemplo, apesar dos sinais serem produzidos com a mesma CM: -  -, o seu significado é alterado de acordo com a semântica apresentada na utilização de uma ou as duas mãos.

Diante disso, podemos perceber que na Ilustração 41, o apagamento de uma das mãos não interfere no significado da palavra, pois seu contexto fonológico não muda. Já na Ilustração 42, esse processo não ocorre, pois no momento que efetuou o apagamento de uma das mãos, apesar de em ambos os exemplos as CM serem as mesmas, há uma alteração na sua fonologia, que, por consequência, altera o significado. Por isso, faz-se necessário atentar a esses casos, pois o apagamento fonético de uma das mãos altera todo o significado pretendido.

Além disso, é possível identificar também alguns alofones na produção dos sinais. Os alofones são as diferentes realizações fonéticas de um mesmo fonema, em que a variação apresentada não muda o significado. “O mesmo ocorre nas línguas orais, desde que dois sons pertencerem ao mesmo fonema, ou serem realizações do mesmo fonema” (SOUZA; SANTOS, 2005, p. 36). Sendo assim, cada realização distinta de um determinado fonema recebe o nome de alofone. Cabe destacar ainda que no que se refere às LS, esse assunto necessita de mais estudos, mas mesmo assim eles são perceptíveis na LS.

Os autores Silva; cujo sinal identificador em Libras é: -  - *et al* (2019) complementam dizendo que essas variações presentes na alofonia dependem de fatores contextuais (pertencentes a fonética ou coarticulação), dialetais (causada pela variedade

geográfica que é falada) ou estilísticos individuais, e são classificados, segundo Câmara Jr (2011, apud SILVA -  - *et al.*, 2019), em:

- **Livres** – dependem dos hábitos de articulação de cada falante, sendo possíveis vários alofones para qualquer fonema, e condicionada a fatores extralinguísticos (localização geográfica, grau de escolaridade, classe social, sexo, idade, etc.;
- **Posicionais** – referem-se à posição ocupada na sequência fonológica e depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra;
- **Estilísticos** – acontecem por haver uma intenção comunicativa, enriquecendo a articulação de algum traço não habitual.

Ratificando a fala do autor, Silva -  - *et al.* (2019, p. 116) afirmam que “dentre os três tipos de alofones, os posicionais têm muito mais importância para caracterizar o conjunto de fonemas da língua, pois são eles que dão o sotaque na fala, distinguindo, por exemplo a fala do baiano, do alagoano, do sergipano e assim por diante”. Em LS também podemos perceber os sotaques dos sinalizantes, iguais aos falantes da LO, pois os sinais regionais produzidos representam a mesma coisa, entretanto, com algumas diferenças quanto a L, o M, a direcionalidade ou até mesmo as ENM, apresentando, assim, uma variação linguística. Para elucidar os sotaques presentes nas LO, temos como exemplo a mandioca, falado no Estado de São Paulo – SP, e a macaxeira falada na região Nordeste do país. Já em

LS, temos como exemplo o sinal da cor verde -  -, produzido no Estado do Rio de

Janeiro – RJ, e verde -  - nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Com isso, percebe-se que a escolha entre o uso de um sinal e/ou palavra por outro pode ser motivada pelo contexto linguístico em que o sujeito surdo e/ou ouvinte se encontra, sendo percebido por apresentarem variação na produção do sinal/palavra entre os sujeitos, como é o caso do sinal de verde, já citado, sendo perceptível a distinção por meio de uma conversação entre um sujeito gaúcho e um carioca.

O mesmo ocorre na variação da produção de um mesmo sinal motivado pelo próprio sujeito, em que esta motivação pode ocorrer por diversos contextos em que o sujeito se

encontra, tais como diferença de idade, gênero, região, etc., bem como ao fato do indivíduo se adaptar a situação a que se encontra. Para ilustrar essa questão, podemos utilizar como exemplo o sinal de mãe utilizado no RS -  -, que o sujeito, ao tentar fazer-se compreender em outro local, acaba por fazer uso do sinal correspondente àquela região, como é o caso de SP, onde o sinal utilizado é produzido da seguinte forma -  -, apresentando, assim, motivações externas para o seu uso.

Vejam os exemplos de alofone percebido em LS e LO.

### Ilustração 43 - Alofone na LS



Fonte: Quadros -  (2019, p. 50).

O sinal de SOLDADO apresentado acima é produzido de duas maneiras: primeiro com a CM: -  -, em que o polegar está estendido, enquanto os demais dedos estão fechados; e o segundo, com a CM: -  -, em que o polegar está encostado na palma da mão e os demais dedos fechados. No entanto, o significado produzido em ambas as imagens é o mesmo: soldado, que apresenta uma pequena alteração quanto ao polegar empregado, sendo assim, um alofone.

Segundo Souza e Santos (2005, p.37), no caso das LO, o fonema /a/ possui no mínimo três realizações diferentes e possíveis em LP, que são:

- **Em sílabas tônicas:** onde a cavidade oral é produzida com seu grau máximo de abertura, sendo transcrito como [a]. Temos como exemplo: *pá*, *caso* e *ávido*;

- **Em sílabas átonas finais:** onde a cavidade oral é produzida com um grau um pouco menor de abertura, sendo transcrito como [e]. Temos como exemplo: *fala* e *casa*;
- **Em sílabas nasalizadas:** onde o [a] tônico é realizado com um grau de abertura menor do que o do [a] tônico oral, sendo transcrito como [ẽ]. Temos como exemplo: *fã* e *cama*.

Com isso, percebe-se que a troca desses sons, dentro do sistema fonológico da LP, não produz mudança de significado, podendo apenas soar estranho a quem ouvir. Outra questão que também chama atenção no uso da Língua de Sinais são os pares mínimos. Os pares mínimos apresentam a mesma forma fonológica das palavras/sinal, exceto na mudança de apenas um dos parâmetros. Eles nos auxiliam na identificação dos fonemas contrastivos da língua, ou seja, os que apresentam mudanças no léxico, quando combinado com dois ou mais fonemas (CM, M, L, O e ENM) Quadros -  - (2019).

Já no que se referem às LO, os autores Souza e Santos (2005) dizem que os pares mínimos acontecem pela verificação de quais sons foneticamente semelhantes de uma língua são distintivos entre si, havendo alteração de significado, em que se altera o significante de um único ponto e ocorre a alteração. Contribuindo com a fala dos autores, Quadros -  - e Karnopp -  - (2004) dizem que as palavras que apresentam uma mudança mínima na forma, geralmente apresentam uma diferença notável no seu significado, como é o caso de “faca” e “fada”, que diferem minimamente tanto na forma escrita, quanto na fala.

Vejam os exemplos de pares mínimos percebido em LS e LO.

#### **Ilustração 44 - Pares mínimos na LS – diferença quanto ao M**



Fonte: Quadros -  (2019, p.50).

Na imagem acima podemos ver a produção dos sinais de QUEIJO e RIR, em que

ambos apresentam a mesma CM: -  - e L: -  - no queixo, alterando somente o M, pois o primeiro apresenta um movimento circular e o segundo um movimento trêmulo.

#### Ilustração 45 - Pares mínimos na LS – diferença quanto ao M



Fonte: Quadros -  (2019, p.52).

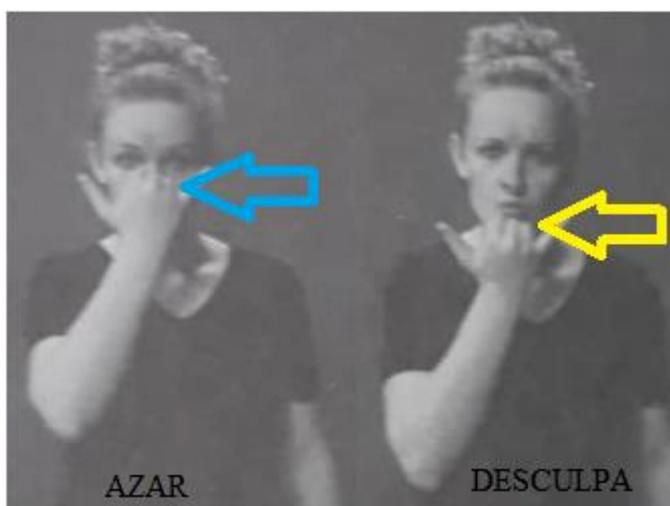
Na imagem acima podemos ver a produção dos sinais de MARROM e ROXO, em

que ambos apresentam o mesmo M: , para frente e para trás, a mesma L: no espaço

neutro, na mão de apoio, modificando somente a CM, em que o primeiro utiliza este: -  -

e no segundo este: -  -.

#### Ilustração 46 - Pares mínimos na LS – diferença quanto a L



Fonte: Quadros -   (2019, p.53).

Já, nessa imagem, podemos ver a produção dos sinais de AZAR e DESCULPA em que ambos apresentam a mesma CM: -  -, o mesmo M: retilíneo em direção à locação,

modificando-se apenas a L, em que o primeiro é produzido na ponta do nariz , e o

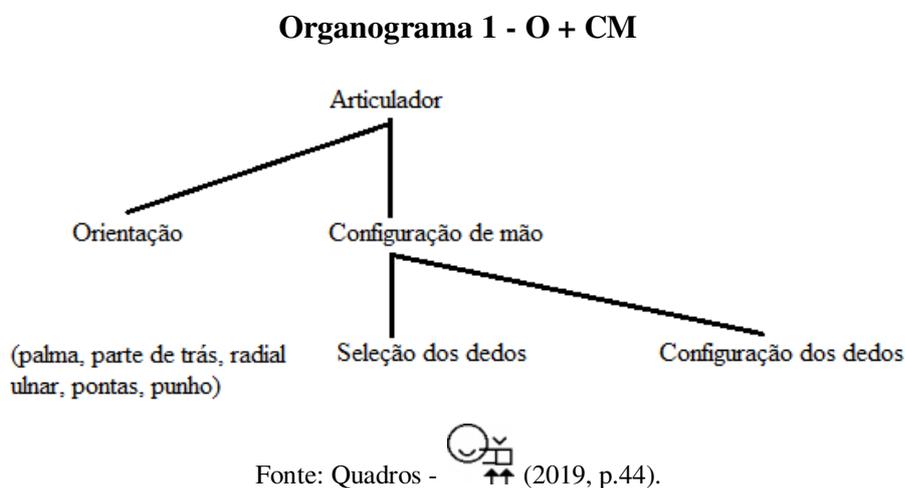
segundo no queixo .

Vejam que a alteração de apenas um dos parâmetros das línguas de sinais acaba por modificar o todo, ou seja, o significado do sinal produzido visto nos três exemplos de pares mínimos, apresentados acima.

Segundo Souza e Santos (2005, p.39), no caso das LO o exemplo dos seguintes pares mínimos: bucho e bicho; china e chita; dúvida e dívida; muco e mico; fica e figa; bala e vala; botar e yotar; livra e libra; cabo e cayo; Líbia e Lívia, entre outros. Com isso, percebe-se que a troca desses sons dentro do sistema fonológico da LP produz distinção no significado.

### 2 4 3 Orientação – O

Com relação à orientação da palma da mão, Quadros - - (2019) utiliza como base os estudos de Sandler (1989), que propõe juntar a orientação da palma da mão, conciliando com as CM, conforme ilustração abaixo:



Isso só é possível, pois a orientação da palma da mão está sempre ajustada a uma configuração de mão. A orientação é a direção que a palma da mão aponta no momento da produção do sinal, podendo ser divididas em sete tipos distintos, segundo Quadros - - (2019):

- Para frente , neste caso, a palma da mão está voltada para frente;
- Para trás , neste caso, a palma da mão está voltada para trás;
- Para cima ; neste caso, a palma da mão está voltada para cima;
- Para baixo ; neste caso, a palma da mão está voltada para baixo;
- Para a direita ; neste caso, o dorso da mão está voltado para o lado direito e a palma da mão para o lado esquerdo;
- Para a esquerda ; neste caso, o dorso da mão está voltado para o lado esquerdo e a palma da mão para o lado direito.
- Em diagonal:

- Para baixo  ;
- Para cima  ;
- Para frente  ;
- Para trás  .

Sendo assim, a orientação da palma da mão estará sempre atrelada a uma CM e são indissociáveis.

#### 2 4 4 Locação – L

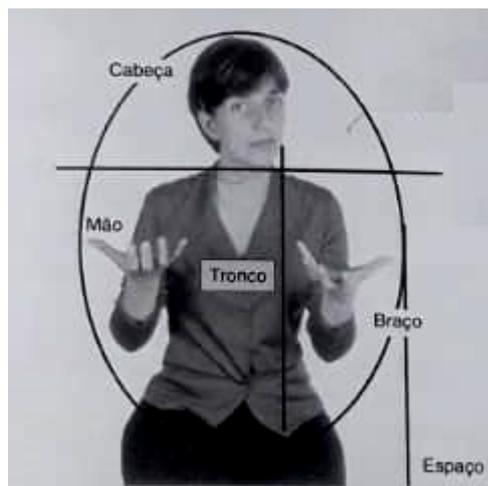
A autora Quadros -  - (2019) destaca que os autores Hulst e Kooij utilizam como base as principais locações apresentadas por Battison (1978):

- As mãos;
- O corpo;
- Os braços;
- A cabeça;
- Espaço neutro.

Esses locais são os pontos que podemos perceber a movimentação das mãos, conforme elucida Battison (1978).

Segundo Friedman (1977, p.4 *apud* Quadros -  -; Karnopp -  -, 2004, p. 56) a locação “é aquela área no corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo, em que ou perto da qual o sinal é articulado”. O espaço de produção do sinal é um local que apresenta todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são produzidos. Vejamos, a seguir, o exemplo.

#### **Ilustração 47 - As cinco áreas principais de articulação dos sinais de Battison**



Fonte: Battison (1978, p. 49 *apud* Quadros - ; Karnopp - \*, 2004, p. 57).

A autora Quadros -  - (2019, p.44) salienta a perspectiva de Sandler (1989) dizendo que “as restrições aplicadas a todas as locações possíveis serão determinadas pelos traços [alto/baixo]”. Para Hulst e Kooij, as locações também apresentam restrições, pois cada sinal ao ser produzido apresentará apenas uma locação precisa. Vejamos o exemplo de sinal CASA, em que sua locação é apresentada no espaço neutro [alto>baixo].

#### Ilustração 48 - Sinal de CASA em LS



Fonte: Quadros -  (2019, p. 45).

Dentro desse espaço de produção do sinal, podemos identificar um número limitado de locações, sendo alguns mais exatos, como é o caso da ponta do nariz, e outros mais amplos, como é o caso do espaço em frente ao corpo. Segundo a ilustração abaixo, a locação é dividida em quatro regiões: cabeça, mão, tronco/braço e espaço neutro, segundo Ferreira – Brito -  -; Langevin (1995 *apud* QUADROS -  -; KARNOPP - \*, 2004, p. 58).

**Quadro 2 - Regiões da Locação**

<b>CABEÇA</b>	<b>TRONCO</b>
Topo da cabeça Testa Rosto Parte superior do rosto Parte inferior do rosto Orelha Olhos Nariz Boca Bochechas Queixo	Pescoço Ombor Busto Estômago Cintura  Braços Braço Antebraço Cotovelo Pulso
<b>MÃO</b>	<b>ESPAÇO NEUTRO</b>
Palma Costas das mãos Lado do indicador Lado do dedo mínimo Dedos Ponta dos dedos Dedo mínimo Anular Dedo médio Indicador Polegar	

Fonte: Quadros - ; Karnopp -  (2004, p. 58).

Apesar de a Locação apresentar essas quatro regiões para a produção de um sinal e apesar de os sinais apresentarem uma única L, é possível ocorrer o movimento de direção da mão, saindo de uma locação e indo para outra. Os autores ainda mencionam que existe distinção entre locações principais e locação específica, sendo a primeira a que inclui as categorias de cabeça, tronco, mão passiva e espaço neutro, e a segunda que apresenta distinções mais minuciosas, como: nariz, boca, olhos, testa, ouvidos, etc. Vale destacar que

essas últimas são subcategorias da primeira (QUADROS - ; KARNOPP - , 2004).

## 2 4 5 Movimento – M

Nas línguas de sinais, a CM do sinalizante representa o objeto a ser mostrado, podendo ser ele produzido com uma ou com as duas mãos; e o espaço da sinalização representa o local, a área em torno do corpo, em que será produzido o sinal, com seu

respectivo movimento – M. Dessa forma, para que haja movimento, faz-se necessário ter uma

CM e uma L (QUADROS -  -; KARNOPP -  -, 2004).

Sendo assim, o movimento é caracterizado como “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos de movimentos do

mesmo sinal” Klima; Bellugi (1979 *apud* FERREIRA – BRITO -  -, 1995, p. 38).

Além disso, as variações apresentadas na realização do movimento do sinal são de extrema importância para a gramática das LS. Vejamos, no exemplo abaixo, o sinal de AZUL em ASL.

#### Ilustração 49 - Sinal da cor AZUL em ASL



Fonte: Baker; Padden (1978, p. 12 *apud* Quadros - ; Karnopp -  , 2004, p. 54).

De acordo com a ilustração acima, podemos perceber que a variação do M resulta em um significado diferente em cada um dos sinais produzidos. Essa variação acontece através da forma base, representada na primeira ilustração, da esquerda para a direita, e essa regra é prevista na sinalização de LS. A mudança que ocorre nos movimentos também pode servir para diferenciar itens lexicais, estando relacionadas à direcionalidade do verbo, ao tempo verbal, ao local onde pode ocorrer mudança de abertura e orientação, e esses tipos de

movimentos podem aparecer de forma combinadas ou isolados. Ferreira – Brito -  - (1995, p. 38) ainda ressalta que:

Nos movimentos internos da mão, os dedos se mexem durante a realização do sinal, abrindo-se e fechando-se, dobrando-se ou estendendo-se, o que leva a rápidas mudanças na configuração da(s) mão(s). O movimento que a(s) mão(s) descreve(m) no espaço ou sobre o corpo podem ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares em várias direções e posições. Em certos sinais, o movimento direcional é icônico<sup>46</sup>.

Para Quadros -  -; Karnopp -  - (2004), esses movimentos podem ser

encontrados nas mãos, nos pulsos e antebraços. Os movimentos direcionais podem ser unidirecional, bidirecional ou multidirecional e a maneira como ele é produzido acaba por descrever a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento. A frequência, neste caso, refere-se ao número de repetições que o movimento apresenta. O quadro a seguir apresenta as categorias do movimento.

### Quadro 3 - Categorias do movimento

CATEGORIAS DO PARÂMETRO MOVIMENTO NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (FERREIRA-BRITO, 1990)
<p><b>TIPO</b>  <i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual.  <i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado.  <i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar.  <i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento.  <i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo.  <i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo).</p>
<p><b>DIRECIONALIDADE</b>  Direcional <ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Unidirecional:</i> para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial.</li> <li>- <i>Bidirecional:</i> para cima e para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior e inferior esquerda.</li> </ul> Não-direcional</p>
<p><b>MANEIRA</b>  Qualidade, tensão e velocidade <ul style="list-style-type: none"> <li>- Contínuo</li> <li>- De retenção</li> <li>- Refreado</li> </ul> </p>
<p><b>FREQUÊNCIA</b>  Repetição</p>

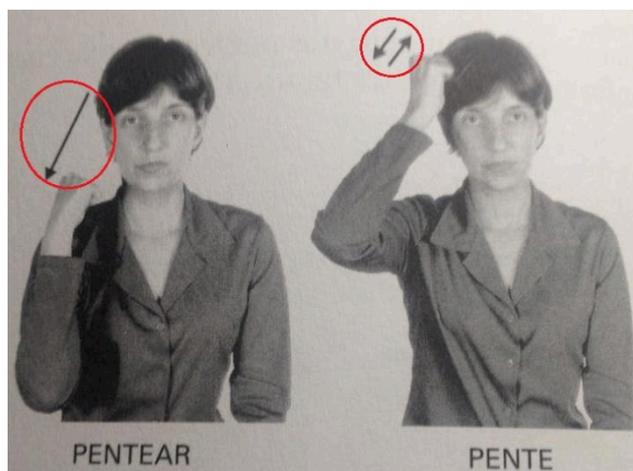
<sup>46</sup> Segundo o dicionário *on-line* de português, a palavra icônico refere-se a algo cuja representação ou reprodução é exata e fidedigna; icástico.

- Simples
- Repetido

Fonte: Quadros - ; Karnopp -  (2004, p. 56).

Como podemos perceber Ferreira – Brito -  - (1990) conseguiu categorizar os tipos de movimentos presentes nas línguas de sinais, no momento da produção de um sinal, auxiliando inclusive na distinção de classes gramaticais presentes na língua, através da categoria FREQUÊNCIA. Em exemplo trazido para ilustrar tal situação, o caso dos léxicos: PENTE e PENTEAR, logo abaixo.

### Ilustração 50 - Sinal de Pente e Pentear



Fonte: Quadros - ; Karnopp -  (2004, p. 98).

No exemplo acima, a diferença entre ambos os termos, classificando-os em substantivo ou verbo, de acordo com a repetição do movimento apresentado pelo sinal. No primeiro sinal, podemos perceber uma repetição – simples, em que o movimento apresentado pelo verbo é longo e não apresenta repetição na produção; no segundo, percebe-se uma repetição – repetida, cujo movimento apresentado pelo substantivo é mais curto e repetitivo na sua produção. Sendo assim, a língua faz uso das unidades mínimas com significado, ou seja, o movimento é uma dessas unidades presentes na LS, compondo, assim, novas palavras/sinais.

## 2 4 6 Expressões não manuais – ENM

Conforme Quadros -  -; Karnopp -  - (2004), as Expressões Não Manuais – ENM – possuem dois papéis fundamentais nas LS: o primeiro que é o de marcação de construção sintática, tais como sentenças interrogativas – sim/não –, interrogativas – QU –, orações relativas, topicalização, concordância e foco. Já o segundo papel que ela desempenha é de diferenciar itens lexicais, como referências específicas e pronominais, partículas negativas, advérbio, grau ou aspecto.

Além disso, as ENM englobam as expressões faciais e os movimentos do corpo. Trata-se de algo importante para diferenciar significados, estando simultaneamente na construção do sinal, pois os sinais se organizam de forma multidimensional, ou seja, necessitam da presença simultânea de seus parâmetros. Vale destacar que na construção de um sinal pode ocorrer a presença de duas ENM como, por exemplo: as marcas de negação e interrogação. Vejamos os tipos de ENM possíveis nas LS.

#### Quadro 4 - Categorias das expressões não manuais

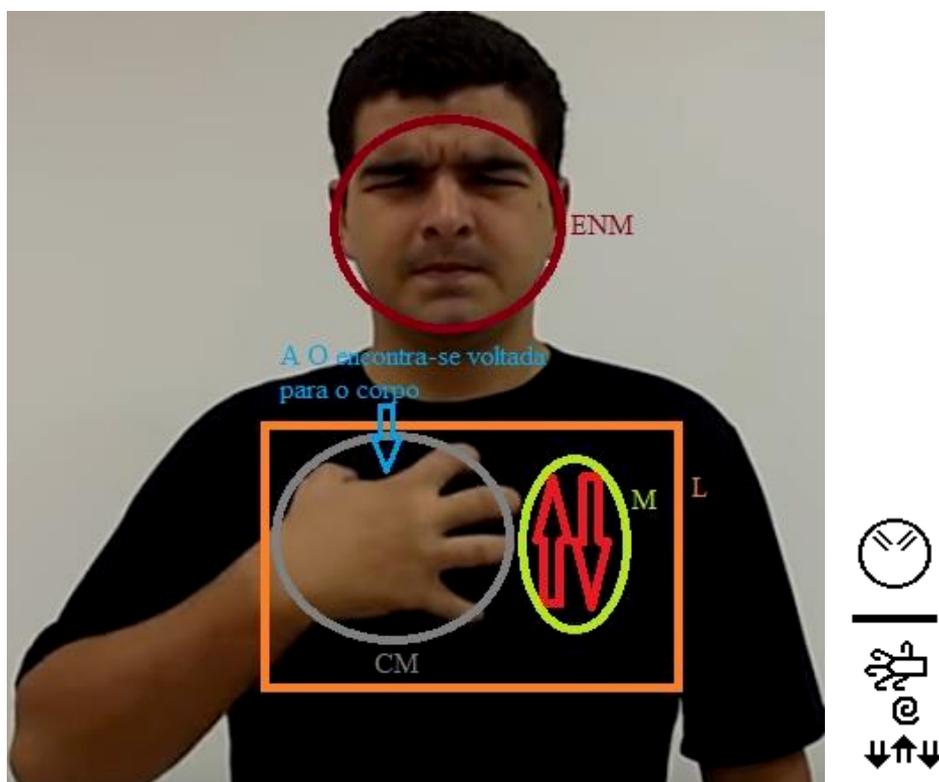
EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (FERREIRA-BRITO, 1990)
<p><b>Rosto</b></p> <p><i>Parte superior</i> Sobranceiras franzidas Olhos arregalados Lance de olhos Sobranceiras levantadas</p> <p><i>Parte inferior</i> Bochechas infladas Bochechas contraídas Lábios contraídos e projetados e sobranceiras franzidas Correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha Apenas bochecha direita inflada Contração do lábio superior Franzir do nariz</p>
<p><b>Cabeça</b> Balanceamento para frente e para trás (sim) Balanceamento para os lados (não) Inclinação para frente Inclinação para o lado Inclinação para trás</p>
<p><b>Rosto e cabeça</b> Cabeça projetada para a frente, olhos levemente cerrados, sobranceiras franzidas Cabeça projetada para trás e olhos arregalados</p>
<p><b>Tronco</b></p>

Para frente  
 Para trás  
 Balanceamento alternado dos ombros  
 Balanceamento simultâneo dos ombros  
 Balanceamento de um único ombro

Fonte: Quadros - ; Karnopp -  (2004, p. 61).

Independente das possíveis diferenças encontradas na sinalização dos sujeitos surdos, no que tange as CM, M, O e L, as expressões faciais precisam sempre acompanhar a sinalização desses sujeitos, pois muitas vezes a compreensão por parte dos usuários das LS pode acabar sendo prejudicada pela dificuldade que os sujeitos apresentam em associar as ENM na sinalização. Quando estamos fazendo uso desta língua, precisamos aprimorar a capacidade de observação, pois cada detalhe contribui para uma melhor desenvoltura e expressão na língua de sinais, haja vista que os mesmos não podem ser feitos dissociados da expressão facial, pois é ela quem dará a “entonação” do sinal, na produção. Vejamos o exemplo abaixo:

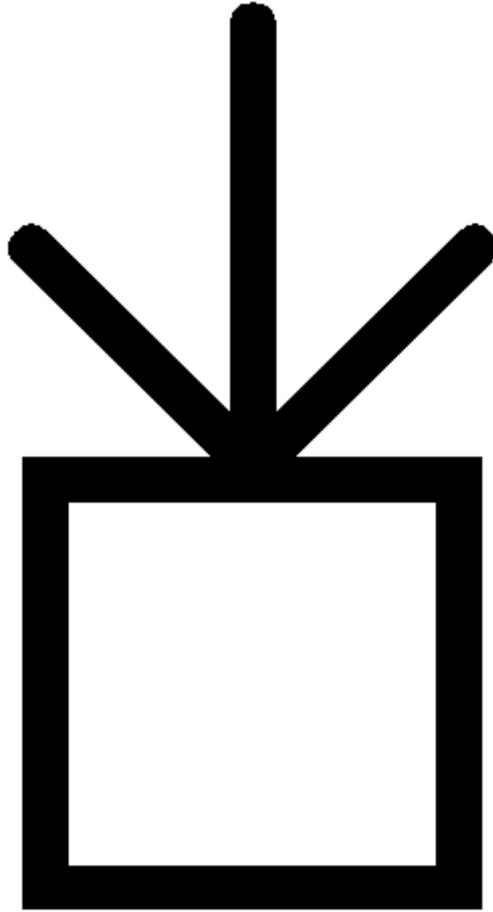
### Ilustração 51 - Sinal de bravo



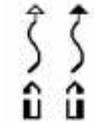
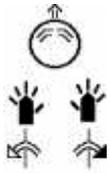
Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mNPXeWZU2TY>. Acesso em: 01 junho 2021.

Na imagem acima podemos encontrar todos os parâmetros abordados até o presente momento, neste subtítulo. Mas, percebam que se a ENM não fosse demarcada na sinalização, a realização do sinal de bravo ficaria incompleta, dificultando, inclusive, na percepção da entonação dada ao léxico desejado.

Com isso, podemos concluir que, as pesquisas voltadas para as línguas de sinais têm mostrado quão complexa, completa, abstrata e rica pode ser uma língua de modalidade visual-espacial. Somado a isso, não há danos no processo de substituição dos sons por sinais visuais, como é o caso das LS, que é um meio natural de comunicação e expressão da comunidade surda.



**3 QUAL CAMINHO A SER PERCORRIDO?**



Ao dar início a minha pesquisa, fui orientada a fazer primeiramente uma “revisão teórica”, verificando os principais sites acadêmicos, na busca por trabalhos relacionados ao meu tema de pesquisa. Dando início a este processo, comecei a consultar os principais portais acadêmicos: a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES<sup>47</sup>, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD<sup>48</sup> e a biblioteca virtual *Scientific Eletronic Library Online* – SciELO<sup>49</sup>– verificando, assim, se haviam pesquisas que se relacionassem ao que eu estava propondo trabalhar.

Ao dar início às buscas nesses portais, primeiramente foi necessário elencar algumas palavras-chaves que fossem ao encontro do que se estava desejando buscar: Fonética da Escrita; Fonética e a Escrita da Língua de Sinais; Oralidade e a Escrita; Fonética da Língua de Sinais e a Escrita SignWriting. Utilizando esses conceitos-chaves, em um recorte temporal dos últimos quinze anos, um total de dois mil cento e vinte e quatro trabalhos encontrados a partir das palavras-chaves selecionadas.

As buscas tiveram início pelo site da CAPES, chegando a um total de mil quatrocentos e seis trabalhos, a partir das palavras-chaves para a seleção. Entretanto, não mais que vinte e cinco materiais puderam contribuir com a pesquisa, após a leitura dos resumos dos trabalhos pré-selecionados, conforme o quadro abaixo mostra:

**Quadro 5 - Materiais do site da CAPES**

ASSUNTOS	A/D/T/L <sup>50</sup>
Fonética da Escrita	8/427 – todos A.
Fonética e a Escrita da Língua de Sinais	3/22 – dois A e um L.
Oralidade e a Escrita	14/957 – doze A, um D e um L.
Fonética da Língua de Sinais e a Escrita <i>SignWriting</i>	0/0
<b>TOTAL: 25/1.406</b>	

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

O segundo site a ser pesquisado foi o da SciELO. Nele, um total de quinhentos e oito materiais encontrando, utilizando para a busca as mesmas palavras-chaves. Contudo, vinte trabalhos contribuíram com a pesquisa, conforme traz o quadro abaixo:

<sup>47</sup> Informações retiradas do site: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?> Acesso em: 02 de abril de 2021.

<sup>48</sup> Informações retiradas do site: <https://bdttd.ibict.br/vufind/> Acesso em: 20 de maio de 2021.

<sup>49</sup> Informações retiradas do site: <https://scielo.org/>, Acesso em: 28 de abril de 2021.

<sup>50</sup> Siglas para A – Artigo, D – Dissertação, T – Tese e L – Livros.

**Quadro 6 - Materiais do site da SciELO**

ASSUNTOS	A/D/T/L
Fonética da Escrita	0/14 – nenhum material condiz com a pesquisa.
Fonética e a Escrita da Língua de Sinais	0/0 – não foram encontrados resultados sobre esse assunto.
Oralidade e a Escrita	9/95 – todos A.
Fonética da Língua de Sinais e a Escrita <i>SignWriting</i>	11/399 – todos A.
<b>TOTAL: 20/508</b>	

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

E por último foi utilizado o site da BDTD para a pesquisa, chegando a uma quantidade de duzentos e dez materiais encontrados. Todavia, somente cinco trabalhos puderam servir de arcabouço teórico para a pesquisa, conforme apresenta o quadro a seguir:

**Quadro 7 - Materiais do site da BDTD**

ASSUNTOS	A/D/T/L
Fonética da Escrita	1/13 – um A.
Fonética e a Escrita da Língua de Sinais	0/15 – nenhum material condiz com a pesquisa.
Oralidade e a Escrita	3/180 – dois A e uma T.
Fonética da Língua de Sinais e a Escrita <i>SignWriting</i>	1/02 – uma D.
<b>TOTAL: 05/210</b>	

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Após o levantamento desses trabalhos, houve a necessidade de um afinilamento quanto ao material encontrado, conforme mencionado. Com isso, cinquenta trabalhos fizeram referência, de fato, ao que se estava sendo pesquisado. Dentre esses textos, quarenta e cinco artigos, dois livros, uma tese e duas dissertações.

Sendo assim, somando-se aos materiais encontrados foi utilizado o seguinte

arcabouço teórico: Luchi - , Stumpf -  - e Wanderley -  - (2018), Quadros -  - e Karnopp -  - (2004), Barreto -  - & Barreto -  - (2015), Wanderley -  - (2017), Benassi -  - (2017), Aguiar -  - e Chaibue -  - (2015), Costa

-  - (2012) e Silva - , Costa - , Bózoli -  - e Gumiero; cujo sinal identificador em Libras é: -  - (2018), que serviu de base para a elaboração da pesquisa.

Vale ressaltar, ainda, que dos dois mil cento e vinte quatro materiais encontrados, dois mil, setenta e quatro conteúdos faziam referência às palavras-chaves utilizadas, mostrando que elas estavam presentes naqueles documentos. Porém, ao realizar a leitura de todos os resumos dos trabalhos pesquisados e detectar que, apesar de vários deles servirem como base teórica para o andamento do trabalho, principalmente no que se referiam à fonologia e à escrita, eles acabavam não indo ao encontro das necessidades desta pesquisa.

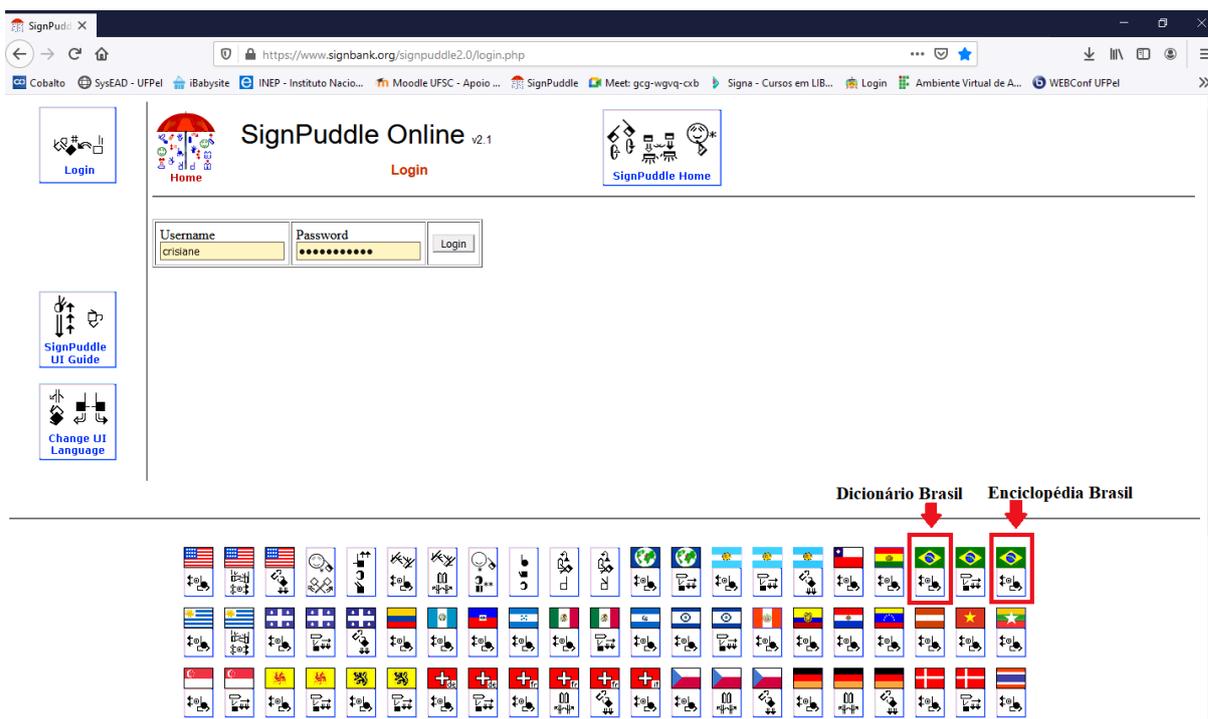
Ou seja, muitos trabalhos detinham-se a abordar questões voltadas à área do ensino e da aprendizagem dos sujeitos surdos; a aquisição da linguagem; as estratégias de ensino para adultos ouvintes e a escolarização de crianças em determinada região do país. Outros textos detinham-se à fonética da língua portuguesa, na modalidade oral, e como o sujeito ouvinte faz essa relação com a escrita; como alfabetizar crianças ouvintes através do método fônico; o reconhecimento dos sons de uma língua e a pronúncia de determinadas palavras e/ou letras; entre outros.

Somado a esses temas, alguns trabalhos faziam menção ao uso de ferramentas tecnológicas para o ensino das crianças; coesão e coerência na escrita; as variações apresentadas no uso da consoante R, por falantes do norte do país; a escrita de alunos das séries iniciais; o sistema de escrita Elis; entre outros assuntos que, de fato, são de extrema importância para a academia e para o ensino, mas que, nesse momento, não possuem relação com o tema desta pesquisa.

O que se pretende com esse estudo é utilizar como base a fonologia da Libras, trabalhando um dos parâmetros da língua: a Configuração de Mão – CM –, no momento do registro do léxico CASA, na escrita em SignWriting e na plataforma online SignPuddle. Com isso, um caminho um pouco distinto do que vinha sendo apresentado em outros estudos, pois, pelo menos, não foi encontrado, até o momento, nenhum outro texto que pudesse servir de parâmetro para a discussão desta pesquisa.

Para isso, foi analisada a plataforma online SignPuddle e nela se percebeu que existem dois caminhos distintos de registrar os sinais: um deles é através do Dicionário e o outro é através da Enciclopédia. Então, pode-se encontrar o registro do mesmo sinal, no caso o de CASA, em ambos os caminhos, necessitando fazer um levantamento da quantidade e da forma de registro feita nos locais citados. A seguir, a ilustração dos lugares de registro.

## Ilustração 52 - Dicionário e Enciclopédia



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Neste levantamento foram encontrados 576 registros para o léxico CASA, tanto na enciclopédia, quanto no dicionário. No entanto, como será apresentado no subtítulo 3.4.1 deste capítulo, há uma gama de sinais que, apesar da entrada de pesquisa ser o léxico CASA, não estão relacionados a ele e que serão revogados no momento da análise. O mesmo serviu para os sinais que possuem características morfológicas e sintáticas que estão presentes nas categorizações, mas não serão utilizados para a análise, visto que o foco desta pesquisa está na variação fonológica da configuração de mão e suas recorrências, e não nesses itens supracitados.

Só após o levantamento é que foi possível, de fato, efetuar a análise do sinal, tendo como subsídio as leituras e esboços completos, capturando, assim, as informações necessárias que vinham ao encontro dos objetivos propostos neste trabalho. Diante disso, para dar conta de tudo que se propõe nesta pesquisa, ela foi desenvolvida de duas maneiras: a primeira de forma descritiva, que contou com a descrição da plataforma online SignPuddle, como base de dados para a coleta e análise do sinal CASA, escrito em SignWriting. Segundo Gonsalves (2003, p. 65, *apud* PAIVA, 2019, p. 14) esse tipo de pesquisa “não está interessada no porquê, nas fontes do fenômeno; preocupa-se em apresentar suas características”, e, assim, poder

interceder nas circunstâncias da pesquisa, utilizando como base o conhecimento científico apresentado.

Além disso, a pesquisa traz uma visão bibliográfica ao fazer o levantamento dos materiais já apresentados com o objetivo de contextualizar o que está sendo discutido. Segundo Macedo (1994, p. 13, *apud* PAIVA, 2019, p. 60):

É a busca de informações bibliográficas, seleção de documentos que se relacionam com o problema de pesquisa (livros, verbetes de enciclopédias, artigos de revistas, trabalhos de congressos, tese etc.) e o respectivo fechamento das referências para serem posteriormente utilizadas (na identificação do material referenciado ou na bibliografia final).

E, em segundo momento, de forma explicativa, buscando explicar a razão das coisas acontecerem de uma forma e não de outra. Segundo Gil (2008, p. 28, *apud* PAIVA, 2019, p. 14) este tipo de pesquisa “tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas,” partindo de informações necessárias para o que se deseja abordar.

Com isso, a abordagem a ser empregada nesta pesquisa é de cunho qualitativo, pois muitas vezes tem como propósito perceber, captar as informações do mundo e tentar de alguma forma explicar os acontecimentos da sociedade, tendo como premissa os fatos ocorridos em si, através de diferentes ângulos. Segundo Gil (2008, p. 175):

A análise dos dados nas pesquisas experimentais e nos levantamentos é essencialmente quantitativa. O mesmo não ocorre, no entanto, com as pesquisas definidas como estudos de campo, estudos de caso, pesquisa-ação ou pesquisa participante. Nestas, os procedimentos analíticos são principalmente de natureza qualitativa. E, ao contrário do que ocorre nas pesquisas experimentais e levantamentos em que os procedimentos analíticos podem ser definidos previamente, não há fórmulas ou receitas predefinidas para orientar os pesquisadores. Assim, a análise dos dados na pesquisa qualitativa passa a depender muito da capacidade e do estilo do pesquisador.

Desta forma, a pesquisa buscou apropriar-se das informações coletadas pelo levantamento dos dados e pela análise dos documentos encontrados, utilizando a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), que tem como base de análise três pólos cronológicos: 1) pré-análise; 2) exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

### 3 1 PROBLEMA DE PESQUISA

A presente pesquisa se propõe a realizar uma análise da plataforma Online SignPuddle, abarcando uma coletânea de sinais registrados por usuários – surdos e ouvintes – no sistema de escrita SignWriting – SW –, a nível mundial. Isso justifica o porquê do uso das metodologias descritivas e explicativas a serem utilizadas nesta pesquisa.

Apesar dessa plataforma permitir o registro de todas as Línguas de Sinais existentes, detive-me a analisar exclusivamente o sinal de CASA, registrado tanto no dicionário, quanto na enciclopédia brasileira. Somado a isso, foram utilizadas, como arcabouço teórico para embasar esta análise, algumas questões relacionadas à Oralidade x Escrita.

Tendo como base a problemática apresentada acima, apresento-lhes os objetivos propostos para a realização desta pesquisa.

### 3 2 OBJETIVOS

#### 3 2 1 Objetivo geral

Responder a questão proposta por esta pesquisa, levando em consideração o objetivo principal: “Compreender as diferentes possibilidades de variação fonológica, no que se refere ao fonema Configuração de Mão, no registro do léxico CASA, em SignWriting, que foram encontrados na plataforma SignPuddle”.

#### 3 2 2 Objetivo específico

Sendo assim, indo ao encontro do ponto principal deste estudo, os seguintes objetivos específicos são propostos:

- Comparar as diversas formas possíveis de registros do termo CASA, encontrados no sistema SignPuddle;
- Analisar, através do parâmetro fonológico Configuração de Mão – CM –, as variações existentes no registro desse léxico e a quantidade de ocorrências que apareceram;
- Selecionar no sistema as diversas possibilidades de busca pelo sinal CASA, propiciando maior contato com as variantes da língua de sinais – LS;

- Refletir sobre a influência da sinalização na escrita do termo CASA, visando uma possibilidade de registro padrão e futuro do léxico selecionado.

Deste modo, a abordagem empregada na presente pesquisa é de cunho qualitativo, indo ao encontro do objetivo geral e dos objetivos específicos propostos, os quais são descritivo-explicativos que não apenas descreve um fenômeno, mas tenta compreender as causas e efeitos (PAIVA, 2019, p. 67), conforme apresentado na metodologia e nos métodos empregados nesta dissertação.

### 3 3 SIGNPUDDLE

Como mencionado, a pesquisa dividiu-se em dois momentos: o primeiro realizando uma busca através dos portais da CAPES, da SciELO e da BDTD, como aporte teórico que ajudou a compor a pesquisa; e em segundo momento o acesso e a análise da plataforma online SignPuddle.

Uma questão a ser levantada a respeito dessa plataforma é que seus usuários necessitam ter conhecimento de informática, pois sua navegação se dá de forma virtual. Outra questão a ser destacada é que seus utilizadores são pessoas que necessitam ter, em primeiro lugar, conhecimento da LS e, também, do sistema de Escrita em Língua de Sinais. Vale destacar que não é qualquer sistema de escrita, pois é preciso que seja o SignWriting. Dito isso, o público alvo desta plataforma, então, são pesquisadores, alunos, professores, indivíduos, tanto surdos quanto ouvintes, que atuam com o SW ou que se identificam com ele, fazendo uso no seu dia-a-dia de forma particular e/ou profissional.

Somado a isso, saliento que a plataforma pode ser usada por indivíduos que saibam sobre o assunto, no sentido de terem conhecimento sobre ou, até mesmo, por sujeitos que estão em processo de aprendizagem da LS e do SW, que desejam realizar os registros dos sinais/termos aprendidos, a fim de memorizar sua produção. Isso justifica, ainda, o porquê de ter tantos termos iguais registrados que, a exemplo disso, é o sinal de CASA ao possuir 576 registros, além das variações existentes nas LS. Sim, a Língua de Sinais apresenta variação regional e o registro é feito, também, de acordo com a perspectiva expressiva, como apresenta o capítulo 2, subtítulo 2.3 – Símbolos de CM, que é sob a ótica de quem produz, e não de quem lê a escrita.

Sendo assim, as tecnologias hoje estão aí para auxiliar no desenvolvimento do ser humano, tanto na interação social entre as pessoas, quanto em questões voltadas à área

educacional, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos. No que tange aos sujeitos surdos, isso não é diferente, pois essa plataforma veio ao encontro das necessidades linguísticas deles, auxiliando na comunicação por meio da escrita textual em Línguas de Sinais, através do SignWriting, colaborando, assim, com a educação de surdos. Segundo as

autoras Bózoli -  -; Stumpf -  -, 2018, p.292:

Com o passar dos anos, a tecnologia vem progredindo e aprimorando as formas de comunicação. Os softwares podem ser utilizados como meios de escrever, transcrever, traduzir e editar textos. No caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) há um software que permite escrever os sinais da Libras, assim, não é mais apenas uma língua falada através de gestos, mas que também pode ser escrita.

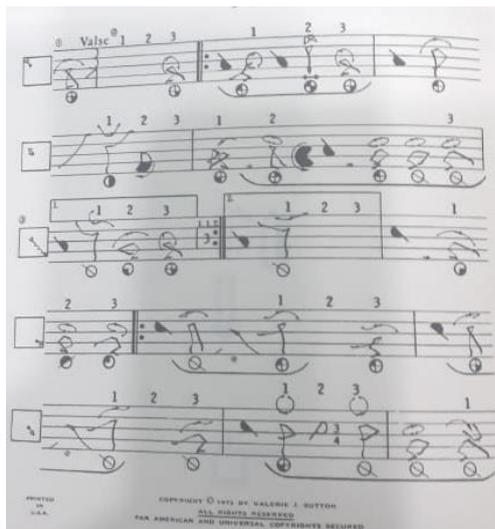
Como bem destacado pelas autoras, esta plataforma possibilitou que a comunidade surda expressasse-se em sua própria língua, nesse caso a Libras, graças às legislações vigentes no país: como a Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002) e o Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005). Através das regulamentações, a língua é um meio de comunicação e expressão das comunidades surdas brasileiras, bem como uma forma de garantia aos sujeitos como cidadãos, proporcionando a formação de professores de Libras e a inserção dessa língua nos currículos acadêmicos, como disciplina obrigatória para os cursos de Magistério, Fonoaudiologia, Licenciaturas, e optativas para os cursos de Bacharelado. Somado a isso, a comunidade acadêmica e os pesquisadores surdos contribuíram com a possibilidade de efetuar registros dessa língua que até bem pouco tempo podia ser considerada ágrafa<sup>51</sup>.

Para atender às necessidades de escrita desses sujeitos, existe uma, entre tantas outras plataformas de escrita, que atendem às necessidades de registros e uso do SW e é conhecida como SignPuddle. Mas, para poder chegar a essa plataforma é preciso recapitular, mesmo que de forma resumida, a história do SignWriting, abordada no Capítulo 3 desta dissertação.

Em 1972, a coreógrafa Valerie Sutton -  - criou um sistema de notação dos movimentos da dança, que recebeu o nome de *DanceWriting*, indo, posteriormente, para a Dinamarca, ensinar em uma escola de balé.

### **Ilustração 53 - Registro da *DanceWriting***

<sup>51</sup> Ágrafo: Que não tem representação escrita; que não está escrito, nem pode ser representado por meio da escrita.



Fonte: Barreto -  ; Barreto -  , 2015, p.70.

Alguns pesquisadores voltados para os estudos das Línguas de Sinais Dinamarquesa, da Universidade de Copenhague, ao terem ciência dessa forma de registro criada por Sutton -



-, solicitaram-na que efetuassem a escrita de alguns vídeos em Língua de Sinais

(BARRETO -  -; BARRETO -  -, 2015). Um fator intrigante nesse processo de

escrita desses vídeos é que Sutton -  - não tinha conhecimento da Língua de Sinais Dinamarquesa, mas tinha como objetivo tentar registrar o maior número possível de detalhes da execução daquela sinalização. Foi, então, que nesse momento, utilizando a adaptação do registro do movimento da dança para a Língua de Sinais, originou-se o SignWriting, no ano de 1974.

À medida que esse sistema de escrita foi sendo usado pelos usuários das Línguas de Sinais, o mesmo foi tomando uma proporção ao ponto de se espalhar pelo mundo. Isso só foi possível, pois o SW é um sistema de escrita que possibilita efetuar o registro de qualquer Língua de Sinais. Somado a isso, ele se adapta às especificidades dessas línguas, assim como suas necessidades linguísticas. Essa disseminação só foi possível graças aos avanços tecnológicos que propiciaram a expansão do registro das LS, nos mais variados países.

Segundo Bózoli -  - e Stumpf -  - (2018, p. 294) “o SignPuddle é um dos softwares específicos para o sistema SignWriting, desenvolvido pelo designer de softwares,

Stephen Slevinski -  - e concebido a partir de 2004”. Desde então, a plataforma vem sendo aprimorada a cada ano que passa e pode ser encontrada em diversas plataformas, como mencionam Bózoli -  - e Stumpf -  - (2018, p. 294):

- a) SignPuddle Online – é uma plataforma requer uso de internet que permite acessar dicionários de diversas línguas de sinais escritas e inserir sinalários escritos pelos usuários.
- b) Personal Puddle - é um SignPuddle para uso pessoal a ser instalado nos computadores Mac e Windows. Os usuários podem utilizá-lo sem internet. Com a conexão de internet, o PersonalPuddle interage com o SignPuddle Online.
- c) PocketPuddle – é um SignPuddle portátil, ou seja, os usuários podem carregar consigo um pendrive USB que vem com o PersonalPuddle totalmente instalado. É ideal para quem acessa diversos computadores e os dados podem ser salvos diretamente no pendrive USB sem depender da conexão de internet.
- d) *Private WebPuddle* – é uma área exclusiva no SignPuddle Online com senha para usuários. O usuário pode armazenar dados pessoais e com a configuração personalizada, é possível incluir outros usuários para a interação em grupo.
- e) SignPuddle *WorkStation* – é uma estação de trabalho de SignPuddle, voltada para uso profissional específico e criação de produtos. O uso do computador requer capacidade de processamento de cálculos e gráficos superior aos comuns.
- f) SignPuddle *Servers* – são servidores de SignPuddle executados através de redes de computadores, para a realização de projetos privados. Proporcionam os mesmos mecanismos de *Private WebPuddle* e SignPuddle *WorkStation*, além de fornecer um servidor de e-mails, sincronização de dicionários, atualizações de códigos e suporte técnico.

Como mencionado, a atualização é necessária justamente pela ampla utilização e inter-relação com outras formas de uso, como apontam as autoras. Atualmente, a versão 3.0 é a mais atual e encontra-se em desenvolvimento, abarcando dois grandes projetos. O primeiro é chamado de *front-end*, que serve de interações para o usuário, sendo possível visualizar e editar as informações com uma interface moderna e em diferentes dispositivos. O segundo chama-se *back-end*, que serve para a manipulação dos dados, ou seja, para usuários externos e com possibilidade de contato direto com os dados da plataforma SignPuddle (SLEVINSKI -  -, 2016).

Já a versão 1.0, quando criada, tinha como objetivo propiciar a criação e edição de sinais, pesquisa de símbolos e consultas online através do dicionário. A versão 2.0 foi criada para o aperfeiçoamento da versão 1.0, com alguns acréscimos, como: ajuda online, suporte multilíngüe e hospedagem de textos em várias versões, como menciona Barth (2008).

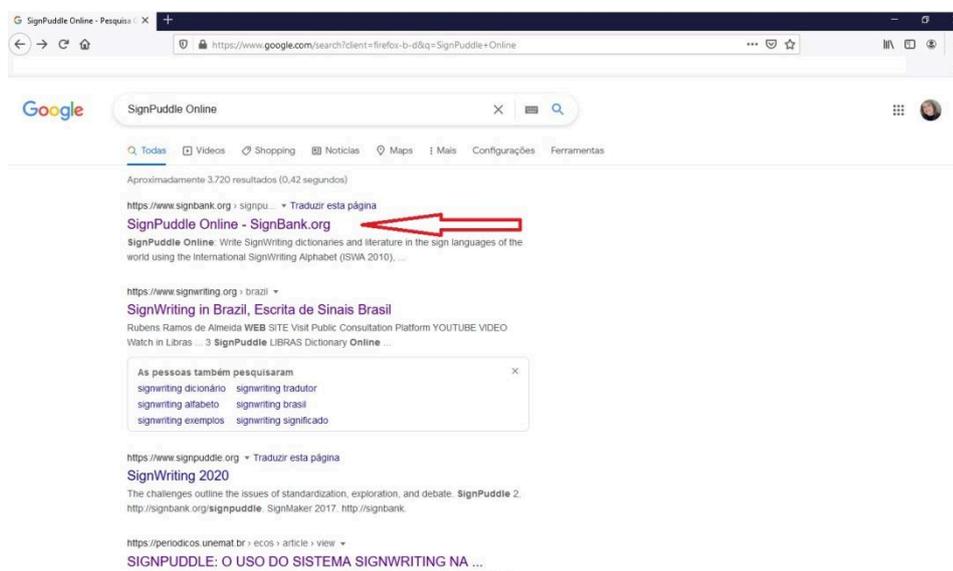
Atualmente, somente a plataforma gratuita online do SignPuddle é utilizada, proporcionando a criação de dicionários bilíngües para compor sinais, enviar e-mail em SW, editar textos, pesquisar sinais através da língua oral do país em questão, via LS escrita, e, até

mesmo, por grafemas. Destaca-se, também, que a plataforma utiliza o *International SignWriting Alphabet – ISWA*<sup>52</sup> –, ou seja, é o conjunto de grafemas e símbolos que compõem

essa escrita (BARRETO - \*; BARRETO -  -, 2015).

Após toda essa contextualização será apresentado o passo a passo de como acessar a plataforma SignPuddle Online, que é uma plataforma gratuita e já possui uma versão para a língua portuguesa, facilitando, assim, o acesso a ela. Para isso, o primeiro passo é escrever na barra de navegação do Mozilla Firefox<sup>53</sup>: SignPuddle Online e selecionar a primeira página, como mostra ilustração abaixo:

### Ilustração 54 - Pesquisa no Mozilla Firefox



Fonte: Pesquisadora -  , 2021.

Logo em seguida você será direcionado para uma nova aba em inglês, em que deverá selecionar a bandeira correspondente ao país desejado. Neste caso é preciso selecionar a bandeira brasileira que se encontra no canto inferior direito, como mostra a ilustração.

### Ilustração 55 - Site SignBank.org

<sup>52</sup> ISWA 2010 - Alfabeto Internacional de SignWriting.

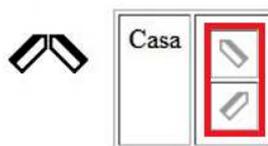
<sup>53</sup> Faço uso do navegador Mozilla Firefox por apresentar um melhor desempenho da plataforma.



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Após, abrirá uma nova página traduzida para a língua portuguesa, em que deverá ser selecionado o dicionário ou o a enciclopédia para acessar a plataforma. Saliento que, apesar de haver duas possibilidades de acesso, a mais usada é o dicionário, com um total de 43.680<sup>54</sup> entradas cadastradas. Mas, caso haja interesse, o usuário pode acessar a enciclopédia, que possui um total de 4.010<sup>55</sup> entradas cadastradas.

Vale destacar que no uso diário da plataforma não há diferença entre essas duas entradas: dicionário<sup>56</sup> e enciclopédia<sup>57</sup>, pois ambas possuem as mesmas entradas de pesquisas, entretanto, com objetivos diferentes que são imperceptíveis na prática. O único detalhe perceptível na entrada do dicionário, e que na enciclopédia não ocorreu, foi que alguns sinais



apresentam os fonemas utilizados juntos ao sinal: . Entretanto, não se

<sup>54</sup>O quantitativo, aqui expresso, diz respeito ao acesso realizado no dia 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=1&sgn=46>.

<sup>55</sup> O quantitativo, aqui expresso, diz respeito ao acesso realizado no dia 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.signbank.org/signpuddle2.0/index.php?ui=1&sgn=116>.

<sup>56</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra **DICIONÁRIO** tem a seguinte definição: “Compilação que contém as palavras de uma língua, apresentando seu significado, utilização, etimologia, sinônimos, antônimos ou com a tradução para outra língua: dicionário de português; dicionário de português-inglês. Livro em papel, eletrônico ou em outro formato que possui as informações presentes nessa compilação: O Dicio é um dicionário on-line de língua portuguesa”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/dicionario/>. Acessado em: 06 de outubro 2022.

<sup>57</sup> Segundo o Dicionário Online de Português, a palavra **ENCICLOPÉDIA** tem a seguinte definição: “Livro ou conjunto de livros que contém fatos sobre vários assuntos, dando informações sobre todas as áreas do conhecimento ou sobre um âmbito específico; normalmente organizado em ordem alfabética ou por tema. Coleção desses livros ou dessas informações disponibilizadas em um website ou CD-ROM”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/enciclopedia/>. Acessado em: 06 de outubro 2022.

pode dizer que essa é a diferença entre ambas as entradas, pois não foram todos os sinais que apresentaram essa estrutura, pois essa escolha fica a critério de quem o escreve na plataforma.

Contudo, vale ressaltar que em uma conversa com o Prof<sup>o</sup> Almeida, cujo sinal

identificador em Libras é: -  - no curso de Extensão de Introdução ao sistema de escrita da Libras (Signwriting): Práticas de leitura e escrita por meio da plataforma SignPuddle – 2022, da Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB em parceria com o Grupo de Estudos em Língua de Sinais Brasileira - GELIS, fiz o seguinte questionamento: existe ou não a diferença entre o dicionário e a enciclopédia no SignPuddle? Este questionamento foi levado

para o fórum de discussões “SignWriting List”, cuja responsável é a própria Sutton -  - e

sua equipe. E prontamente, Slevinski -  - deu a seguinte explicação<sup>58</sup>:

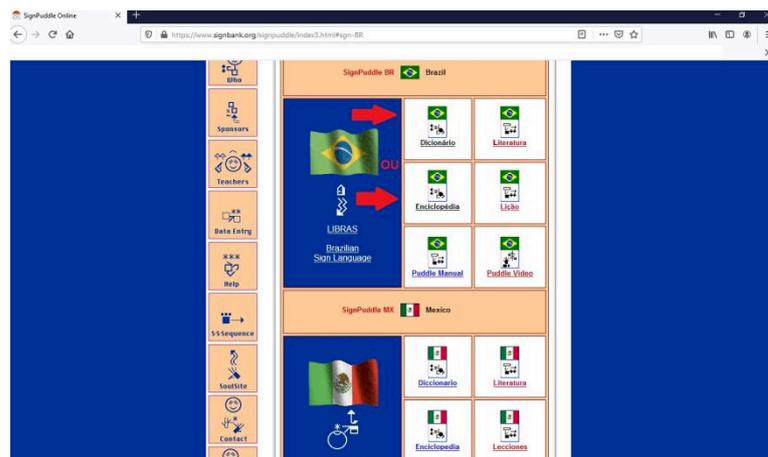
“O dicionário é para entradas de sinal único. Eles podem ter uma definição de texto de sinal. A enciclopédia é para textos extensos. A entrada do sinal, se houver, seria o título da entrada. Em teoria, a enciclopédia é um lugar para preparar textos para as Wikipédias em língua de sinais na Wikimedia Incubator<sup>59</sup>”.

Segundo Slevinski -  -, de fato há distinção entre essas duas entradas de pesquisa, no entanto, são poucos os usuários que fazem uso de forma distintiva dessas entradas, acabando por fazer uso tanto do dicionário quanto da enciclopédia para fins de registros de sinais únicos.

### **Ilustração 56 - Entradas de acesso à plataforma**

<sup>58</sup> A conversa obtida encontra-se ao final desta dissertação nos ANEXOS.

<sup>59</sup> Link de acesso à Wikimedia Incubator: [https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test\\_wikis\\_of\\_sign\\_languages](https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test_wikis_of_sign_languages)



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Depois de selecionada a forma de acesso, você será direcionada a ela. Ao acessá-la, baixe a barra de rolagem do site até encontrar as palavras **REGISTRO** ou **ENTRAR**. Caso já tenha efetuado o cadastro anteriormente, clique em **ENTRAR** ou, então, realize o cadastro.

### Ilustração 57 - Entrada ou Registro na plataforma



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Depois de cadastrado, será solicitada a senha e o *login* de acesso.

### Ilustração 58 - Senha e Login



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Preencha com os dados solicitados e clique em entrar. Pronto! Você já está dentro da plataforma SignPuddle, conforme mostra a página de rosto da plataforma. Agora é só explorar.

### Ilustração 59 - Acesso à plataforma



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Lembrando que é de extrema importância a realização do cadastro, pois só assim será permitida a edição e a inserção de sinais na plataforma, pois quem não o possui poderá apenas compor os sinais, mas não os salvá-los no dicionário e/ou enciclopédia. Outro fator a ser destacado é de que por a plataforma ser de acesso livre, ou seja, qualquer sujeito, surdo ou ouvinte, que possua o conhecimento mínimo da ELS em SW e do SignPuddle pode fazer uso dela, que se encontra com um grande quantitativo de sinais registrados para o mesmo termo, assim como suas repetições, não havendo um administrador que controle os sinais salvos, muito menos que corrija os que apresentam erros de escrita, como é o caso deste registro do

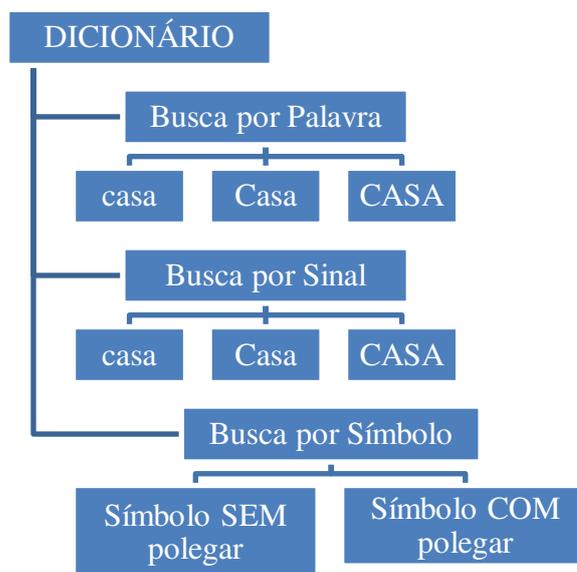
léxico casa: -  - onde as duas CM estão posicionada com o dorso da mão voltados para baixo, estando ela agramaticalmente registrada.

### 3.4 COLETA DE DADOS

Para a apreciação do material coletado na plataforma SignPuddle Online foi realizado uma análise dos dados coletados nela, tentando utilizar procedimentos sistemáticos afim de expor o conhecimento científico – teórico e prático – abarcado nesse estudo. Para isso, utilizou-se do passo a passo descrito acima para a realização da pesquisa.

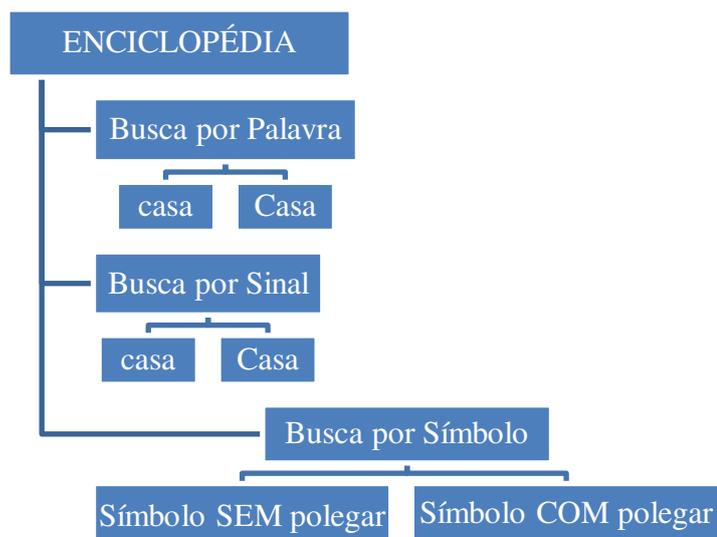
Dando início à coleta de dados, optei por fazer o levantamento do sinal CASA, tanto no dicionário quanto na enciclopédia, pois aconteceu de encontrar registros do termo selecionado de forma diferente em cada uma das entradas. Diante disso, julgou-se pertinente fazer o levantamento nos dois locais. O passo a passo foi o mesmo em ambos os grupos, ou seja, a forma de pesquisa aconteceu em dois grupos dividido em três categorias: busca por palavra, busca por símbolo e busca por sinal e cada uma dessas categorias subdivide-se em duas ou três formas de grafia do léxico CASA. Como mostra organograma abaixo:

**Organograma 2 - Grupo do Dicionário**



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

**Organograma 3 - Grupo da Enciclopédia**

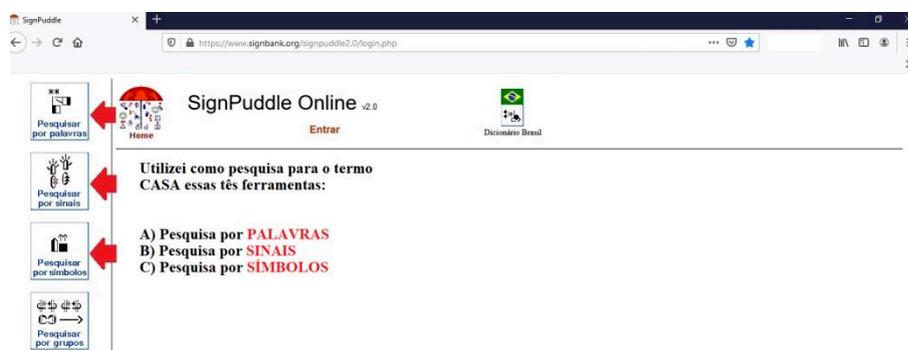


Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Note que foi utilizada a mesma entrada de pesquisa do termo CASA, nos dois locais, com a mesma forma de escrita. Porém o termo CASA, com todas as letras em maiúsculo, só foi possível encontrar sinais registrados dessa forma no dicionário, sendo a única diferença entre os dois locais de pesquisa.

Após a organização dos métodos de entrada para a pesquisa; vale destacar aqui que quando se refere à busca por símbolos com ou sem dedos, estou referindo-me às diferentes posições encontradas para o uso, ou não, do polegar. A seguir, o passo a passo para a coleta dos dados dentro da plataforma. São ilustradas apenas as entradas correspondentes ao Dicionário, visto que o processo é o mesmo para ambos.

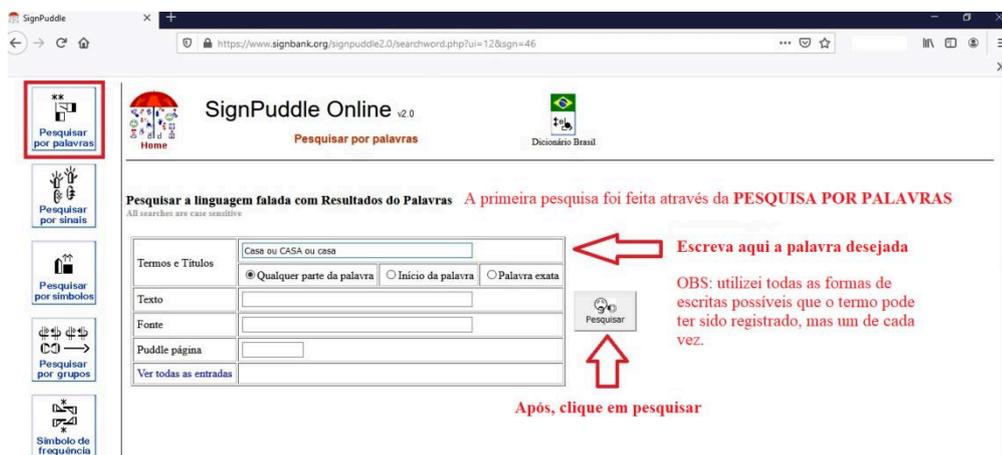
### Ilustração 60 - Três categorias para a realização da pesquisa



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Como demonstrado acima, foram utilizadas três categorias distintas para a realização da busca: PALAVRAS, SINAIS e SÍMBOLOS. Segue a ilustração da primeira categoria de acesso.

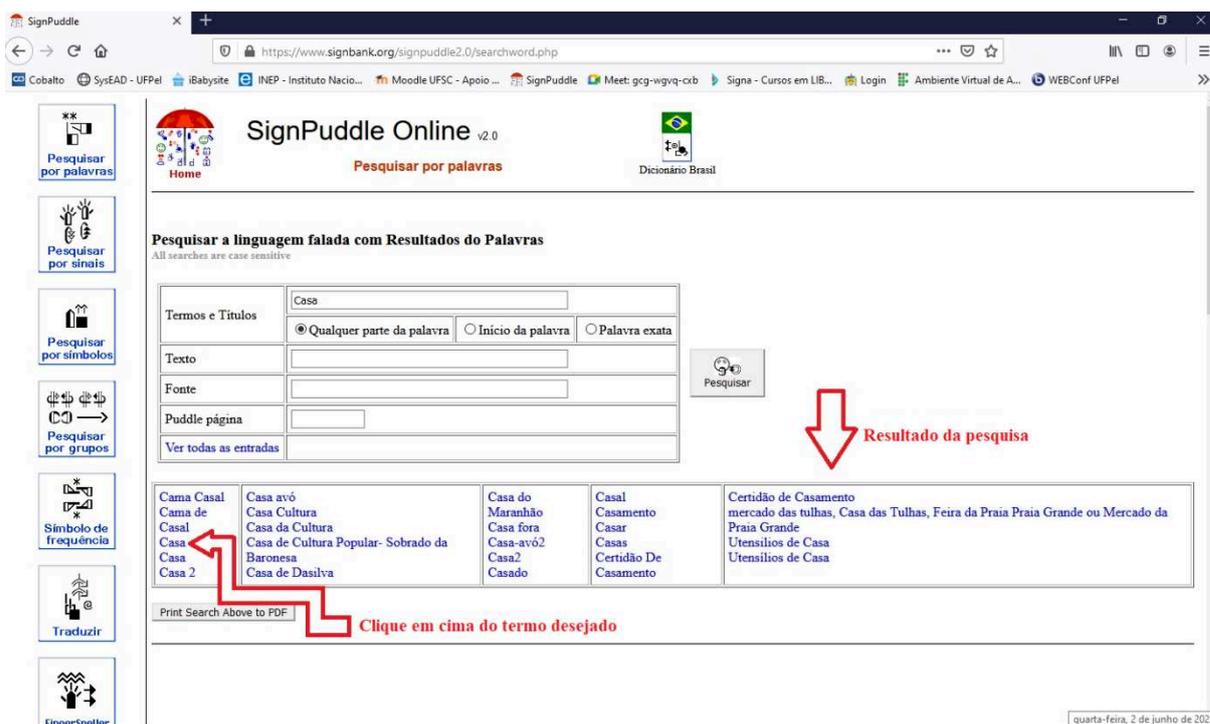
### Ilustração 61 - Primeira categoria – PESQUISA POR PALAVRAS



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

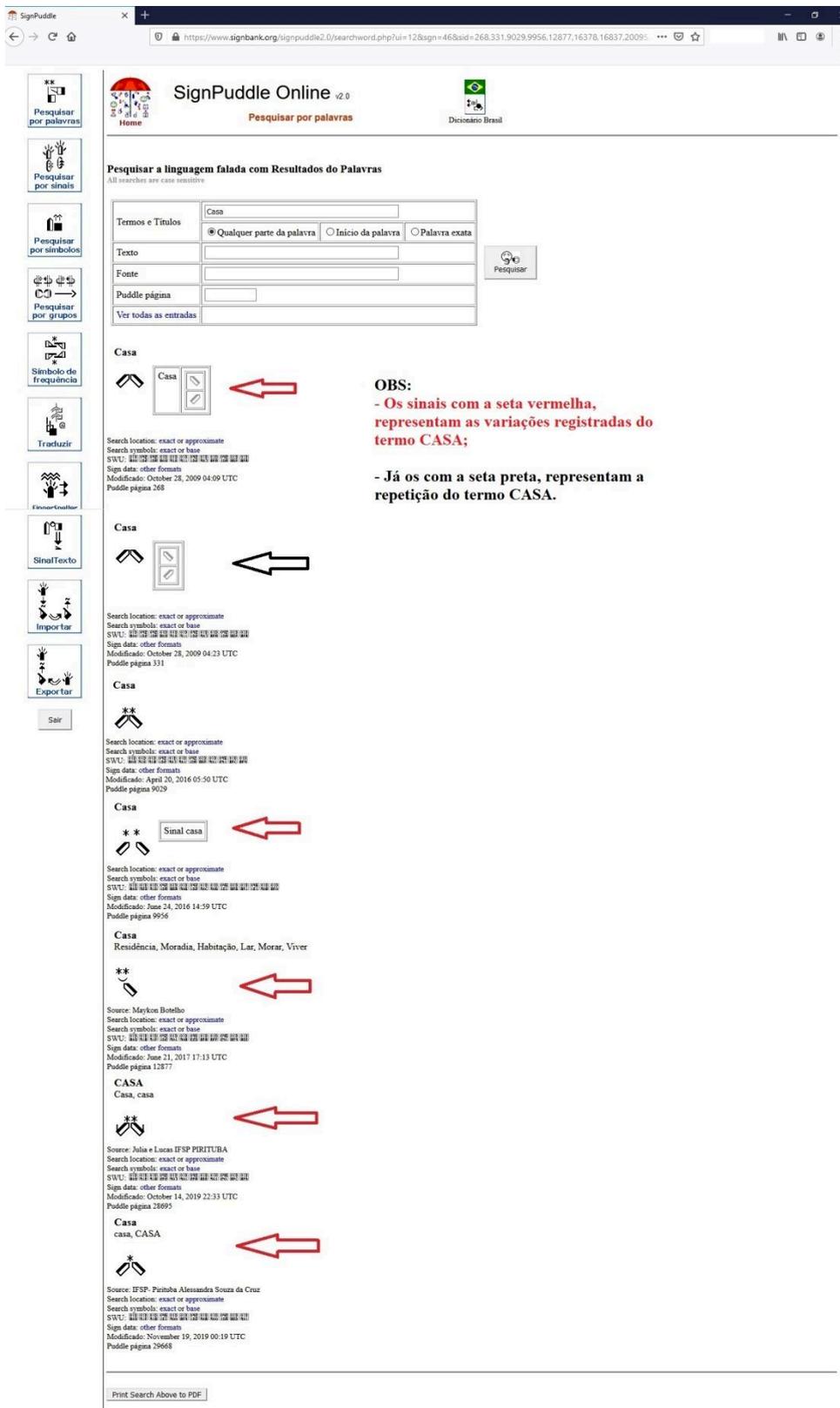
Como resultado da busca, na categoria PALAVRAS, foram encontrados os seguintes sinais e suas variações na escrita.

### Ilustração 62 - Resultado da busca



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

### Ilustração 63 - Variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa



SignPuddle Online v2.0  
Pesquisar por palavras  
Dicionário Brasil

Pesquisar a linguagem falada com Resultados do Palavras  
All searches are case sensitive

Termos e Títulos: Casa  
 Qualquer parte da palavra  Início da palavra  Palavra exata  
 Texto:   
 Fonte:   
 Puddle página:   
 Ver todas as entradas

**Casa**  
 

Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: October 28, 2009 04:09 UTC  
 Puddle página 268

**Casa**  
 

Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: October 28, 2009 04:23 UTC  
 Puddle página 331

**Casa**  


Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: April 20, 2016 05:50 UTC  
 Puddle página 9029

**Casa**  
 

Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: June 24, 2016 14:59 UTC  
 Puddle página 9956

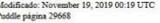
**Casa**  
 Residência, Moradia, Habitação, Lar, Morar, Viver  
 

Source: Maykon Botelho  
 Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: June 21, 2017 17:13 UTC  
 Puddle página 12877

**CASA**  
 Casa, casa  
 

Source: Jolá e Lucas IFSP PIRITUBA  
 Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: October 14, 2019 22:33 UTC  
 Puddle página 28695

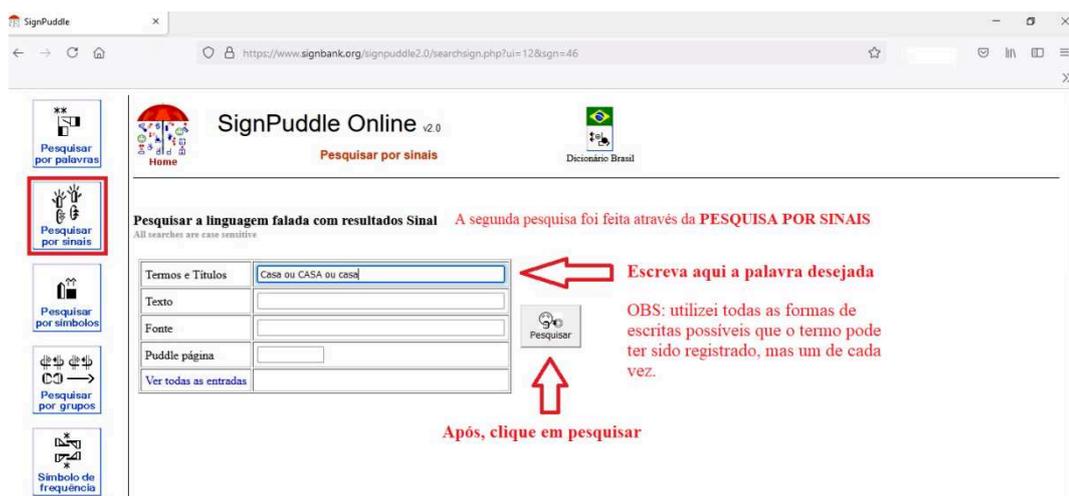
**Casa**  
 casa, CASA  
 

Source: IFSP - Patrícia Alessandra Souza de Cruz  
 Search location: exact or approximate  
 Search symbols: exact or base  
 SWU:   
 Signa data: other formats  
 Modificado: November 19, 2019 00:19 UTC  
 Puddle página 29668

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

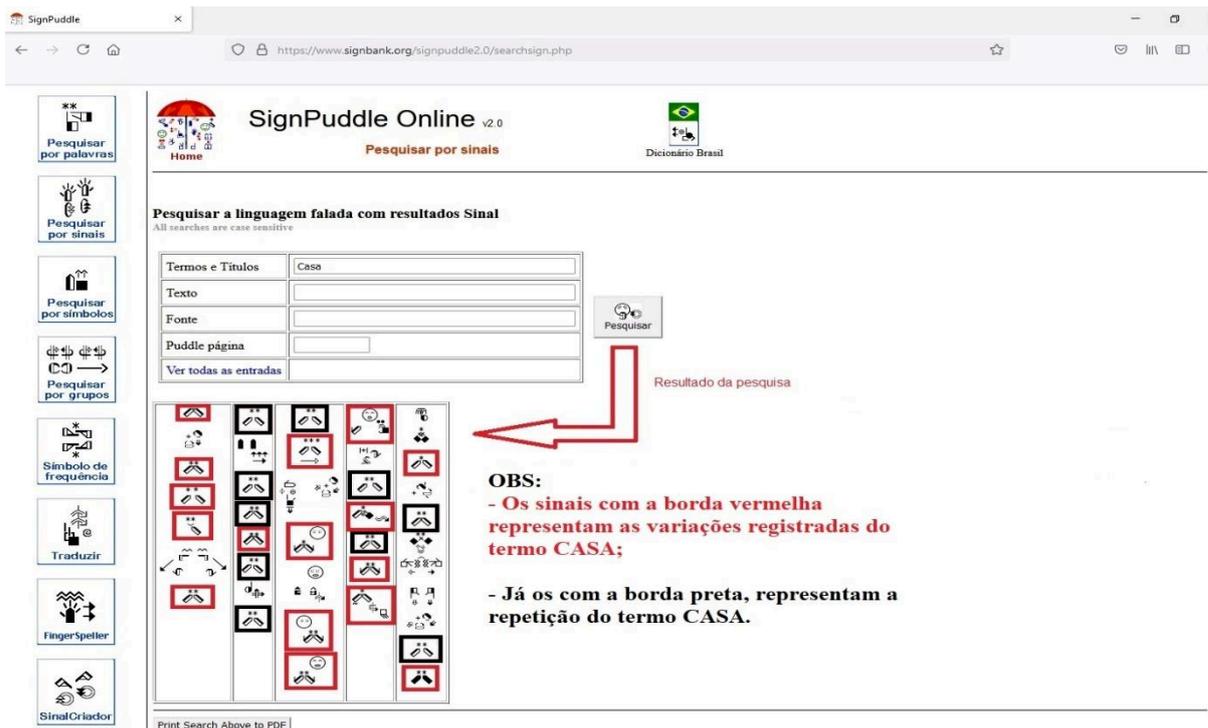
Esse processo ocorreu para os três tipos de grafia mencionados, ou seja, casa, Casa e CASA. Após, passou-se para a segunda categoria: PESQUISA POR SINAIS.

### Ilustração 64 - Segunda categoria – PESQUISA POR SINAIS



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

### Ilustração 65 - Resultado da busca de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

E para finalizar o processo de pesquisa, a terceira categoria: PESQUISA POR SÍMBOLOS SEM POLEGAR e COM POLEGAR e suas variantes. Ressaltando que os dedos que estão sendo mencionados aqui referem-se à posição que o polegar assume na CM.

### Ilustração 66 - Terceira categoria – PESQUISA POR SÍMBOLOS SEM POLEGAR

 \*'. Below the grid, there are several buttons for search actions: 'Lista do grupo', 'Prévio', 'Pesquisar', 'Selecionar próximo', 'Deletar símbolo', 'Limpar tudo', 'Variação', 'Símbolo espelhado', 'Preencher símbolos', 'Combinação exata', 'Rodar 1', 'Rodar 2', 'Qualquer combinação', 'Preencher combinação', and 'Rodar combinação'. A red arrow points to the 'Pesquisar' button with the text: 'Após, clique em pesquisar'." data-bbox="142 274 900 595"/>

Coloque os símbolos desejados para a realização da pesquisa. Neste caso, utilizei os seguintes símbolos:

Após, clique em pesquisar

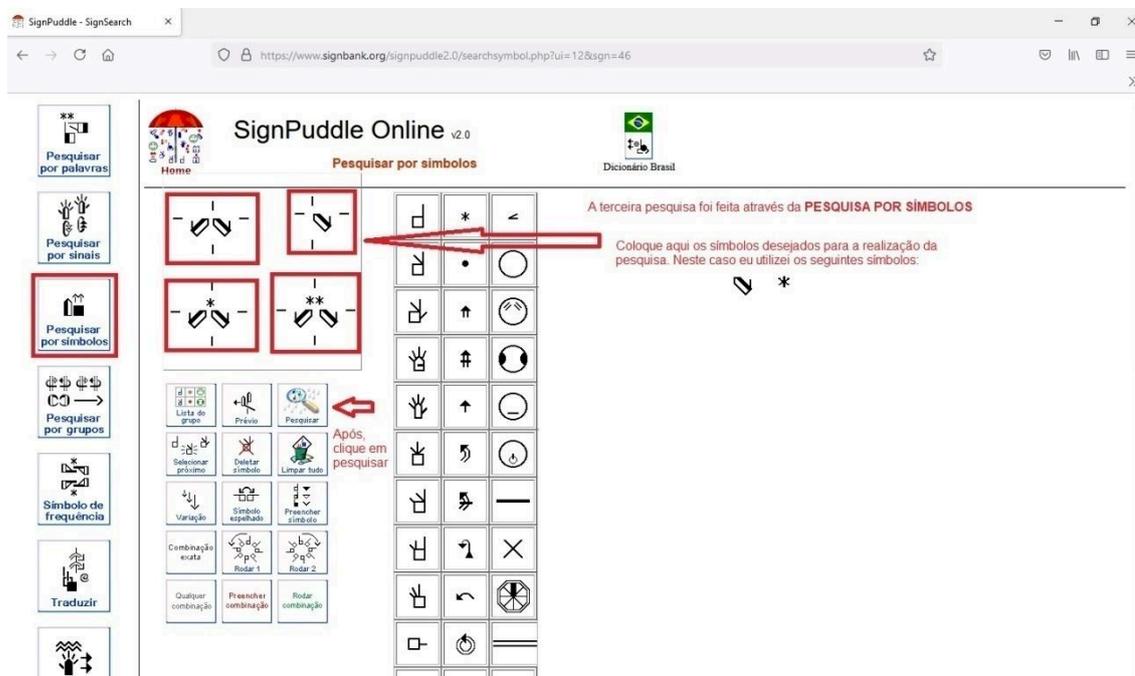
Fonte: Pesquisadora - , 2021.

### Ilustração 67 - Resultado da busca por símbolos SEM POLEGAR de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

### Ilustração 68 - Terceira categoria – PESQUISA POR SÍMBOLOS COM POLEGAR



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

### Ilustração 69 - Resultado da busca por símbolos SEM POLEGAR de variantes e repetições encontradas para o mesmo termo Casa



Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Agora, com base no levantamento feito dos registros do sinal do léxico casa, foi possível realizar o mapeamento dos sinais encontrados, que estão dispostos no subtítulo abaixo: APRESENTAÇÃO DO SINAL DE CASA NO MAPEAMENTO.

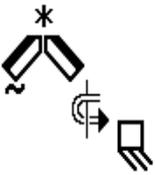
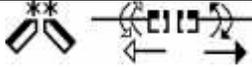
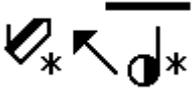
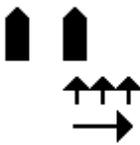
### 3 4 1 Apresentação do sinal de casa no mapeamento – tabela

Nesta seção foi ilustrado o levantamento do sinal de CASA, feito na plataforma SignPuddle Online, de forma a elucidar todo o passo a passo, já descrito no subtítulo 3.3 do capítulo 3, bem como as possíveis análises pensadas para esse processo. Além disso, gostaria de ressaltar que alguns sinais se apresentam pequenos, devido à forma de como ele foi salvo na plataforma, pois, se aumentar as imagens, elas ficam com baixa qualidade, prejudicando a visualização.

Segue, então, o levantamento do sinal de CASA, no dicionário e na enciclopédia da plataforma SignPuddle Online.

#### Dicionário

Quadro 8 - Busca por palavras: casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
*** 	Casa direita – 1x	*** 	Casa esquerda – 1x
	1x	** 	28x
** 	4x	** 	1x
** 	8x	** 	1x
** 	6x	* 	2x

	Casa de boneca – 1x		Casa baixo – 1x
	Casa maranhão – 1x		1x
	2x		Casa ir – 1x
	1x		Voltar casa – 1x
	1x		Casas – 1x
	1x		3x
	1x		Casa cultura – 1x
	3x		1x

Nesse quadro é possível observar que apesar de apresentar um quantitativo expressivo de sinais, os mesmos não apresentam uma grande quantidade de recorrências entre eles, a não ser os sinais de casa grafado desta forma: -  -, aparecendo vinte e oito vezes a sua grafia. Após, encontramos o registro assim: -  -, aparecendo oito vezes, entretanto vale destacar que essa grafia está representada de forma equivocada, pois a mão esquerda está com a palma da mão grafada para cima e a direita para baixo, tornando-a agramatical, assim

como alguns outros sinais presentes no quadro. Também se destaca o registro da seguinte

forma: - - sendo grafadas seis vezes dessa mesma forma, fazendo uso do polegar. Além disso, podemos encontrar sinais compostos, em que a junção de dois sinais forma um único,

como é o caso: - -, CASA+CRUZ, origina-se IGREJA. Sinais sintáticos, como no

caso: - -, referindo-sea alguém que está voltando para casa, e sinais quantitativos: -



-, ilustrando que existem várias casas à direita do sinalizante. Outra situação

interessante de ressaltar é que esta grafia - - apareceu uma única vez, fazendo uso da articulação proximal dos dedos dobrados.

Quadro 9 - Busca por palavras: casa – sem expressão e 1 mão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	2x		1x
	Casa ++ - 1x		1x

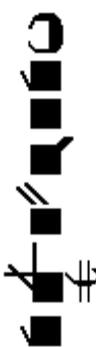
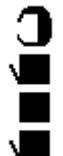
Nesta situação podemos perceber que a opção de registro desse léxico deu-se apenas com uma mão. Entretanto, foi utilizado o glifo - -, indicando que apesar da grafia ser apenas com uma mão, na sua produção deve-se utilizar as duas, além do glifo - \* -, que indica o contato entre as CM. Outro detalhe importante é que apesar da grafia aparecer desta forma: -



-, ela não é uma das formas mais usuais, apresentando pouco quantitativo. Outro detalhe a ser observado é que, assim como no quadro anterior, esse também apresenta sinais quantitativos, mas utiliza a marcação no espaço para diferenciar a posição das casas: -

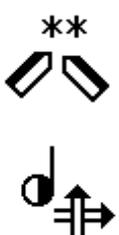


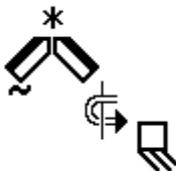
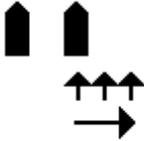
-, marcado pelo glifo - | -. Já nesta situação - -, não é feita menção ao uso das duas mãos, apenas a direita indicando que a CM movimenta-se para o lado esquerdo.

Quadro 10 - Busca por palavras: casa – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	Mansão – 1x		1x
	2x		

Nesse registro, os usuários optaram por grafar o sinal de CASA de forma datilológica, ou seja, fazendo uso do soletramento manual na vertical: -  -, sendo esta forma, que mais apareceu – duas vezes. Também foi possível perceber a grafia do sinal no

aumentativo -  - e no diminutivo -  -.

Quadro 11 - Busca por palavras: Casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		14x
	Casa de Dasilva – 1x		1x

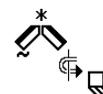
	1x		Casa maranhão – 1x
	Casa de Cultura Popular – Sobrado da Baronesa – 1x		2x
	1x		1x
	1x		

Nessa situação, assim como no quadro 6, é possível perceber que o sinal registrado: -



- é a forma mais grafada, aparecendo quatorze vezes no registro desta entrada. Neste

levantamento também foi possível perceber sinais morfológicos, como no caso de: -



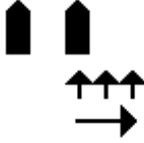
-, referindo-se ao substantivo próprio CASA MARANHÃO. Outro registro que merece

atenção é: -  -, que foi grafado de forma errada pelo seu usuário, pois esse sinal está escrito com o dorso da mão virado para o sujeito, o que não é aceito pela fonologia.

Quadro 12 - Busca por palavras: Casa – sem expressão e 1 mão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		

Nesta situação é possível encontrar apenas um único sinal escrito deste jeito: -  -, da mesma forma que foi possível encontrar esse mesmo sinal no **Quadro 9**: busca por palavras: **casa (sem expressão e 1 mão)**, com uma única diferença presente nesses dois

grupos: a forma como está alocado espacialmente os glifos - \*\* - e - ◡ - que compõe o sinal, não interferindo no seu significado.

Quadro 13 - Busca por palavras: CASA – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		Casa grande – 1x
	13x		1x
	1x		2x
	1x		1x
	1x		1x

Nesse quadro é possível perceber novamente que a forma de registro mais utilizada foi: -  -, aparecendo treze vezes nesta entrada de pesquisa, assim como nos quadros 8 e 11, sendo ele o mais grafado. Também foi possível encontrar, em um segundo momento, o sinal de casa grafado desta forma: -  - fazendo uso do polegar para a realização da CM. Os demais apresentam apenas uma forma de registro feito.

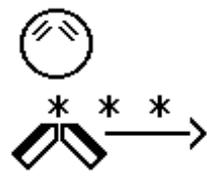
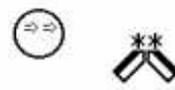
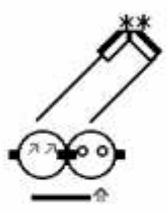
Quadro 14 - Busca por palavras: CASA – sem expressão e 1 mão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x

Aqui, é o mesmo caso do Quadro 12, em que o registro foi feito apenas com uma mão, fazendo uso dos glifos que apresentam a simultaneidade das mãos e do movimento: -

 -. Um detalhe que podemos perceber é que o registro foi feito da seguinte forma: -  -, não faz menção ao uso das duas mãos, apenas a direita, indicando que a CM movimenta-se para o lado esquerdo, o mesmo presente no Quadro 9.

<b>Quadro 15 - Busca por palavras: CASA – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA</b>			
<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>	<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>
	1x		1x

Nesse quadro também apareceu o sinal escrito de forma datilológica, igual ao Quadro 10 -  -. Porém, podemos perceber que essa escrita ocorre em dois planos: o vertical e o horizontal -  -, diferentemente do anterior, em que a escrita ocorreu apenas na vertical.

<b>Quadro 16 - Busca por palavras: casa – com expressão</b>			
<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>	<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>
	1x		1x
	Ali casa avó – 1x		1x
	1x		1x

	1x		Olhar casa – 1x
	1x		1x
	1x		1x
	Casa antiga – 1x		1x
	Casa desmoronar – 1x		Lá casa – 1x
	Sobrado – 1x		Vou la casa – 1x

O diferencial deste Quadro é que todos os sinais apresentavam expressões que caracterizam sinais sintáticos, apresentando estrutura de sentença, como é o caso - -, em que foi registrado como ALI CASA AVÓ, fazendo uso da marcação no espaço para referir-se a casa, na sentença. Também é possível perceber sinais no diminutivo: - - e no aumentativo: - -, caracterizando o tipo de casa feito.

Quadro 17 - Busca por palavras: Casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	Casa avó – 1x		1x
	1x		Casa avó – 1x
	Casa fora – 1x		

Assim como observado no Quadro 16, aqui, também, encontramos exclusivamente

sinais sintáticos, como -  - CASA AVÓ, em que foi feito uso da marcação no espaço para referir-se a casa e que essa é pertencente a avó.

Quadro 18 - Busca por palavras: CASA – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
Não há			

Como pode ser percebido, nesta forma de entrada: busca por palavras: CASA – com expressão, não foram encontrados nenhum registro do léxico casa.

Quadro 19 - Busca por sinal: casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	18x		5x
	1x		3x
	3x		4x

	1x		2x
	1x		1x
	1x		1x
	2x		1x
	Igreja – 1x		Casa Maranhão – 1x
	1x		1x
	1x		2x
	2x		1x
	2x		1x

Aqui também encontramos semelhanças entre os Quadros 8, 11 e 13, com o predomínio do registro desta forma: -  -, apresentando uma recorrência de dezoito vezes.

Também foi possível encontrar sinais compostos, como no caso -  - CASA+CRUZ=IGREJA, e sinais que apresentam sintaxe na sua produção, como no caso -



- VOLTAR CASA, referindo-se que alguém esteja voltando para sua residência.

Encontrou-se também sinais com equívocos quanto a sua grafia, -  -, em que o sinal foi registrado fazendo uso das palmas das mãos voltadas para frente do sinalizante, não sendo aceito fonologicamente.

<b>Quadro 20 - Busca por sinal: casa – sem expressão e 1 mão</b>			
<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>	<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>
	1x		1x
	1x		1x

No quadro acima, podemos encontrar a mesma situação do Quadro 9 e 12, em que há presença da mesma CM, e uso dos glifos: - \* - ou - \*\* - e -  -, escrito da seguinte forma: -  - em três, dos quatro sinais encontrados. Um desses três apresenta sinais quantitativos,

utilizando a marcação no espaço para diferenciar a posição das casas, como no caso: -  -

-, marcado pelo glifo -  -. Outro detalhe percebido no registro dessa escrita: -  - é que esse não faz menção ao uso das duas mãos, referindo-se apenas a mão direita, indicando o movimento que a CM faz para a esquerda.

Quadro 21 - Busca por sinal: casa – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		

Nessa situação o sinal foi escrito de forma datilológica, igual ao Quadro 10 e 15 -  -. Porém, é possível perceber que esta escrita ocorre exclusivamente no plano vertical e ainda

apresenta a escrita no aumentativo -  - e no diminutivo -  -, no mesmo plano.

Quadro 22 - Busca por sinal: Casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		11x
	3x		1x
	1x		1x
	1x		1x
	1x		

Nesse resultado podemos encontrar a mesma situação dos Quadros 8, 11, 13 e 19, em que o maior quantitativo do sinal encontrado foi -  -, aparecendo onze vezes na pesquisa. O mesmo aconteceu com o sinal -  -, diferenciando-se apenas no espaço grafado entre as

CM presentes. Outro registro que merece atenção é o caso: -  -, que foi registrado de forma errada pelo seu usuário, pois está escrito com o dorso das mãos voltado para frente do sinalizante, não sendo aceito fonologicamente.

Quadro 23 - Busca por sinal: Casa – sem expressão e 1 mão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		

Aqui podemos encontrar a mesma situação dos Quadros 9, 12 e 20, em que há um único sinal escrito da seguinte forma: -  -, fazendo uso dos glifos - \*\* - para referir-se ao contato das duas mãos e -  -, representando o uso das duas CM.

Quadro 24 - Busca por sinal: CASA – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		11x
	2x		1x
	2x		1x
	1x		1x

Assim como nos Quadros 8, 11, 13, 19 e 22, neste resultado também encontraram-se um maior quantitativo do seguinte sinal: -  -, aparecendo onze vezes na pesquisa. O mesmo acontece com o sinal -  -, diferenciando-se apenas no espaço grafado entre as CM presentes, aparecendo duas vezes. Outro sinal que merece destaque é o -  -, pois apresenta as mesmas características dos dois anteriores, entretanto, a CM utilizada faz uso dos polegares em ambas as mãos.

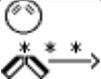
Quadro 25 - Busca por sinal: CASA – sem expressão e 1 mão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes

	1x		
---	----	--	--

Outro detalhe percebido no registro desta escrita: -  - é que esse não faz menção ao uso das duas mãos, referindo-se apenas a mão direita, indicando o movimento que a CM faz para a esquerda. O mesmo acontece nos Quadros 9, 14 e 20.

<b>Quadro 26 - Busca por sinal: CASA – sem expressão e 1 mão – DATILOLOGIA</b>			
<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>	<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>
	1x		

Nesse quadro também encontramos o sinal escrito de forma datilológica, igual aos Quadros 8, 13 e 19 -  -. Porém, essa escrita ocorre exclusivamente no plano horizontal.

<b>Quadro 27 - Busca por sinal: casa – com expressão</b>			
<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>	<b>Sinal</b>	<b>Quantidade de vezes</b>
	1x		1x
	1x		1x
	2x		1x
	1x		1x
	Sobrado – 1x		1x
			
	1x		

Assim como observado nos Quadros 16 e 17, aqui também encontramos sinais sintáticos, como no caso de -  - ESTA CASA. Mas, o registro do olhar, nessa escrita faz menção ao sujeito estar olhando para trás, na diagonal, apresentando duas recorrências. Também podemos perceber que nessa situação -  - o escritor optou por registrar o sinal de CASA fazendo uso da expressão facial com um sorriso, localizando-a a frente do seu corpo.

Quadro 28 - Busca por sinal: Casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x
	1x		

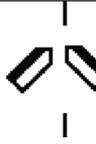
Assim como observado nos Quadros 16 e 17, aqui também encontramos exclusivamente sinais sintáticos, como -  - CASA AVÓ, no qual faz uso da marcação no espaço para referir-se a casa e que esta é a casa da avó.

Quadro 29 - Busca por símbolos sem polegar:			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	24		117
	24		7
	1		1
	2		1
	1		2
	1		4
	9		1

	2		1
	1		1
	7		1
	2		2
	1		1

Assim como nos quadros anteriores, a predominância da forma escrita do sinal de casa é -  - apresentando uma recorrência de cento e dezessete vezes. Também foi possível detectar uma recorrência de vinte e quatro vezes os sinais escritos da seguinte forma: -  - e -  -. O que acaba por diferenciar uma escrita da outra é que, na primeira, o usuário optou por registrar o sinal com as CM já encostadas, em que o movimento de tocar não se repete e não faz uso do glifo - \*\* -. Já este sinal: -  - apresentando recorrência de sete vezes, o sujeito que o registrou, apesar de escrever com as CM juntas, indicando o toque, também optou por utilizar o glifo - \* -, uma única vez para mostrar que o movimento não se repete, apresentando um estilo diferente em que o significado não é alterado. E nesta situação -  -, apesar de as CM também estarem encostadas, optou-se por registrar os glifos - \*\* -, indicando que o movimento de tocar uma CM na outra se repete.

**Quadro 30 - Busca por símbolos sem polegar:**

 ,  ,  ,

 -  -

| e | (com expressão)

Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
NÃO HÁ			

Como pode ser percebido, nesta forma de entrada: busca por símbolos sem polegar (com expressão), não foi encontrado nenhum registro do léxico casa.

**Quadro 31 - Busca por símbolo com polegar:**

Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	2x		7x
	2x		2x
	1x		

Aqui, pode-se perceber que o registro do sinal desta forma: - - é o que prevalece, tendo uma recorrência de sete vezes o mesmo sinal. O que diferencia esse registro, deste: - - é que no primeiro os usuários optaram por deixar as CM separadas, nem que seja minimamente, para aparentar contato, apesar dos glifos - \*\* - já representarem isso. E no segundo, as CM são grifadas juntas, que também faz alusão ao contato representado pelos glifos - \*\* -. Isso nos leva a acreditar que são escolhas estilísticas de registro que não influenciam no resultado.

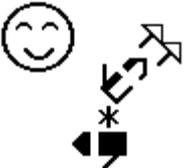
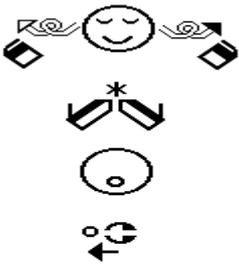
**Quadro 32 - Busca por símbolo com polegar:**

Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
NÃO HÁ			

Como pode ser percebido, nesta forma de entrada: busca por símbolos com polegar (com expressão), não foi encontrado nenhum registro do léxico casa.

Quadro 33 - Busca por palavras: casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		Mudar em casa - 1x

Neste quadro, pode ser percebido que a quantidade de sinais que apareceram para essa entrada de pesquisa é mínima, sendo um sinal grafado como a maioria o faz -  - e o outro, em um contexto sintático, que se utilizou desta grafia -  - para dizer que ALGUÉM ESTAVA MUDANDO DE CASA, apesar dele não marcar o sinal de casa, mas a mudança em si de um local para outro.

Quadro 34 - Busca por palavras: casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	Ali casa - 1x		Frequenciamento casa - 1x
	Chá de casa nova - 1x		Entrar na casa - 1x
	Dentro de casa - 1x		Vovo na casa - 1x

	Entrar casa avo - 1x		Lá casa - 1x
---	-------------------------	--	--------------

Assim como observado nos Quadros 16 e 17, aqui também encontramos exclusivamente sinais sintáticos, como -  - LÁ CASA, que faz uso da marcação no espaço para referir-se aquela casa em específico.

Quadro 35 - Busca por palavras: Casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x

Aqui, podemos perceber o predomínio da escrita em que a CM faz uso do polegar -  -, o que acaba por diferenciar uma escrita da outra é qual a posição que o glifo - \* - vai ocupar na escrita, não interferindo no significado do sinal.

Quadro 36 - Busca por palavras: Casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x

	1x		
---	----	--	--

Devemos chamar a atenção nesse quadro para o sinal escrito da seguinte forma: -

  - em que a CM usada refere-se a -  -, representado pela letra E. A fonologia, nesse caso, não permite a utilização desta CM em específico, permitindo apenas a variação entre as CM -  -, -  - e -  -, tornado, assim, esse sinal agramatical na Língua de Sinais.

Quadro 37 - Busca por sinais: casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
NÃO HÁ			

Como pode ser percebido, nesta forma de entrada: busca por sinais: casa – sem expressão, não foi encontrado nenhum registro do léxico casa.

Quadro 38 - Busca por sinais: casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x
	1x		

Assim como observado nos Quadros 16, 17 e 34, aqui também encontramos

exclusivamente sinais sintáticos, como -  - ENTRAR CASA, que faz uso da marcação no espaço para referir-se a casa da avó. Outro detalhe interessante de se observar é

que o sinal escrito para casa -  - na verdade, refere-se ao sinal de viajar, mostrando que no momento de salvá-lo na plataforma, o sujeito que o fez, registrou-o de forma errada na LP para este sinal.

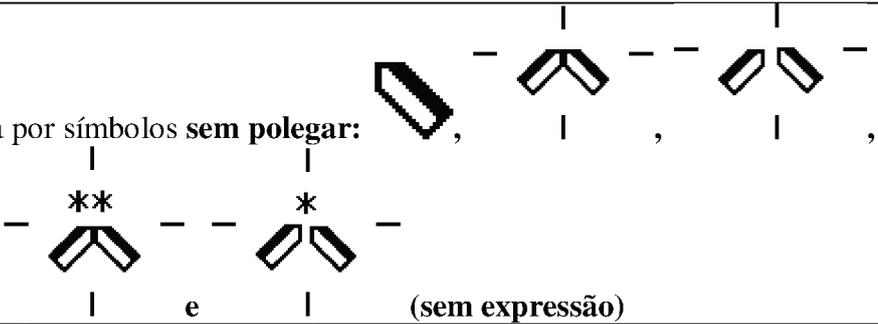
Quadro 39 - Busca por sinais: Casa – sem expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	2x		1x
	1x		

Aqui encontramos o mesmo caso do Quadro 35, em que é possível perceber o predomínio da escrita em que a CM faz uso do polegar -  -, mas o que vai acabar por diferenciar uma escrita da outra é a posição que o glifo - \* - vai ocupar na escrita, não interferindo no significado do sinal.

Quadro 40 - Busca por sinais: Casa – com expressão			
Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x
	1x		

Aqui, encontramos a mesma situação do Quadro 36, em que devemos chamar a atenção nesse quadro para o sinal escrito da seguinte forma: -  - em que a CM usada refere-se a -  -, representado pela letra E. A fonologia, nesse caso, não permite a utilização desta CM em específico, pois ela permite apenas a variação e entre as CM -  -, -  - e -  -, tornado, assim, esse sinal agramatical na Língua de Sinais.

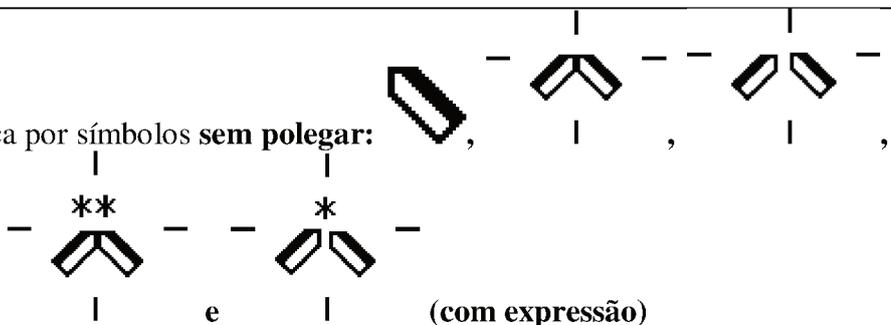
**Quadro 41 - Busca por símbolos sem polegar:**



Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	2x		2x
	6x		

Nessa tabela, podemos perceber um equívoco quanto à escrita de casa. Vejamos -  - que aqui o sujeito que o grafou acabou por fazer uso das CM -  - mas uma sobre a outra no plano parede, inviabilizando, nesse caso, a escrita. Também, pode-se perceber que há um grande quantitativo de recorrência quanto ao sinal -  -, aparecendo 6 vezes escrito.

**Quadro 42 - Busca por símbolos sem polegar:**



Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	Entender		1x
	1x		

Aqui também podemos perceber um equívoco quanto ao resultado da pesquisa, pois acabou por surgir o sinal de entender -  -, mesmo ele tendo registrado em LP como entender. Então, entende-se que a falha está no resultado.

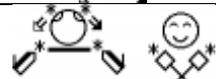
**Quadro 43 - Busca por símbolo com polegar:**

Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	2x		1x
	1x		1x
	1x		

Nesse quadro, podemos presenciar o registro do sinal composto ESCOLA -  -, sendo a junção dos sinais CASA+ESTUDAR para o resultado de busca. Também encontramos o mesmo caso dos Quadros 35 e 39, com o predomínio da escrita em que a CM faz uso do polegar -  -, e o que vai acabar por diferenciar uma escrita da outra é a posição que o glifo - \* - vai ocupar na escrita, não interferindo no significado do sinal.

**Quadro 44 - Busca por símbolo com polegar:**

Sinal	Quantidade de vezes	Sinal	Quantidade de vezes
	1x		1x
	1x		1x
			
	1x		1x

	1x		1x
	1x		1x

Nessa tabela o predomínio do registro de sinais sintáticos é notório, como é o caso -



- que diz respeito à FESTA CASA NOVA. Mais uma vez o método de entrada acabou por não selecionar os sinais desejados, ou seja, todos os sinais que possuíssem em sua composição o léxico casa.

Após o levantamento dos sinais encontrados no SignPuddle Online, o seguinte quantitativo de sinais, nos dois grupos propostos a ser realizada a pesquisa:

**Quadro 45 - Dicionário**

<b>Dicionário</b>	
<b>Busca por Palavras</b>	159 sinais
<b>Busca por Sinal</b>	127 sinais
<b>Busca por Símbolo</b>	Sem dedo: 214 sinais
	Com dedo: 14 sinais
<b>Total:</b>	<b>514 registros</b>

**Quadro 46 - Enciclopédia**

<b>Enciclopédia</b>	
<b>Busca por Palavras</b>	19 sinais
<b>Busca por Sinal</b>	14 sinais
<b>Busca por Símbolo</b>	Sem polegar: 13 sinais
	Com polegar: 16 sinais
<b>Total:</b>	<b>62 registros</b>

O que se destaca nesse levantamento de dados é a quantidade de repetições dos sinais cadastrados, bem como algumas formas equivocadas de registro. No entanto, se refletirmos a respeito desses equívocos, mesmo que subjetivamente, poderemos chegar a algumas conclusões sobre o porquê ocorreram. Uma delas pode estar relacionada à intencionalidade do equívoco, pois como a plataforma é a única que permite escrever em SW, e se por acaso o sujeito necessita demonstrar que alguns erros podem ser cometidos nesta escrita, mesmo que didaticamente, a única forma de fazer uso desses sinais é salvando-os na plataforma para

posteriormente usarem *Word*, *PowerPoint*, PDF e, até mesmo, para a impressão com qualidade.

Ilustrando a situação acima, temos casos do sinal -  - presente no **Quadro 24 - Busca por sinal: CASA – sem expressão**, em que a CM da mão esquerda está com a palma da mão voltada para cima, e a direita voltada para baixo, e o caso -  - presente no **Quadro 22 - Busca por sinal: Casa – sem expressão**, em que o registro foi feito com o dorso de ambas as mãos voltadas para o corpo do sujeito. Em ambas as situações, a fonologia não aceita essas formas de registro, tornando-as agramaticais.

Outra forma de apresentar equívocos que podem acontecer é através da entrada de busca no SignPuddle, em que o termo pode ser registrado erroneamente em língua portuguesa e correto em SW, como no caso do sinal PEDIR, presente no **Quadro 19: Busca por sinal: casa – sem expressão** –, que, apesar de na busca ter se utilizado o termo CASA, o resultado

mostrou outro termo, mas escrito de forma correta em SW, vejamos: -  -.

O processo ao contrário também pode ocorrer: termo em LP escrito correto e em SW registrado errado, como mostra o sinal -  -, do **Quadro 19: Busca por sinal: casa – sem expressão** –, que não possui significado nenhum, conforme está escrito, pois uma das mãos apresenta o dorso virado para cima e a outra para baixo. Os resultados das pesquisas são influenciados pela forma que foram registrados os sinais e seus respectivos termos em LP.

Não apenas essas situações são possíveis de serem percebidas nas tabelas, como também é possível encontrar sinais compostos no momento da pesquisa, como é o caso do

sinal -  - de IGREJA, que é a junção dos sinais de CASA+CRUZ, como consta no **Quadro 19 – Busca por sinal: casa – sem expressão**.

Além disso, apesar da pesquisa deter-se no léxico, com foco na análise do parâmetro fonológico: Configuração de Mão da escrita, no resultado é possível perceber o surgimento de sinais sintáticos e morfológicos, mesmo dentro do parâmetro fonológico. O que de certa forma preocupa, pois isso evidencia que a plataforma, apesar de apresentar critérios de busca no que tange ao resultado, ela é um pouco falha, necessitando atenção nesse quesito. Este problema é de fácil percepção, visto que o que interfere no resultado é a forma como são

feitos os registros dos léxicos em LP, o que acaba por abarcar sinais sintáticos como -  -

- e morfológicos -  -, encontrados no **Quadro 6: Busca por palavras: casa – sem expressão**. Entretanto, esse não é o foco deste momento, mas abre brechas para futuros estudos mais aprofundados sobre o assunto.

### 3 4 2 Reflexões sobre a análise dos dados

Este subtítulo tratará da análise realizada do sinal de CASA, que foi coletado na plataforma SignPuddle Online. Para que isso ocorra será utilizada como base de análise a proposta de Bardin (1977), que orienta utilizar procedimentos pautados no conhecimento científico, alavancados nos referenciais utilizados para esse estudo. Sendo assim, encontro elementos que me possibilitam discutir a escrita em SW, com os parâmetros fonológicos das Línguas de Sinais.

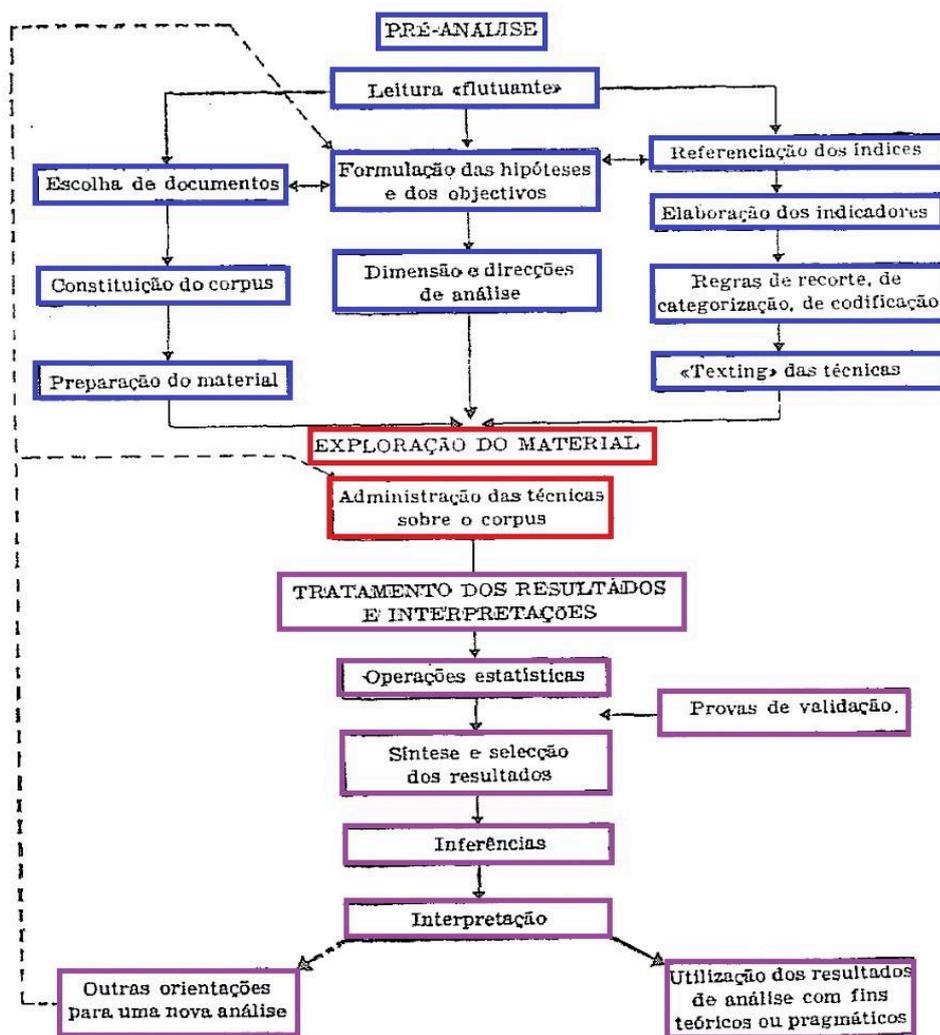
Para que este processo de análise, de fato, consiga estar em consonância com os objetivos propostos pela pesquisa, pensou-se em utilizar como norte o passo a passo proposto por Bardin (1977, p. 95), no qual ele apresenta “as diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação organizam-se em torno de três pólos cronológicos”:

- 1) A **pré-análise**: é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas, tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (1977, p. 95);
- 2) A **exploratória**: a fase de análise propriamente dita não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas (1977, p. 101);
- 3) O **tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação**: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos («falantes») e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens), ou mais complexas (análise factorial), permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas, figuras e modelos, os quais condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise (1977, p. 101).

Para elucidar essa trajetória, o autor propõe um organograma contendo todo o trajeto necessário para a elaboração da análise pretendida. Para tornar mais didático o organograma proposto por ele, cada uma das etapas foi destacada com uma cor para melhor compreensão

do passo a passo seguido. Sendo assim, a fase da **PRÉ-ANÁLISE** encontra-se em azul, a da **EXPLORAÇÃO DO MATERIAL** em vermelho e a do **TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES** em roxo.

**Organograma 4 - Desenvolvimento de uma análise**



Fonte: Bardin (1977, p. 102).

Uma questão a ser levantada é que a análise proposta por Bardin (1977) e utilizada nesta dissertação não foi identificada nos materiais teóricos coletados que auxiliaram a pesquisa. Sendo assim, o desafio de fazer uso de uma metodologia que, até então não havia sido encontrada nas pesquisas realizadas, foi algo desafiador, mas, ao mesmo tempo, muito satisfatório, pois o desenvolvimento de análise do autor foi ao encontro da natureza desta pesquisa.

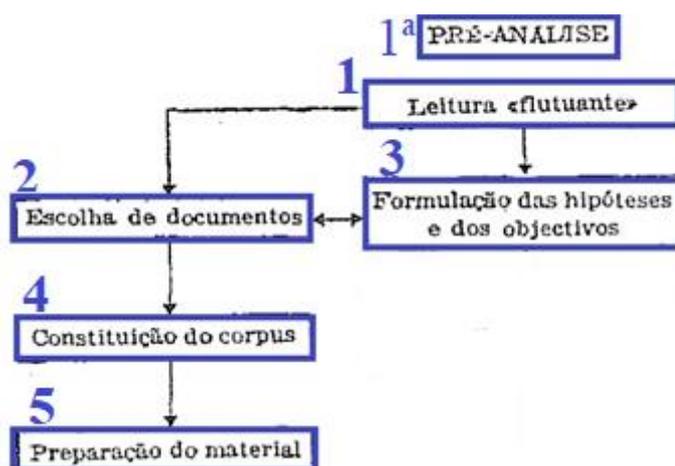
Para que se conseguisse dar início a esse modelo, foram necessárias algumas discussões acerca do tema a ser pesquisado. Após chegar a uma proposta de pesquisa, deu-se

início a primeira etapa desse organograma: a PRÉ-ANÁLISE, seguindo as fases ilustradas pelo autor.

Após a realização das leituras dos materiais coletados, foram selecionados os textos que serviriam de aporte teórico da pesquisa, dando início à formulação das hipóteses e dos objetivos que estivessem de acordo com o que se estava propondo e lendo. Em seguida, passou-se para a constituição do *corpus* do sinal de CASA, na plataforma SignPuddle Online, coletando todos os sinais encontrados através das entradas de busca por palavras, por sinal e por símbolo. Vale destacar que a regra predominante era a exaustividade, pois todo e qualquer sinal que emergisse através dessas entradas de busca seriam selecionados e organizados em tabelas.

No organograma abaixo é possível perceber o caminho percorrido para a realização desta etapa.

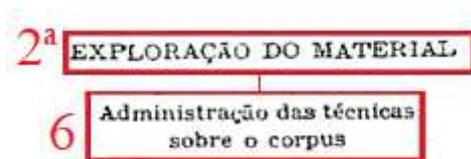
**Organograma 5 - Fase da PRÉ-ANÁLISE**



Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Em seguida, passou-se para a segunda etapa: a EXPLORAÇÃO DO MATERIAL. Aqui foi empregada a administração das técnicas sobre o *corpus*, tendo como base os sinais coletados, que foram organizados através de tabelas, que apresentassem os diferentes registros do sinal CASA e suas recorrências na plataforma. Abaixo, segue o caminho percorrido nesta etapa.

**Organograma 6 - Fase da EXPLORAÇÃO DO MATERIAL**

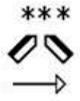
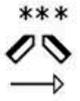
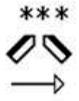


Fonte: Pesquisadora - , 2022.

A seguir, segue a construção do *corpus* do Dicionário e da Enciclopédia encontrados na plataforma SignPuddle Online. Nestes quadros foram feitas comparações e quantificações das três entradas de buscas do sinal CASA. Vale destacar que, neste processo de levantamento dos sinais, a entrada correspondente aos símbolos foi pesquisada por símbolos que apresentassem, ou não, o uso de dedo. Vejamos os quadros abaixo.

**Quadro 47 - *Corpus* de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA sem polegar**

Busca por:	PALAVRAS	QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SIMBOLO SEM POLEGAR	QUANTAS VEZES
SEM EXPRESSÃO	casa	*** Casa direita – 1x	*** 	1x		1
		** 4x	** 	5x	** 	24
		** 28x	** 	18x	** 	117
		** 8x	** 	3x	** 	8
		* 2x	* 	2x	* 	4
		* Casas	* 	1x	* 	1
		* Casa baixo – 1x	* 	1x	* 	2
		** 1x	** 	1x		
		** 6x	** 	3x		
		* Casa maranhão – 1x	* 	Casa Maranhão – 1x		
		* Casa de boneca – 1x	* 	1x		
		** 1x	** 	1x		
		* 1x	* 	2x		
		* Voltar casa – 1x	* 	1x		
		** 3x	** 	1x		
		* 1x	* 	1x		
		* 1x	* 	Igreja – 1x		
		*** Casa esquerda – 1x	*** 	1x		
		* 3x	* 	2x		24
		* 1x	* 	1x		2
		* 2x	* 	1x		
		*** 1x	*** 	1x	*** 	
		** 14x	** 	11x	** 	
		* 1x	* 	1x	* 	
		** 1x	** 	1x		
		* 1x	* 	1x		
		** 1x	** 	1x		

			3x		
	Casa maranhão - 1x		Casa maranhão - 1x		
			1x		
	2x				
<b>CASA</b>					
	1x		1x		
	13x		11x		
	1x		2x		
	1x		1x		
	1x		1x		
	1x		1x		
			2x		
	1x				
			1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Nesse quadro, a predominância do uso da escrita do sinal de CASA em SW é -  - escrito 189 vezes, sendo 163 vezes utilizando a entrada **casa**, 26 vezes a entrada **Casa** e 25 vezes a entrada **CASA**. Depois encontramos o sinal -  -, registrado 41 vezes, sendo 33 vezes com a entrada **casa**, 4 com a entrada **Casa** e 4 com a entrada **CASA**. O que diferencia o primeiro do segundo é unicamente a aproximação que as CM apresentam, mas o significado prevalece o mesmo.

Também encontramos o registro da seguinte forma -  - sendo registrado 13 vezes, em que 9 vezes com a entrada **casa**, 2 com a entrada **Casa** e 2 com a entrada **CASA**. E por último, encontramos o registro feito da seguinte forma -  -, sendo ele registrado 6 vezes, sendo 4 vezes correspondente à entrada **casa** e 2 com a entrada **CASA**.

**Quadro 48 - Corpus de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA com uma mão, sem polegar**

Busca por:	PALAVRAS	QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO SEM DEDO	QUANTAS VEZES
SEM EXPRESSÃO	** 	2x	** 	1x	** 	1
	* 	1x	* 	1x	* 	2x
	*   	Casa ++	*   	1x		
		1x		1x		
	** 	1x	** 	1x		
	CASA com uma mão 	1x		1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Nesse quadro é possível perceber que entre as três formas de entrada utilizada para a pesquisa, apenas duas delas – PALAVRAS e SINAIS – apresentaram resultado na pesquisa, prevalecendo a escrita - -. Já nas demais, elas apresentaram diferença quanto à posição dos glifos utilizados e/ou a quantidade de - \* -, presentes em cada uma delas. Também é possível perceber a escrita - - em que não faz uso dos glifos - \* - e - -, utilizando apenas as setas - - para indicar a direcionalidade da CM e o seu movimento.

**Quadro 49 - Corpus de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa e CASA uso da datilologia, sem polegar**

Busca por:	PALAVRAS		QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO SEM POLEGAR	QUANTAS VEZES
SEM EXPRESSÃO	casa Datilologia		Mansão		1x		
			2x		1x		
			1x		1x		
	CASA		1x		1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Nesse Quadro, podemos perceber que a predominância na escrita acontece na vertical, aparecendo 7 vezes escrita desta forma, incluindo as escritas no aumentativo em 2 vezes, diminutivo 2 vezes e normal 3 vezes. Também se percebe a escrita da palavra casa na horizontal, que aparece 2 vezes.

**Quadro 50 - Corpus de sinais da categoria COM EXPRESSÃO – casa e Casa, sem polegar**

Busca por:	PALAVRAS	QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO SEM DEDO	QUANTAS VEZES		
COM EXPRESSÃO	casa	1x		1x				
		Ali casa avó - 1x		2x				
		Olhar casa - 1x						
			1x			1x		
			1x			1x		
		Sobrado - 1x		Sobrado - 1x				
		Casa desmorona r - 1x						
		Vou lá casa - 1x		1x				
				1x				
		Lá casa - 1x		1x				
	Casa		Casa avó - 1x			1x		
						1x		
			Casa fora - 1x			1x		
						1x		
			Casa avó - 1x			1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Já nesse Quadro, quase todos os sinais presentes são sintáticos e utilizados dentro de uma estrutura que apresenta significado, como é o caso - -, que se refere a alguém

indo para casa. Entretanto, encontramos o sinal -  - em que o sujeito que a registrou optou por fazer o uso das ENM para se referir a casa em SW.

**Quadro 51 - *Corpus* de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA, com polegar**



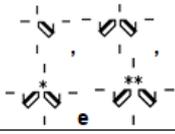
			Casa esquerda – 1x		1x		
			1x		1x		
			2x		1x		
	Casa		1x		1x		
			1x		1x		
			14x		11x		
			1x		1x		
			1x		1x		
			1x		1x		
			Casa maranhão – 1x		Casa maranhão – 1x		
	CASA		1x		1x		
			13x		11x		
			1x		2x		
			1x		1x		
			1x		1x		
			1x		1x		
					2x		

Fonte: Pesquisadora -  , 2021.

Nesse Quadro foram encontrados 22 registros do sinal de CASA em SW, na seguinte forma -  -, sendo 16 com a entrada **casa**, 3 com a entrada **Casa**, e 3 com a entrada **CASA**. Também foi possível encontrar a seguinte escrita -  -, diferenciando apenas na

quantidade de glifos utilizados - \* - e o espaçamento entre as CM. Já a escrita -  - aparece 8 vezes com as entradas **casa** e **CASA**.

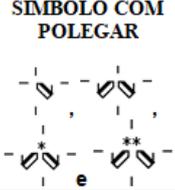
**Quadro 52 - Corpus de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa, Casa e CASA com uma mão e com polegar**

Busca por:	PALAVRAS		QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO COM POLEGAR	QUANTAS VEZES
							
SEM EXPRESSÃO	casa com uma mão	** 	2x	** 	1x		
		* 	1x	* 	1x		
		* 	Casa ++	* 	1x		
			1x		1x		
	Casa com uma mão	** 	1x	** 	1x		
	CASA com uma mão		1x		1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Nesse Quadro podemos encontrar a mesma situação do Quando 48.

**Quadro 53 - Corpus de sinais da categoria SEM EXPRESSÃO – casa e CASA uso da datilologia e com polegar**

Busca por:	PALAVRAS		QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO COM POLEGAR	QUANTAS VEZES
SEM EXPRESSÃO	casa Datilologia		Mansão		1x		
			2x		1x		
			1x		1x		
	CASA		1x		1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Nesse Quadro podemos encontrar a mesma situação do Quando 49.

**Quadro 54 - Corpus de sinais da categoria COM EXPRESSÃO – casa e Casa com polegar**

Busca por:	PALAVRAS	QUANTAS VEZES	SINAIS	QUANTAS VEZES	SÍMBOLO COM POLEGAR	QUANTAS VEZES
<b>COM EXPRESSÃO</b>	casa	1x		1x		
		Ali casa avó – 1x		2x		
	Olhar casa – 1x					
	1x		1x			
	1x		1x			
	Sobrado – 1x		Sobrado – 1x			
	Casa desmorona r – 1x					
	Vou la casa – 1x		1x			
	1x		1x			
	Lá casa – 1x		1x			
	Casa	Casa avó – 1x		1x		
		1x		1x		
		Casa fora – 1x		1x		
		1x		1x		
		Casa avó – 1x		1x		

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Já nesse último Quadro foi possível encontrar a mesma situação do Quadro 50.

Nesse levantamento, 576 sinais em ambas as entradas de pesquisa, tanto no dicionário quanto na enciclopédia foram encontrados. Entretanto, no momento da organização dos quadros acima, foi possível perceber que existem sinais que não estão relacionados com o sinal de CASA, e que apresentam influência sintática e morfológica na sua construção. Neste momento, então, aplicou-se a regra de seletividade, separando-os e não fazendo uso desses sinais, pois eles fogem do objetivo proposto, que é trabalhar com a variação e a repetição do sinal de casa, no âmbito fonológico correspondente ao parâmetro configuração de mão.

E, por fim, passou-se para a terceira etapa proposta pelo autor: TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES. Essa é uma das mais importantes etapas, pois neste processo foi possível focar na variação e a repetição fonológica, presente no sinal de CASA, obtendo o resultado da análise dos sinais encontrados, de acordo com a pesquisa e eliminar os que não faziam parte do processo fonológico. Abaixo, segue a demonstração do passo a passo seguido nesta última etapa.

### Organograma 7 - Fase do TRATAMENTO DOS RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES

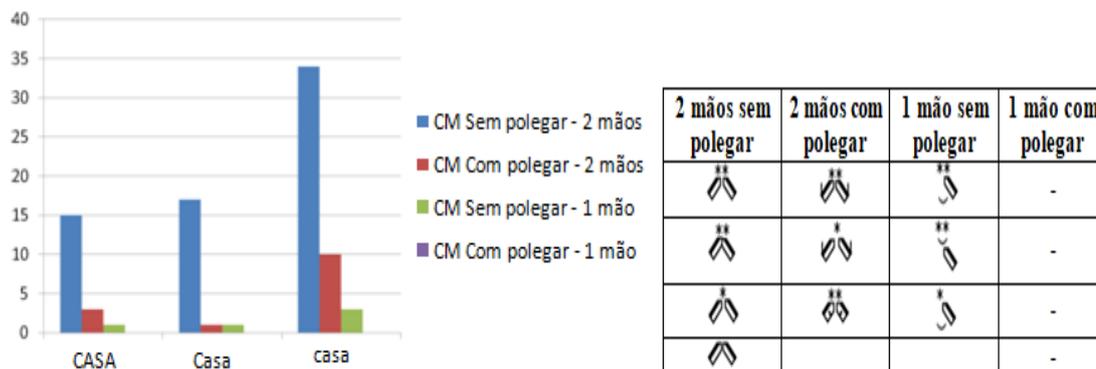


Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Após a obtenção dos sinais de forma bruta, ou seja, sem análise e tratamento, como demonstra a etapa: EXPLORAÇÃO DO MATERIAL, os materiais foram analisados e tratados a ponto de irem afinando e indo ao encontro do que se pretendia. Por isso, na etapa das operações estatísticas, esses materiais foram condensados com ênfase às informações fornecidas pelo resultado da análise.

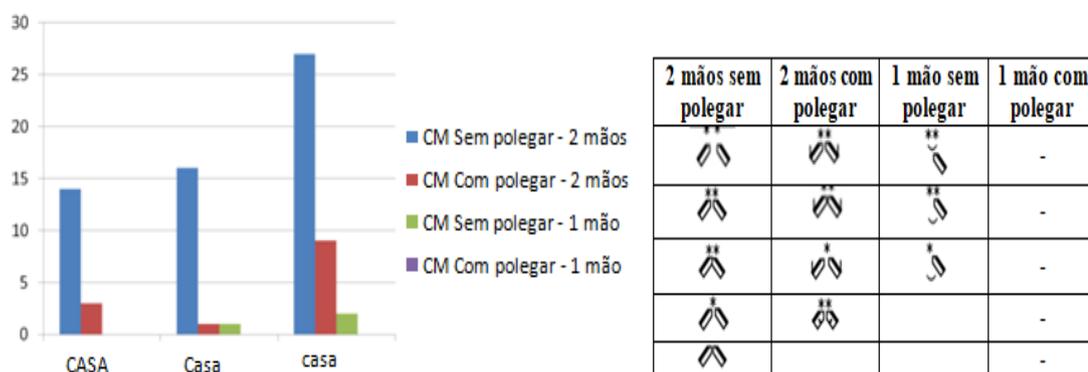
Segue abaixo o gráfico utilizado para a realização da análise dos sinais coletados.

**Gráfico 1 - Dicionário – busca pelas Palavras CASA, Casa e casa**



Fonte: Pesquisadora - , 2022.

**Gráfico 2 - Dicionário – busca pelo Sinal de CASA, Casa e casa**



Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Como pode ser percebido nos gráficos acima, o maior índice de sinais encontrados nas categorias de busca: palavra e sinal foram os registros com o uso das duas mãos: com a CM sem polegar e o termo escrito com as letras minúsculas - casa. Em segundo lugar, com as mesmas características, o termo escrito com a primeira letra em maiúscula e em terceiro lugar o termo escrito todo em caixa alta.

Vale evidenciar que a diferença presente na categoria CM Sem polegar – 2 mãos estão na forma como a palavra escrita foi salva: CASA, Casa ou casa, pois o registro em SW é o mesmo nas três categorias de busca, como evidencia a tabela ao lado do gráfico, apresentando apenas um leve afastamento entre as CM e a quantidade de movimento presente, ou não, através do - \* -. Entretanto, para fins de contabilização, tanto os afastamentos entre as

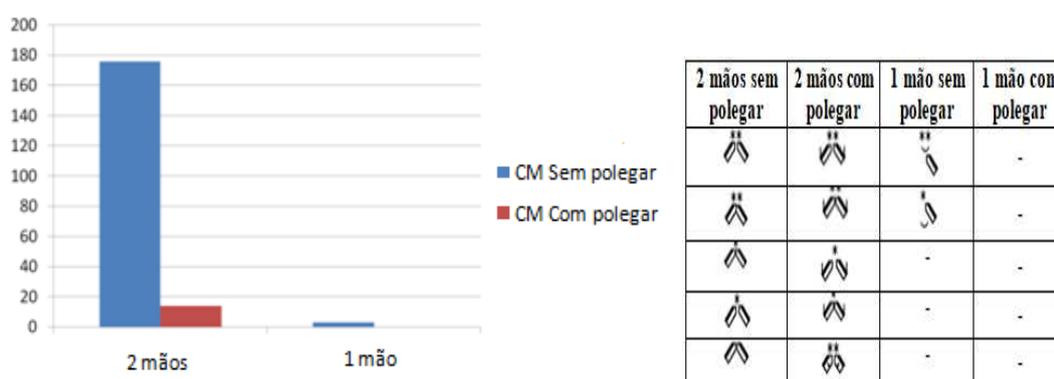
CM e o uso ou não do - \* -, não foram levados em consideração como critério de apuração, pois além da ênfase deste trabalho estar no parâmetro CM para tratar questões voltadas à fonologia da LS, esses detalhes não interferem no significado da palavra, salvo os casos em

que a CM presente esteja sozinha, afastada e sem o - \* -, como neste caso -  -.

No gráfico abaixo, a entrada de busca era correspondente aos símbolos de CM, que poderiam ser utilizados para a produção do sinal de CASA e, mesmo assim, o maior índice de sinais encontrados foram os produzidos com as duas mãos e sem o polegar. Trata-se praticamente do mesmo apresentado pelas entradas de pesquisa por palavra e sinal, predominando o uso de 2 mãos, sem polegar, e o uso apenas de uma mão, para fins de registros na escrita. A CM que prevalece é a sem polegar, nos três gráficos apresentados do grupo do dicionário.

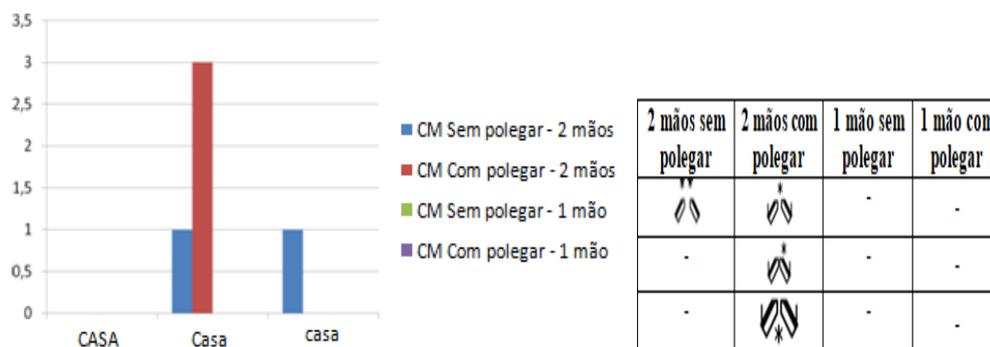
Uma ressalva sobre a escrita do sinal CASA, nos Gráficos 1, 2 e 3, em que apresenta a grafia com apenas uma mão, sem o uso do polegar. Mesmo o sinal sendo registrado apenas com uma mão, o símbolo -  -, presente na escrita, corresponde à linha de simultaneidade, significando que no momento da sinalização deve-se fazer uso das duas mãos de forma simultânea, mesmo que sua grafia apresente uma escrita simplificada e mais customizada.

**Gráfico 3 - Dicionário – busca pelos Símbolos de configuração de mão com e sem polegar**

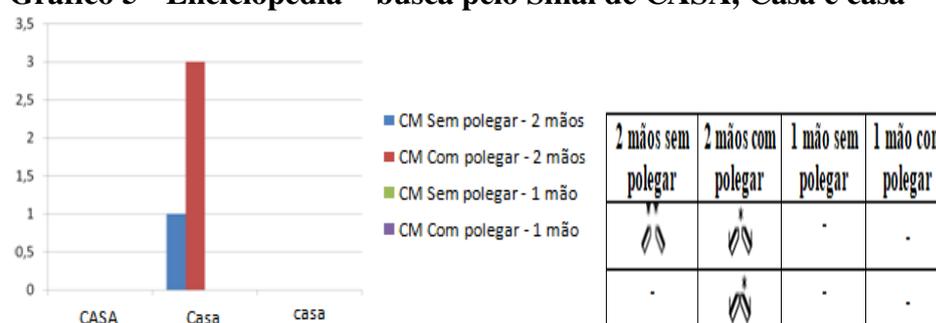


Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Vejamos, agora, os gráficos apresentados, bem como o levantamento dos sinais referente à CASA, no grupo da enciclopédia.

**Gráfico 4 - Enciclopédia – busca pelas Palavras CASA, Casa e casa**

Fonte: Pesquisadora - , 2022.

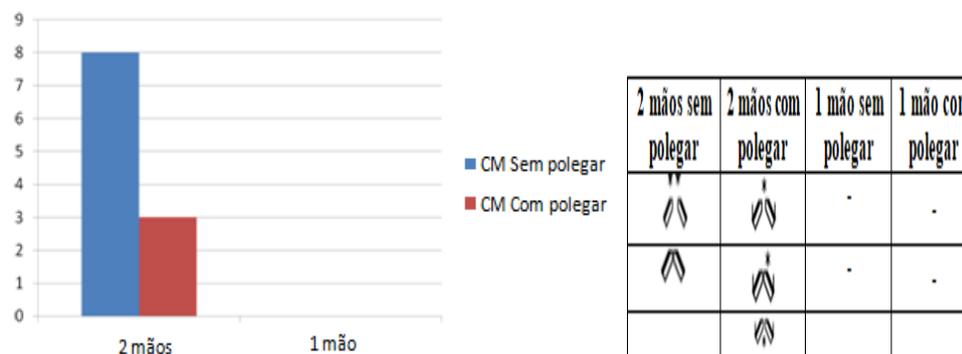
**Gráfico 5 - Enciclopédia – busca pelo Sinal de CASA, Casa e casa**

Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Com relação aos Gráficos 4 e 5 apresentados acima, podemos perceber que o maior índice de sinais encontrados nas categorias de busca por palavra e sinal diz respeito aos registrados com o uso das duas mãos, com a CM com polegar e o termo escrito com a primeira letra maiúscula – Casa. Interessante observar que em ambos os gráficos não foram encontrados registros com o termo CASA e apenas no Gráfico 4 foi encontrado um único sinal com o registro de casa feito todo em minúsculo.

No Gráfico 6, abaixo, a entrada de busca corresponde aos símbolos de CM, que poderiam ser utilizados para a produção do sinal de CASA. Vejamos que, aqui, o índice de sinais encontrados difere-se dos Gráficos 4 e 5, que apresentam o uso de duas mãos e com a CM com polegar. Nesse gráfico o que se evidencia é o uso também de duas mãos para a produção do sinal, entretanto a CM não apresenta o polegar, igual ao Gráfico 3, relacionado ao dicionário.

**Gráfico 6 - Enciclopédia – busca pelos Símbolos de configuração de mão com e sem polegar**



Fonte: Pesquisadora - , 2022.

Vale destacar que, no grupo da enciclopédia, os afastamentos entre as CM e o uso, ou não, do -\* -, seja ele qual for a posição adotada, também não foram levados em conta como critérios de apuração dos sinais encontrados nas três formas de buscas: tanto palavra, quanto sinal e/ou símbolo. Outro detalhe a ser observado na análise dos gráficos acima, tanto no grupo do dicionário quanto da enciclopédia, todos eles apresentam recorrência na composição do sinal, no que diz respeito à quantidade de sinais encontrados em cada categoria de busca. Essas recorrências só foram detectadas porque a plataforma SignPuddle permite a alimentação da mesma por pessoas que tenham o conhecimento da ELS em SW, assim como a sua produção em que o sujeito opta por registrar um novo sinal, ao invés de utilizar o mecanismo de busca para ver se já houve o registro do termo desejado, ocasionando, assim, uma vasta gama de sinais salvos para um único termo.

Além disso, essa recorrência é interessante de ser ressaltada, pois, até o presente momento, não se detectou trabalhos que abordassem esse tipo de situação dentro desta plataforma, ainda mais por sinais escritos do mesmo jeito, como é o caso dos seguintes

exemplos: 1) , 2)  e 3) , em que o que difere um do outro é a questão da aproximação das CM: no 1º elas estão juntas; no 2º e 3º mais longe, ou na repetição do movimento realizado, em que o significado não é alterado. Apesar do exemplo 1 não apresentar o - \* - que se refere ao contato que as CM fazem uma na outra. Porém, o fato dele ter sido registrado com as CM encostadas faz menção de que elas apresentam contato.

Com isso, podemos concluir que mesmo utilizando dois grupos para a realização da pesquisa – dicionário e enciclopédia –, e com a entrada de busca por palavras, sinais e símbolos, os seis gráficos mostram que a recorrência do sinal de casa, mais presente em primeiro lugar é o que faz uso de duas mãos sem o polegar para a sua composição, utilizando

a CM -  -, aparecendo 310 vezes. Em segundo lugar, o uso das duas mãos com o polegar, com as seguintes CM: -  - aparece 42 vezes e -  - aparece 8 vezes. Por último, o registro de uma mão sem o polegar, apresentando, assim, 11 vezes no levantamento do sinal.

Tendo como base o exposto acima, no que diz respeito à análise dos gráficos, o autor

Nobre -  - (2011, p. 83) faz a seguinte colocação:

[...] identificar as regras de grafia a fim de consolidar um sistema padronizado que possa ser usado de forma similar por todos os usuários, facilitando o entendimento e a compreensão da escrita. Para estudar o aspecto de padronização da escrita da Libras o sistema escolhido para esta pesquisa tem a seguinte característica: O sistema *SignWriting* apresenta os grafemas de forma simultânea e sequencial. O leitor pode ler ao mesmo tempo a Configuração de Mão, a Localização e o Movimento do sinal.

Os quadros que fazem seguimento aos gráficos, mostram-nos exatamente o que o autor cita, pois todos os sinais apresentam regras quanto à sua composição, sendo elas: todas as escritas possuem configuração de mão, orientação da palma da mão e movimento. O que vai evidenciar a diferença na escrita são os alofones<sup>60</sup>, que, neste caso, correspondem às Configurações de Mãos, pois o Movimento e a Orientação da Palma da Mão, presentes na produção do sinal de CASA, são os mesmos. Vejamos na ilustração abaixo:

#### Ilustração 70 - Parâmetros empregados no sinal de CASA em SW

CM	  
O	  
M	* * *

Fonte: Pesquisadora -  , 2022.

A ilustração acima evidencia que o sinal de casa pode ser produzido com as três CM ilustradas acima, sendo representadas pelas seguintes escritas: -



-, sem que haja alteração no significado da palavra e

<sup>60</sup>Como ditona página 100, os alofones são as realizações fonéticas de um mesmo fonema, em que a variação apresentada não muda o significado.

interferência na regra de composição do sinal, visto que a LS permite essa pequena diferença com relação à posição que o polegar assume, caracterizando-se como alofone nessa língua.

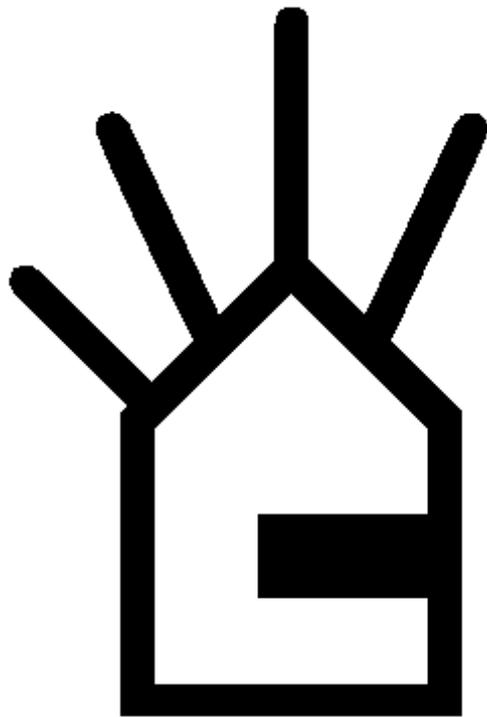
Com base nos pressupostos de Bardin (1977), as inferências e as interpretações, a propósito dos dados trabalhados neste subtítulo, fazem-nos refletir que, de fato, a Língua de Sinais permite-nos algumas flexibilidades quanto à escrita do sinal de CASA. Isso ocorre devido ao fato de uma das regras presentes na composição de um sinal ser o alofone, em que uma pequena mudança fonológica na Configuração de Dedo, correspondente ao polegar da CM, utilizada para a produção do sinal de CASA, evidencia que não há prejuízo quanto ao seu significado, podendo ser produzido com as três configurações de mão a seguir -



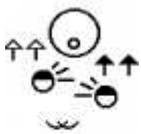
Já no que tange a padronização do sinal, é possível chegar a um consenso com base na pesquisa, que evidencia o sinal de CASA com variação quanto a CM utilizada para o registro do termo, sendo o maior quantitativo de registros e recorrências que apareceram no

levantamento de sinais de casa que faz uso da seguinte CM -  -, mostrando que a tendência

dos usuários em registrar o sinal de casa no SignPuddle Online acontece com esta CM -  -. Podendo, então, a área da lingüística encarregar-se de discutir em fóruns, congressos e eventos, a possibilidade de padronizar a escrita do termo, covalidando-o com a Comunidade Surda e difundindo-o na escrita em Língua de Sinais.



#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS



A ideia desta pesquisa surgiu em decorrência do uso direto da plataforma SignPuddle Online para fins profissionais e por ter tido a oportunidade de participar de um curso de extensão universitária sobre o Sistema de Escrita SignWriting, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, com carga horária de sessenta horas, com o professor Adam Frost -  -; membro da equipe de Valerie Sutton -  -, que é a idealizadora do SW; atuando no ensino deste sistema. Poder ter participado desse curso no ano de 2008 foi de grande valia, pois nele consegui aprender a utilizar outros recursos disponíveis na plataforma.

Porém, esse não foi o único motivo. Além dele, poder ser orientanda da professora Dra. Marianne Rossi Stumpf -  - sempre fascinou-me, pois meu interesse de pesquisa é a área de estudos dela. Com isso, a necessidade de buscar conhecimentos técnicos foi o que me levou a estudar no Programa de Pós-Graduação em Linguística, onde Stumpf -  - faz parte, motivando-me ainda mais a adentrar nesta área.

Ao realizar o presente trabalho, deparei-me com estudos nunca antes pensados, que poderiam fazer ligação com a minha proposta de pesquisa. A exemplo disso, o caso da oralidade e da escrita, pois uma área pouco aprofundada por mim, até então, conseguiu despertar meu interesse, conciliando os temas voltados à fonética e à fonologia da língua de sinais, interligados com a escrita dessa língua, através do sistema de escrita SignWriting.

Partindo, então, do entendimento de que o ser humano faz uso de produtos culturais, como os signos linguísticos, para interagir com o seu meio, a linguagem nesse processo ganha um papel de destaque na construção desses sujeitos e de suas relações. No que tange aos sujeitos surdos, o processo não poderia ser diferente, pois sendo eles usuários de uma língua, no caso a Libras, é através dela que eles se relacionam socialmente.

Assim, tendo isso como premissa, os estudos voltados à língua de sinais vêm crescendo significativamente, e com atenção à sua estrutura, composição gramatical, estudos semânticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos, fonéticos, pragmáticos, lexicais e mais recentemente as possibilidades de registros dessa língua.

Isso leva-nos a reflexão de que as línguas possuem representações simbólicas. Ou seja, representação essa que é chamada de escrita, seja ela em língua portuguesa ou em Libras, no caso do Brasil, pois se compõem ao longo dos anos, através da evolução de seus povos e de construções coletivas que possuem como resultado a representação escrita de uma língua.

Sendo assim, o registro delas é primordial à sua permanência e existência, mantendo-as viva dentro da comunidade, que delas fazem uso. Já no caso da LS, a sua escrita também é uma forma de se recorrer à língua, principalmente através do acervo disponibilizado na plataforma SignPuddle Online e suas formas de escritas, auxiliando nos estudos dela, nas suas notações e principalmente na sua utilização prática.

Seguindo esse viés, esta pesquisa trata dos aspectos fonológicos da Língua de Sinais, analisando as configurações de mãos utilizadas na grafia do sinal de CASA, em SignWriting, bem como as escolhas fonológicas encontradas na plataforma SignPuddle Online. Essas escolhas podem ser motivadas por causa do contexto linguístico ao qual o sujeito surdo e/ou ouvinte produz o sinal, podendo, assim, serem identificados por apresentarem variação na produção do sinal entre os sujeitos, ou na variação da produção de um mesmo sinal, que é realizado pelo próprio sujeito, apresentando, assim, a não alteração do seu significado, como é o caso do sinal de casa.

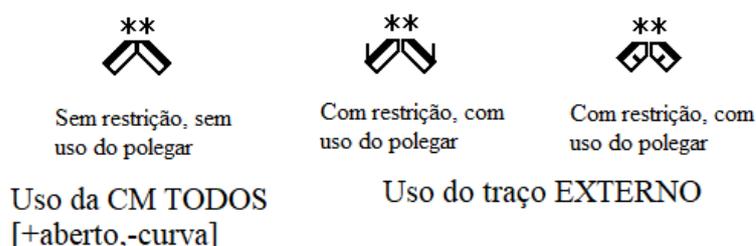
Vale ressaltar que a variação na produção desse sinal, sem alteração no significado,

no que se refere à CM, também recebe o nome de pronúncia (XAVIER – , 2014, p. 28), pois ela possibilita a flexibilidade em registrar o léxico, fazendo o uso de uma CM básica; a primeira; em escrita de sinais e as demais suas variantes do polegar: -



- Essa versatilidade só é possível devido à variação presente na configuração de mão 1, em que as CM 2 e 3 variam através da configuração de dedo, em que a alteração da posição do polegar, presente na CM, acaba por inviabilizar a utilização dos demais dedos, sem influenciar o significado da escrita do sinal. Os demais parâmetros que compõem o sinal não sofrem alterações, como é o caso do M e da O, pois são padrões para a escrita desses termos.

No exemplo a seguir é possível perceber que os três sinais registrados para o termo CASA apresentam o mesmo Movimento, representados pelos - \*\* -. Além disso, apresentam a mesma orientação da palma da mão, representada pela posição da palma da mão voltada para baixo, parte branca, e o dorso para cima, parte preta, diferenciando apenas na CM presente, em que o primeiro não tem restrição e o segundo e o terceiro sim, devido à presença do polegar.



Essa alteração mínima, no que se refere a CD da CM, chama-se alofone e está presente na LS, pois as CM fazem parte de um mesmo grupo, que são organizadas conforme a posição que as CD vão tomando dentro daquelas configurações a nível fonológico. Tendo como base o exposto, pode-se inferir que a Língua Oral possui diferença entre a oralidade e a escrita do sujeito ouvinte, entretanto é possível perceber que na LS, no que tange a escrita do léxico casa, essa diferença não é realçada, pois como seu registro acontece com base na perspectiva de quem o produz, o sujeito usuário do SW registrará esse sinal, conforme a sua sinalização, respeitando os critérios de restrição quanto à posição da CD.

Vale ressaltar que, o sinal de casa também pode apresentar escrita com apenas um glifo - \* - ou até mesmo nenhum para representar o movimento realizado na produção do sinal, como é o caso das grafias -  - e -  -, em que a primeira é registrada com apenas um glifo - \* -, e a segunda com nenhum, embora a CM tenha sido escrita junto, representando que há o movimento de toque entre elas. Esses dois registros são permitidos pelas regras fonológicas por apresentarem customização na escrita deste sinal.

Outro detalhe importante de ser comentado, é que além das três entradas de pesquisa – POR PALAVRA, SINAL e SÍMBOLO, é possível utilizar também a entrada SÍMBOLO DE FREQUÊNCIA, em que não se faz uso nem de palavras, nem CM para a realização da pesquisa, apenas utilizam-se símbolos de frequência - \* - ou - \*\* -, que ainda possibilitam o encontro de mais duas formas de registros do léxico CASA: -  - que faz uso da articulação proximal dos dedos dobrados, e -  - no diminutivo.

Vejam os caminhos utilizados para a entrada, que foi percorrido na pesquisa por SÍMBOLOS DE FREQUÊNCIA.

### **Ilustração 71 – Quarta categoria – SÍMBOLOS DE FREQUÊNCIA**

SignPuddle Online v2.1  
Symbol Frequency

Analyzing symbol frequency of 77020 signs

**1) Select a category**

Hands **2** Movement Dynamics Head & Faces Body

**2) Select a SymbolGroup**

**3** Contact Finger Movement Straight Wall Plane Straight Diagonal Plane Straight Floor Plane Curves Parallel Wall Plane Curves Hit Wall Plane Curves Hit Floor Plane Curves Parallel Floor Plane Circles

**3) Select a BaseSymbol**

**4**

* Oll **	x	+	++	+	#	##	##	@	
Touch Single (17432)	Touch Multiple (6119)	Touch Between (829)	Grasp Single (851)	Grasp Multiple (23)	Grasp Between (320)	Stroke Single (713)	Stroke Multiple (143)	Stroke Between (37)	Brush Single (6222)
@@	@	@	@@	@	Surface Symbols (1815)	Surface Between (445)			
Brush Multiple (470)	Brush Between (311)	Rub Single (4814)	Rub Multiple (93)	Rub Between (98)					

Fonte: Pesquisadora - , 2021.

Dando continuidade no que se refere ao problema de pesquisa desta dissertação: “tendo como base que a Língua Oral possui diferença entre a oralidade e a escrita do sujeito ouvinte, é possível perceber o mesmo nas Línguas de Sinais? O que leva um sujeito surdo a registrar de diferentes formas um mesmo termo? Será que esse registro ocorre conforme a sua sinalização ou de acordo com o contexto de fala? Ou seja, conforme ele fala, ele também escreve”? Pode-se dizer que, em primeiro lugar, nas LS não se percebe a diferença entre a sinalização e a escrita do sujeito surdo, pois como ela é registrada conforme a sua perspectiva de fala, o indivíduo registrará os sinais conforme ele enxerga a sua sinalização, inclusive demonstrando na sua escrita se o mesmo é canhoto ou destro, e qual das duas mãos é a ativa e passiva.

Entretanto, é importante mencionar que existem alguns casos de sinais grafados de forma errônea, não sendo possível distinguir se esse erro é intencional ou é, de fato, como o sujeito está enxergando-se no momento da sinalização. Além disso, seu registro também é influenciado pelo contexto linguístico, social e cultura, ao qual este sujeito pertence e, por isso, há uma grande quantidade de recorrências parecidas, assim como suas variações.

Com isso, segundo o objetivo geral proposto: “compreender as diferentes possibilidades de variação fonológica, no que se refere ao parâmetro fonológico de configuração de mão, no registro do léxico CASA, em SignWriting, encontrados na

plataforma SignPuddle”. Ele só foi possível de ser compreendido devido aos estudos relacionados às Configurações de Dedos, pois segundo a posição ocupada pelo polegar, com relação à CM base do grupo -  -, é que ditará se o sinal apresentará restrição, ou não, na sua escrita, permitindo apenas as três variações citadas acima para a construção do sinal CASA.

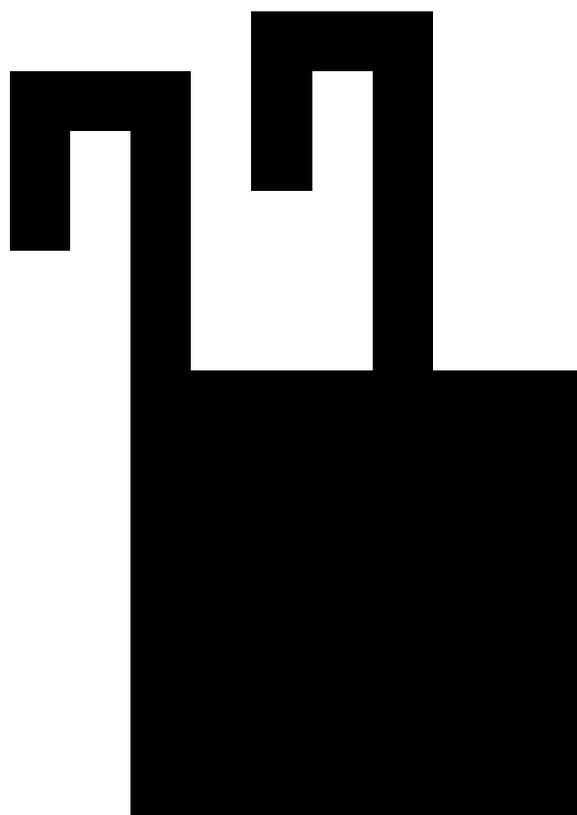
Já com relação aos objetivos específicos elencados nesta pesquisa, pode-se dizer que todos foram contemplados, pois com base no levantamento realizado dos sinais cadastrados na plataforma, chegou-se a um total de 576 sinais registrados para o termo CASA, dentre eles: sinais que apresentavam diferença e semelhança quanto a sua fonologia, sintaxe e morfologia. Como o trabalho tem como objetivo analisar apenas os sinais que apresentassem tanto recorrência, quanto diferença, no que se refere à sua fonologia, acabou-se, então, trabalhando com um quantitativo de 371 sinais, que apresentaram três CM diferentes na sua escrita, e os demais acabaram sendo descartados na fase final da análise, contemplando os dois primeiros objetivos.

Para que isso fosse possível, foram utilizados como mecanismos de busca: o dicionário e a enciclopédia, presentes na plataforma SignPuddle Online brasileira. Para cada um desses mecanismos foram utilizados como entrada de busca: PALAVRA, SINAL e SÍMBOLOS, do léxico casa, escrito de três formas: CASA, Casa e casa e os símbolos de CM com e sem polegar. Dessa forma, conseguiu-se obter o maior número possível de registros na plataforma, contemplando o terceiro objetivo.

E, por último, já que a fala não pode ser normatizada pelas regras presentes na escrita, ou seja, tentar corrigir a forma que o sujeito fala, com base nas regras da escrita pode-se tentar um consenso na academia para a padronizaçãodo registro do léxico CASA, utilizando uma única forma, justificando que, conforme o levantamento de recorrências encontradas na plataforma SignPuddle Online, sobre esse léxico, conforme descrito no capítulo 3, subtítulo 3.4.2, em que dos 371 sinais analisados referentes à casa, 321 recorrências dizem respeito ao uso da CM -  -, 42 recorrências com a CM -  - e 8 com a CM -  -. Concluindo, assim, que a maioria dos usuários desta plataforma utiliza a mesma CM para o registro do léxico CASA, compreendendo que não se tem como desassociar a oralidade da escrita, pois elas co-existem na história por apresentarem cada uma um papel na sociedade.

Sendo assim, essa pesquisa veio elucidar a necessidade de se adentrar as discussões referentes às políticas linguísticas, pois as análises aqui empregadas demonstraram que o registro do léxico CASA, na plataforma SignPuddle Online, apresenta falhas quanto a sua grafia e que podem ser corrigidas com o suporte das políticas linguísticas quanto a padronização da escrita em SW deste léxico, sanando suas falhas/equívocos aqui demonstrado, conforme o quarto objetivo desta dissertação.

Com isso, podemos finalizar dizendo que: o presente trabalho conseguiu contemplar seu problema de pesquisa, seu objetivo geral, bem como seus objetivos específicos de forma satisfatória. Somado a isso, deu conta de cada um dos critérios elencados nesta dissertação, justificando-se pela importância de aprofundar estudos sobre os elementos gramaticais da LS, principalmente no que se refere à CM, um dos parâmetros fonológicos da Língua de Sinais, possibilitando um aprofundamento teórico-linguístico-funcional da língua e do SW à Comunidade Surda em geral.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



AGUIAR, Thiago C.; CHAIBUE, Karime. **Histórico das Escritas de Línguas de Sinais**. Centro Virtual De Cultura Surda. Revista Virtual De Cultura Surda. Edição Nº 15/ Março de 2015. [http://editora-arara-azul.com.br/site/revista\\_edicoes](http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes). Disponibilizado em [3º Artigo para REVISTA 15 de THIAGO AGUIAR e KARIME CHAIBUE.pdf](#) (editora-arara-azul.com.br). Acesso em: 03 junho 2021.

BARDIN. L. Análise de conteúdo. Lisboa: Editora Edições 70, 1977. Disponível em: <https://www.ets.ufpb.br/pdf/2013/2%20Metodos%20quantitat%20e%20qualitat%20-%20IFES/Bauman,%20Bourdieu,%20Elias/Livros%20de%20Metodologia/Bardin%20-%201977%20-%20An%C3%A1lise%20de%20Conte%C3%BAdo.pdf>. Acesso em: 29 maio 2021.

BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistério**. 2. Ed. ver. Atual. e ampl. – Salvador, v. 1: Libras Escrita, 2015.

BARTH, C. **Construção da leitura escrita em línguas de sinais de crianças surdas em ambientes digitais**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponibilizado em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17610/000721258.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 junho 2021.

BENASSI, Claudio A. **O despertar para o outro: entre as escritas da língua de sinais/ Claudio Alves Benassi**. – 1. ed., reimp. – Rio de Janeiro: Autografia, 2017. 154 p.: il.; 21cm.

BÓZOLI, Daniele M. F.; STUMPF, Marianne R. **SignPuddle: o uso do sistema SignWriting na produção textual em Língua Brasileira de Sinais**. Revista ECOS vol24, Ano 15, nº 01, 2018.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 2002. Disponibilizado em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 01 junho 2021.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Diário Oficial da União: 2005. Disponibilizado em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 01 junho 2021.

BRITO, L. F. BRITO et al. (org.). **Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: SEESP, 1998, vol. 3.

BRITO, Lucinda F. Por uma gramática de línguas de sinais/ Lucinda Ferreira Brito. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Folologia, 1995.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAFHAEL. Walkiria D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Vol. I e II: Sinais de A a Z. Ilustração: Silvana Marques. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

CAPOVILLA, Fernando C.; RAFHAEL. Walkiria D.; VIGGIANO, Keila; NEVES, Sylvia; LUZ, Renato. **SignWriting: implicações psicológicas e sociológicas de uma escrita visual direta de sinais, e de seus usos na educação de surdos**. Revista Espaço: informativo

técnico-científico do INES. Nº 13, Rio de Janeiro – RJ: INES, 2000, v. semestral. p. 31 – 37. Disponibilizado em <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-espaco/article/view/344/486>. Acesso em 20 setembro 2022.

COSTA, Messias. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras**. 2012. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

CRASBORN, Onno. Phonetics. In Roland Pfau, Markus Steinbach and Bencie Woll (eds.), **Sign Language: An International Handbook**. Berlin: de Gruyter, pp. 4-20, 2012.

**Dicionário Online de Português**. Disponibilizado em <https://www.dicio.com.br/agrafa/>. Acesso em: 15 maio 2021.

FERNANDES, Leandro A. **Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais: conhecendo o sistema ELiS**. Revista Domínio de Linguagem. Uberlândia. Vol. 14, n.1. 2020.

FILHO, Genivaldo O. S; OLIVEIRA, Rozilda R. dos S; SOUZA, Rita de C. S. *A atuação do intérprete educacional de Libras na educação inclusiva: os procedimentos da tradução para escrita da Língua de Sinais (SignWriting) como um campo novo de estudo*. In: SOUZA, Rita de C. S. (Org.). **Diálogos sobre Educação: saberes e práticas inclusivas**. Aracajú: Editora Criação, 2018. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/1e5s1n5>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

FROST, Adam; SUTTON, Valerie. **SignWriting – Sign Languages Are Written Languages! American Sign Language Hand Symbols**. Copyright. Center for Sutton Movement Writing. First Edition. 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/39941992/SignWriting\\_Hand\\_Symbols\\_in\\_the\\_International\\_Sign\\_Writing\\_Alphabet\\_2010](https://www.academia.edu/39941992/SignWriting_Hand_Symbols_in_the_International_Sign_Writing_Alphabet_2010). Acesso em: 29 maio 2021.

GALVÃO, Ana Maria de O, BATISTA, Antônio A. G. **Oralidade e escrita: uma revisão**. Caderno de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403 – 432, maio/ago. 2006.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social/ Antonio Carlos Gil**. – 6. Ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

IATSKIU, Carlos E. A. **Serviço web de interpretação do modelo fonológico computacional da Libras para os símbolos gráficos do SignWriting**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Informática, Setor de Ciências Exatas. Curitiba – PR. 2014. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/35199/R%20-%20D%20-%20CARLOS%20EDUARDO%20ANDRADE%20IATSKIU.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 de maio 2021.

KLEIMAN, Angela B. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 173-203.

LEITE, Tarcísio. **Leitura e Produção de Texto**. Florianópolis: UFSC, 2009.

LUCHI, Marcos; STUMPF, Marianne R.; WANDERLEY, Débora C. *Sistema de notações e escritas de línguas de Sinais*. In: **Estudos da língua brasileira de sinais IV/ Marianne Rossi**

Stumpf, Ronice Müller de Quadros (orgs.) – Florianópolis: Editora Insular: Florianópolis: PGL/UFSC, 2018.

MARCUSCHI, Luiz A. DIONÍSIO, Angela P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: **Fala e escrita**/Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionísio. 1. Ed., 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007. 208 p. – p. 13 – 30.

NASCIMENTO, Leoni R. S.; COSTA, Edivaldo da S. A importância da escrita da língua brasileira de sinais por meio do sistema SIGNWRITIN. **11º Encontro Internacional de Formação de Professores** – Seção Sergipe. 2018. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/viewFile/1838/682>. Acesso em: 01 junho 2021.

NOBRE, Rundesth S. **Processo de grafia da língua de sinais**: uma análise fono-morfológica da escrita em SignWriting. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PPGLin. Florianópolis. 2011/1. Disponibilizado em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/130863>. Acesso em: 29 maio 2021.

PAIVA, Vera Lúcia M. de O e. **Manual de pesquisa em estudos lingüísticos**/Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de sinais brasileira**: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224p. : il. ; 23cm.

QUADROS, Ronice M. **Libras**/ Ronice Muller de Quadros; editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. ed. – São Paulo : Parábola, 2019. 184 p. ; 23cm (Linguística para o ensino superior ; 5)

SILVA, Alan D. S.; COSTA, Edivaldo da S.; BÓZOLI, Daniele M. F.; GUIMERO, Daniela G. **Os sistemas de escrita de sinais no Brasil**. Centro virtual de cultura surda. Revista surda virtual de cultura surda. Edição Nº 23 / Maio de 2018. [http://editora-arara-azul.com.br/site/revista\\_edicoes](http://editora-arara-azul.com.br/site/revista_edicoes). Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/2%C2%BA%20Artigo%20da%20Revista%2023%20de%20SOUSA%20SILVA%20e%20Outros.pdf>. Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, Denize E. G. da. **A oralidade da linguagem frente à cultura escrita**. *Rev. ANPOLL*, n. 9, p. 23-39, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/366/375>. Acesso em: 07 junho 2021.

SILVA, Valéria S. da; COSTA, Edivaldo da S.; TELES, Margarida M. Sinais bimanuais da Libras: um estudo da produção de sinais realizados no subespaço “costas da mão” do parâmetro locação. In: Estudos lingüísticos e literário. *Revista Leitura*, Maceió, n. 63, jul./dez. 2019, p. 106 – 119. Disponível em: <file:///C:/Users/crisiane%20soares/Downloads/7066-Texto%20do%20Artigo-28812-1-10-20190610.pdf>. Acesso em: 30 setembro 2022.

SILVA, Vitória T. C. **Direcionalidade na pesquisa empírico-experimental em interpretação intermodal entre Libras e português.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – PPGET. Florianópolis. 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/221327/PGET0502-D.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 01 maio 2021.

SLEVINSKI, Stephen E. Jr. **SignPuddle 3: Front & Back.** 2016. Disponível em: <http://www.signwriting.org/symposium/presentation0062.html>. Acesso em: 01 junho 2021.

SOARES, Magda B. **Língua escrita, sociedade e cultura.** Relações, dimensões e perspectivas. Trabalho apresentado na XVII Reunião Anual da ANPed. Caxambu – Revista Brasileira de Educação – set/out/Nov/dez 1995, nº0. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0\\_03\\_MAGDA\\_BECKER\\_SOARES.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE0/RBDE0_03_MAGDA_BECKER_SOARES.pdf). Acesso em: 10 junho 2021.

SOARES, Magda B. **Novas práticas de leitura e escrita:** letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/educacao/377>. Acesso em: 09 junho 2021.

SOUSA, Óscar C. de. **O desafio da Lusofonia:** diversos falares, uma só escrita. *Revista Lusófona de Educação*, v. 16, 2010. p. 39 – 46.

SOUZA, Paulo C. de. SANTOS, Raquel S. Fonologia. In: **Introdução à Linguística II: princípios de análise.**/ José Luiz Fiorin, (org). 4. Ed. – São Paulo, SP: Contexto, 2005, p. 33 – 58.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda/** Karin Strobel. 4. Ed. 1. reimp. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

STUMPF, Marianne R. O estado da arte e da escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting: uma meta-análise. In: **Entre a Libras e o Português: desafios face AP bilinguismo.**/ organizado por Jorge Bidarra, Tânia Aparecida Martins e Márcia Sipavicius Seide. – Cascavel, PR.: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, vol. 1, p. 83 – 115.

STUMPF, Marianne R. **Escrita de Sinais I.** Florianópolis: UFSC, 2008. (Texto base do Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância).

STUMPF, Marianne R. **Aprendizagem da escrita de língua de sinais pelo sistema de SignWriting:** língua de sinais no papel e no computador. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

SUTTON, Valerie. **Lessons in SignWriting** – Textbook by Valerie Sutton. Copyright. Center for Sutton Movement Writing, Inc. Fourth Edition published in 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/39941909/Lessons\\_in\\_SignWriting\\_Textbook](https://www.academia.edu/39941909/Lessons_in_SignWriting_Textbook). Acesso em: 29 maio 2021.

TFOUNI, Leda.V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo: Cortez, 1995.

VIANA, Joseane M. **Adaptação do Shape Coding para o ensino de Língua Portuguesa para surdos do sexto ano do Ensino Fundamental.** 2019. 111p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação,

Universidade Federal de Pelotas, 2019. Disponível em: [http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4478/1/Dissertacao\\_Joseane\\_Maciel\\_Viana.pdf](http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4478/1/Dissertacao_Joseane_Maciel_Viana.pdf). Acesso em: 10 junho 2021.

XAVIER, André N.; BARBOSA, Plínio A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?** Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. D.E.L.T.A, v.30.2, p. 371 – 413, 2014. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/264788285\\_Diferentes\\_pronuncias\\_em\\_uma\\_lingua\\_nao\\_sonora\\_Um\\_estudo\\_da\\_variacao\\_na\\_producao\\_de\\_sinais\\_da\\_libras](https://www.researchgate.net/publication/264788285_Diferentes_pronuncias_em_uma_lingua_nao_sonora_Um_estudo_da_variacao_na_producao_de_sinais_da_libras). Acesso em: 10 junho 2021.

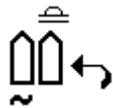
XAVIER, André N. **Uma ou duas? Eis a questão!:** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). 2014. 178p. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/crisiane%20soares/Downloads/Xavier\\_AndreNogueira\\_D.pdf](file:///C:/Users/crisiane%20soares/Downloads/Xavier_AndreNogueira_D.pdf). Acessado em 11 maio 2022.

WANDERLEY, Débora C. **A Classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais: uma análise a partir do SignWriting.** Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194005>. Acesso em: 29 junho 2022.

WANDERLEY, Débora C. OLIVEIRA, Janine S. Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas. **Análise do processo de registro em Signwriting: contribuições para a fonologia da Libras.** Revista Leitura V.1 nº57 – jan/jun 2016 – p. 219 – 251. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2697/2864>. Acessado em: 29 setembro 2022.



ANEXO



E-mail da conversa do Prof<sup>o</sup> Almeida -  - com o Slevinsk -  - :-

Gmail - What is the functionality of the SignPuddle encyclopedia?

<https://mail.google.com/mail/u/1/?ik=983eaea438&view=pt&search=a..>



Profo Rubens Almeida <rubens.escritadesinais@gmail.com>

## What is the functionality of the SignPuddle encyclopedia?

6 mensagens

Profo Rubens Almeida <rubens.escritadesinais@gmail.com> 5 de outubro de 2022 19:11

Para: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <SW-L@listserv.valenciacollege.edu>

Cco: Profo Rubens Almeida <rubens.escritadesinais@gmail.com>, Prof<sup>o</sup> Rubens Almeida <rubens.prof.interprete@gmail.com>, escrevaemlibras@gmail.com

Greetings to all SignWriting List members,

I'm curious to understand what I can create in SignPuddle Brasil's encyclopedia directory. I have always used dictionary directories and the literature library to create and search for signs and texts written in Libras. So I would like to know what is the difference between the dictionary and the encyclopedia. Even on page 13 of the Help Manuals, each directory except the encyclopedia is explained. I accessed the encyclopedia and realized that there are few records of signals, both from Brazil and the United States as well, and with similar functionalities.

Thank you so much for everyone's attention!

Hugs!

**Directory of SignPuddle Files**

**Sign Language Dictionary**  
Search for signs in the dictionary and paste them into your documents. Create your own signs and add them to the dictionary. Send email to signpuddle. Translate them words to signs. Search by words, signs, symbols, and symbols/Regulatory. Click here.

**Sign Language Literature**  
Search for Sign Language Literature already posted, by title, with words, signs or symbols. Write your own Signwriting Literature and post it freely as the Auto for others to read and enjoy. Send your documents in email to share with others on the internet. Click here.

**SignPuddle Manual & Videos**  
While working in SignPuddle, you can quickly access instruction files on using the software. Video instruction shows the way a computer screen looks while doing different tasks. The Public Reference Manual can be downloaded in PDF format.

**Tech Support**  
Email: [Sales@SignWriting.org](mailto:Sales@SignWriting.org)  
Voice: 800-456-2000 Pacific Time  
<http://www.signpuddle.org/signpuddlehelp/>

**SignWriting Instruction**  
While working in SignPuddle, you can quickly access instruction files on SignWriting and the MAA, the International Movement Writing Alphabet. Lessons are stored in a SignPuddle Directory that can be searched by words, signs and symbols.

Other ways to learn Signwriting are also available on the web. You can download complete Lessons in Signwriting textbooks in several languages and read web lessons: <http://www.SignWriting.org/lessons>

13

**Help Manuals - SignPuddle.pdf**  
115K

Stephen Slevinski <[slevin@signpuddle.net](mailto:slevin@signpuddle.net)>

6 de outubro de 2022 11:18

Google - What is the functionality of the SignPuddle encyclopedia? <https://mail.google.com/mail/u/1/?ui=983eae438&view=pt&search=...>

Responder a: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <SW-L@listserv.valenciacollege.edu>  
 Para: SW-L@listserv.valenciacollege.edu

Hi Profo Rubens Almeida,

The dictionary is for single sign entries. They may have a sign text definition.

The encyclopedia is for extended texts. The sign entry, if there is one, would be the entry title. In theory, the encyclopedia is a place to prepare texts for the sign language wikipeas on the Wikimedia Incubator.  
 \* [https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test\\_wikis\\_of\\_sign\\_languages](https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test_wikis_of_sign_languages)

-Steve

[Texto dos mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]

---

#### SIGNWRITING LIST INFORMATION

Valerie Sutton SignWriting List moderator [sutton@signwriting.org](mailto:sutton@signwriting.org)

Post Messages to the SignWriting List: [sw-l@listserv.valenciacollege.edu](mailto:sw-l@listserv.valenciacollege.edu)

SignWriting List Archives & Home Page <http://www.signwriting.org/forums/swlist>

Join, Leave or Change How You Receive SW List Messages <http://listserv.valenciacollege.edu/cgi-bin/wa?SUBED1=SW-L&A=1>

---

#### SIGNWRITING LIST INFORMATION

Valerie Sutton SignWriting List moderator [sutton@signwriting.org](mailto:sutton@signwriting.org)

Post Messages to the SignWriting List: [sw-l@listserv.valenciacollege.edu](mailto:sw-l@listserv.valenciacollege.edu)

SignWriting List Archives & Home Page <http://www.signwriting.org/forums/swlist>

Join, Leave or Change How You Receive SW List Messages <http://listserv.valenciacollege.edu/cgi-bin/wa?SUBED1=SW-L&A=1>

---

Valerie Sutton <[sutton@signwriting.org](mailto:sutton@signwriting.org)> 7 de outubro de 2022 13:40  
 Responder a: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <SW-L@listserv.valenciacollege.edu>  
 Para: SW-L@listserv.valenciacollege.edu

SignWriting List  
 October 7, 2022

Hi Profo Rubens Almeida, and Steve -

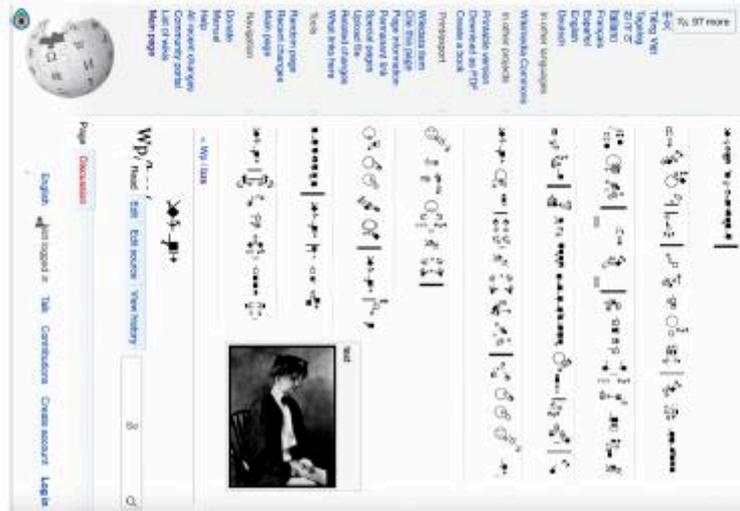
Thank you for this question about how to use the Encyclopedia section in SignPuddle...

One of the reasons there is little explanation on how to use the encyclopedia section in SignPuddle is because all of us were learning what was needed. The Wikipeas in written sign languages was a "grand experiment" and it lead us in several different directions...

For example, take a look at this beautiful article written in LIBRAS (see link below). Did you write this, Rubens? Whoever did write it, it is wonderful and thank you! But how was it composed? Did the writer use SignPuddle and then transfer the article into the Wikipedia site? Or did the author use the Rand Keyboard? I am curious to know myself... So I believe the encyclopedia section is a collection of signs people needed for writing articles, without too much consistency...but nonetheless articles are written and that is what matters...

[https://incubator.wikimedia.org/wiki/Wp/bzs/\(A01402702df04014020026904M517x554014027493x44602df04495x478014020484x503026904498x5367\)use:skin=vector](https://incubator.wikimedia.org/wiki/Wp/bzs/(A01402702df04014020026904M517x554014027493x44602df04495x478014020484x503026904498x5367)use:skin=vector)

Here is a screen capture of the beginning of the article:



On Oct 6, 2022, at 7:18 AM, Stephen Slevinski <[slevin@SIGNPUDDLE.NET](mailto:slevin@SIGNPUDDLE.NET)> wrote:

Hi Profo Rubens Almeida,

The dictionary is for single sign entries. They may have a sign text definition.

The encyclopedia is for extended texts. The sign entry, if there is one, would be the entry title. In theory, the encyclopedia is a place to prepare texts for the sign language wikis on the Wikimedia incubator.  
\* [https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test\\_wikis\\_of\\_sign\\_languages](https://incubator.wikimedia.org/wiki/Category:Incubator:Test_wikis_of_sign_languages)

-Steve

On 10/5/22 5:11 PM, Profo Rubens Almeida wrote:

Greetings to all SignWriting List members,

I'm curious to understand what I can create in SignPuddle Brasil's encyclopedia directory. I have always used dictionary directories and the literature library to create and search for signs and texts written in Libras. So I would like to know what is the difference between the dictionary and the encyclopedia. Even on page 13 of the Help Manuals, each directory except the encyclopedia is explained. I accessed the encyclopedia and realized that there are few records of signals, both from Brazil and the United States as well, and with similar functionalities.

Thank you so much for everyone's attention!

Hugs!

### Directory of SignPuddle Files

**Sign Language Dictionary**  
Search for signs in the dictionary and paste them into your documents. Create your own signs and add them to the dictionary. Send email to SignWriting. Translate from words to signs. Search by words, signs, symbols and symbol-frequency. [Click here.](#)

**Sign Language Literature**  
Search for Sign Language Literature already posted, by file, with words, signs or symbols. Write your own SignWriting Literature and post it freely on the web for others to read and enjoy. Send your documents in email to share with others on the internet. [Click here.](#)

**SignPuddle Manual & Videos**  
While working in SignPuddle, you can quickly access instruction files on using the software. Video instruction shows the way a computer screen looks while doing different tasks. The Puddle Reference Manual can be downloaded in PDF format.

**Tech Support**  
Email: [dufnd@SignWriting.org](mailto:dufnd@SignWriting.org)  
Voice: 858-456-0088 Pacific Time  
<http://www.signwriting.org/signpuddlehelp/>

**SignWriting Instruction**  
While working in SignPuddle, you can quickly access instruction files on SignWriting and the IMWA, the International Movement Writing Alphabet. Lessons are stored in a SignPuddle Directory that can be searched by words, signs and symbols.

Other ways to learn SignWriting are also available on the web. You can download complete Lessons in SignWriting webbooks in several languages and read web lessons <http://www.SignWriting.org/lessons>

13

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Profº Rubens Almeida <[rubens.escrizadesinais@gmail.com](mailto:rubens.escrizadesinais@gmail.com)>

7 de outubro de 2022 21:57

Para: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <SW-L@listserv.valenciacollege.edu>  
 Cco: Profa Rubens Almeida <rubens.escritadesinais@gmail.com>, Profª Rubens Almeida  
 <rubens.prof.interprete@gmail.com>, escrevaemibras@gmail.com

Hi Steve, Valerie and all SignWriting List members,

Thank you very much for the clarification Steve. Just one more question, could I also use the "literature" section to link the SignWriting texts to the Libras Wikipedia in the Wikimedia Incubator?

I still have a lot of questions about the best way to publish articles on the Wikimedia Incubator. Valerie posted the link that directs to a page on Wikipedia in Libras of an article about the life of Hellen Keller, which I and two other colleagues wrote in the course with Adam Frost here in Brazil in 2018. But after that I never worked with him again, the production of articles on the Wikimedia Incubator, unfortunately.

At that time, we produced the text in SignPuddle, and I don't remember if we used the "Encyclopedia" or "Literature" section, then we transferred the article to the Wikipedia site using FSW or SWU code.

In fact, I have a project that aims to teach SignWriting course students to publish articles produced during the courses on the Wikimedia Incubator, similar to what Adam taught us on that occasion.

But, I confess that I will need help, because it's been more than 4 years since Adam taught us and I don't remember the process of linking SignPuddle texts to Wikimedia Incubator. Would you have a help manual, or video tutorial teaching this procedure?

[Texto dos mensagens anteriores oculto]



Stephen Slevinski <slevin@signpuddle.net>

8 de outubro de 2022 13:36

Responder a: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <SW-L@listserv.valenciacollege.edu>

Para: SW-L@listserv.valenciacollege.edu

Hi Profa Rubens Almeida,

You can use the literature or the encyclopedia sections for the Libras Wikipedia on Incubator. Either is fine.

Gmail - What is the functionality of the SignPuddle encyclopedia?

<https://mail.google.com/mail/u/1/?ui=963eae438&view=pt&search=>

You would copy the Formal SignWriting in ASCII (FSW) from SignPuddle and paste it into the Wikipedia. At the bottom of the entry in SignPuddle, click the FSW link in the line that says "SignText data: FSW or SWU".

Regards,

-Steve

[Texto das mensagens anteriores oculto]

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Profa Rubens Almeida <[rubens\\_escritadesinais@gmail.com](mailto:rubens_escritadesinais@gmail.com)>

9 de outubro de 2022 19:52

Para: "SignWriting List: Read and Write Sign Languages" <[SW-L@listserv.valenciacollege.edu](mailto:SW-L@listserv.valenciacollege.edu)>

Thanks so much again for the directions Steve! I will try to follow these guidelines to publish my articles in Libras on the Wikimedia Incubator.

Hugs!

[Texto das mensagens anteriores oculto]

-

